



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E
CULTURA NA AMAZÔNIA

**FRONTEIRAS DA VIDA: O TRADICIONAL E O MODERNO
NO CACAU PIRÊRA/IRANDUBA**

HAMIDA ASSUNÇÃO PEREIRA

MANAUS

2006

HAMIDA ASSUNÇÃO PEREIRA

**FRONTEIRAS DA VIDA: O TRADICIONAL E O MODERNO
NO CACAU PIRÊRA/IRANDUBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Iraildes Caldas Torres

MANAUS

2006

Ficha Catalográfica
(Catalogação na fonte realizada pela Biblioteca Central - UFAM)

Pereira, Hamida Assunção

P436f Fronteiras da vida: o tradicional e o moderno no Cacau Pirêra/Iranduba / Hamida Assunção Pereira. - Manaus: UFAM, 2006.

201 f.; il.

Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) — Universidade Federal do Amazonas, 2006.

Orientadora: Iraildes Caldas Torres

1. Populações tradicionais 2. Ocupação territorial 3. Etnografia – Cacau Pirêra 4. Etnografia - Iranduba I.Título

CDU 364.122.7(811.3)(043.3)

HAMIDA ASSUNÇÃO PEREIRA

**FRONTEIRAS DA VIDA: O TRADICIONAL E O MODERNO
NO CACAU PIRÊRA/IRANDUBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Aprovada em 16 de outubro de 2006.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Iraildes Caldas Torres, Presidente
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

Prof. Dr. Antônio Carlos Witkoski
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Aos milhares de caboclos amazônicos que, vivendo às margens dos rios, reproduzem suas vidas e suas existências com fé e muita luta.

Agradecimentos

Agradecer significa demonstrar gratidão em relação a algum benefício recebido, aqui deve traduzir o meu reconhecimento a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram não só para a construção desta dissertação, mas também colaboraram para a minha formação enquanto mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Ao Deus Supremo, que me deu saúde, garra e confiança para continuar a caminhada, que muitas vezes pareceu árdua, estafante e impossível de ser concluída. Nos momentos mais difíceis foi em ti que confiei sempre na certeza de ser acolhida;

Ao Toinho, Marcela, Porfírio, Henrique, Madalena, Arlete, Jaqueline, Socorro, Raimunda, Antonino, Zé Miguel, Nôe, Antonino e muitos outros moradores do Cacau Pirêra que se prontificaram a me ouvir e me prestar informações, fotografias e outros materiais, sempre mostrando satisfação por estarem contribuindo também para a história do Cacau Pirêra. Gente da terra que luta no dia-a-dia, com o corpo e a alma, sem esmorecer para a melhoria do local onde vive. Agradeço e admiro a todos vocês!

À orientadora professora Dr^a Iraíldes Caldas Torres, que em muitos momentos me fez despertar para o conhecimento e sair do estado de apatia em que me encontrei por quase um ano, durante o momento de inserção no Programa de pós-graduação. Apaixonada pela Amazônia, me contagiou com a sede que possui pelo conhecimento desta terra, fazendo-me caminhar com determinação e autonomia na busca do conhecimento;

Aos professores Edgard de Assis Carvalho e Antonio Carlos Witkoski, que contribuíram de modo essencial para a reorganização do meu trabalho por ocasião do ritual de qualificação;

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, com os quais pude conhecer pelo menos minimamente, dada a

complexidade do tema e a limitação de tempo para concluir o curso, a Amazônia o seu povo e sua história;

À professora Dra. Elenise Scherer, que me guiou desde quando era aluna da graduação e apenas alimentava a esperança de entrar em um programa de mestrado. A esta mulher de fibra, que sabe exigir e acalantar nas horas certas, meus sinceros e inestimáveis agradecimentos;

À minha família, em especial à minha mãe, mulher que dedicou parte importante de sua vida para oportunizar a sua única filha melhores condições de vida e de crescimento intelectual e espiritual;

A Antonio Brandão Pinheiro, meu esposo, que sacrificou não só seus dias de descanso durante a pesquisa de campo para estar em minha companhia no Iranduba, mas também muitos momentos em família que foram adiados em virtude dos meus compromissos acadêmicos. Não tenho palavras para agradecer;

À minha amiga Roberta Ferreira Coelho, a quem meu coração já reconhece como irmã. Obrigada pelo companheirismo constante, pela cumplicidade, pela troca de experiências e pelas palavras amigas e de estímulo. Em alguns momentos de produção intelectual tivemos que nos distanciar, mas logo nos reaproximamos, pois há uma força maior que nos une;

Ao professor e amigo João Bosco Ladislau pelo apoio não só intelectual, mas, sobretudo, fraternal, que sabe dispensar na medida certa;

Ao amigo Alexandre dos Santos Lima, que num ato de solidariedade e desprendimento largou seus afazeres na cidade e se dispôs a me acompanhar durante todas as viagens para coleta de dados. Reconheço com afinco seu gesto de amizade e sei que só os amigos são capazes de tais atitudes;

Aos amigos conquistados durante o curso, em especial ao Aldair Oliveira Andrade e ao Celso Augusto Torres do Nascimento. Meu especial agradecimento por termos compartilhado momentos de alegria, de aprendizado e de amizade;

A Andreza Gomes Weil pelo apoio e auxílio na localização de mapas e outras informações necessárias à pesquisa. Amiga fiel, que sempre é muito solícita aos meus pedidos, obrigada;

À Terezinha Gióia e Fátima Monteiro, mais que colegas de trabalho, fizeram-se amigas nos momentos em que precisei. Pude contar incondicionalmente com a cooperação de ambas enquanto me ausentava para as aulas do mestrado e para as viagens. Muito obrigada é pouco para agradecê-las;

Às conselheiras do Conselho Regional de Serviço Social 15ª Região, as quais tiveram que se desdobrar nos momentos em que estive ausente para a produção do texto dissertativo;

Aos meus colegas de trabalho da Manaus Energia, que puderam acompanhar os últimos momentos dessa trajetória. Obrigada pela força dispensada, especialmente naqueles períodos mais difíceis, naturais ao processo de formação acadêmica à produção do conhecimento.

Caminhos de rio

Nos caminhos desse rio
Muita história pra contar
Navegar nessa canoa
É ter o mundo pra se entranhar.
Cada canto esconde um conto
Cada homem e mulher
Tem a fé, a força e a história
Pra contar pra quem quiser
Tem um bicho visagento
Que aparece no terreiro
Tem um rezador
Tem um santo catingueiro
Tem a cobra-grande
Que aparece no arrombado
Te cuia de caridade
Pra espantar o mau olhado
Tem o boto sonso
Que aparece nos festejos
Pra fazer as moças
Liberarem seus desejos
Todos os mistérios dessa mata e dessa água
Esse povo usa pra espantar a mágoa
Pra sobreviver e explicar a dor,
O azar, a sorte, a desgraça e o amor.

Letra: Natacha Ar
Interpretação: Raizes Cal

RESUMO

A presente dissertação assume o propósito de verificar as transformações socioculturais que vêm ocorrendo no Distrito Cacau Pirêra, no município de Iranduba/Amazonas, em seus aspectos de ressignificação no campo da cultura de fronteira. Localizado nas proximidades da cidade de Manaus, o Cacau Pirêra não deve ser compreendido apenas como uma fronteira geográfica situada entre o rural e o urbano. Deve ser compreendido, sobretudo, como uma fronteira cultural, onde hábitos tradicionais e modernos se entrelaçam e se espriam na vida dos moradores desta localidade. Este é o debate travado nesta pesquisa, que assumiu o aporte das abordagens qualitativas, sem excluir os aspectos quantitativos. O trabalho de campo foi realizado através de técnicas de entrevistas semi-estruturadas e formulários contendo perguntas abertas e fechadas, somados à etnografia e ao caderno de campo. Dentre os múltiplos aspectos revelados, a pesquisa constatou que, nos últimos anos, houve fortes impactos da urbanidade no estilo de vida dos povos tradicionais do Cacau Pirêra. Esses impactos atingem diversos aspectos da vida: a religiosidade, os costumes, os valores, as relações de vizinhança e, especialmente, as formas de trabalho. No Cacau Pirêra, é expressiva a quantidade de famílias que deixaram de praticar atividades tradicionais para dedicarem-se a ocupações mais modernas. À guisa de conclusão, pode-se dizer que os impactos do estilo de vida citadino sobre o estilo de vida tradicional acabam por determinar uma situação de domesticação do estilo de vida no Distrito Cacau Pirêra.

Palavras-chave: Amazônia; Povos Tradicionais; Estilos de Vida; Cacau Pirêra; Iranduba

ABSTRACT

The present dissertation assumes the purpose of verifying the cultural society transformations that are happening in the Cacau Pirêra District, in the municipal of Iranduba /Amazonas, in your re-significance aspects in the border culture field. Located nearest of Manaus city, the Cacau Pirêra should not just be understood as a located geographical border between the rural and the urban. It should be understood, above all, as a cultural border, where traditional and modern habits are interlaced and they overflow in the residents' of this place life. This is the debate joined in this research, that's assumed the contribution of the approaches qualitative, without excluding the quantitative aspects. The field work was accomplished through techniques of semi-structured interviews and forms containing open and closed questions, added to the ethnography and the notebook field. Among the multiples revealed aspects, the research verified that, in the last years, there were strong impacts of the urbanity in the lifestyle of Cacau Pirêra's traditional people. Those impacts reach several aspects of the life: the religiosity, the habits, the values, the neighborhood relationships and, especially, the work forms. In the Cacau Pirêra, it's expressive the amount of families that stopped practicing traditional activities for they be dedicated to more modern occupations. To the conclusion mode, it can be said that the impacts of the civic lifestyle on the traditional lifestyle end for determining a situation of tame the lifestyle in the Cacau Pirêra District.

Keywords: Amazonian; Traditional people; Lifestyles; Cacau Pirêra; Iranduba

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diagrama da interação entre indivíduo-sociedade-espécie e terra-floresta- água	24
Figura 2 – Mapa de localização do Distrito Cacau Pirêra e da cidade de Manaus	52
Figura 3 – Maria Arlete - moradora do Cacau Pirêra	64
Figura 4 – Prefeitura do Iranduba	70
Figura 5 – Mapa imagem do município de Iranduba	71
Figura 6 – Hospital Hilda Freire no município de Iranduba	73
Figura 7 – Fórum de Justiça do município de Iranduba	74
Figura 8 – Praça Três Poderes	75
Figura 9 – Padrão habitacional dos moradores da várzea no Iranduba	77
Figura 10 – Instalações sanitárias nas áreas de várzea	78
Figura 11 – Ruínas da casa de colono japonês	89
Figura 12 – Chegada da água encanada no Cacau Pirêra	94
Figura 13 – Abertura de rua no Cacau Pirêra	94
Figura 14 – Balsa chegando ao Porto do Cacau Pirêra	96
Figura 15 – Estrada Manuel Urbano	97
Figura 16 – Mapa do Cacau Pirêra no período da cheia	98
Figura 17 – Mapa do Cacau Pirêra no período da seca	99
Figura 18 – Porto do Cacau Pirêra durante a enchente e a cheia	100
Figura 19 – Banhistas nos flutuantes localizados nas proximidades do Porto	101
Figura 20 – Paisagem do Porto do Cacau Pirêra durante a época da vazante e da seca	102
Figura 21 – Ponta do Brito durante a seca	103
Figura 22 – Cacimba (poço Amazonas) improvisada na várzea	105
Figura 23 – Rua de barro batido localizada no Cacau Pirêra	106
Figura 24 – Rua parcialmente alagada no bairro Cidade Nova/Cacau Pirêra	111
Figura 25 – Escola Municipal no Cacau Pirêra	111
Figura 26 – Posto de Saúde no Cacau Pirêra	111
Figura 27 – Posto Policial no Cacau Pirêra	111
Figura 28 – Local onde é realizado o arraial da padroira do Cacau Pirêra	111

Figura 29 – Missa em homenagem à padroeira	113
Figura 30 – Procissão em homenagem à padroeira	114
Figura 31 – Igreja Católica do Cacau Pirêra	115
Figura 32 – Quadra de esportes no Cacau Pirêra	117
Figura 33 – Chapéu de Palha	118
Figura 34 – Área onde estão localizados os flutantes na época da seca	134
Figura 35 – Área onde estão localizados os flutantes na época da cheia	135
Figura 36 – Meninos trabalhando como vendedores ambulantes	139
Figura 37 – Trabalhador puxando carrinho de tijolos	149
Figura 38 – Trabalhadores na produção de tijolos	150
Figura 39 – Venda de peixes nas ruas	151
Figura 40 – Alface em sistema de plasticultura em terra firme	154
Figura 41 – Cultivo sobre bóias flutuantes na várzea	155
Figura 42 – Imagem da cidade de Manaus vista do Poprto do Cacau Pirêra	163
Figura 43 – Casa construída em alvenaria sobre palafitas	176
Figura 44 – Família fazendo a travessia de canoa	177

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Nível de escolaridade dos chefes de família	138
Gráfico 2 – Local de nascimento dos informantes	141
Gráfico 3 – Motivo da vinda para o Cacau Pirêra	142

Gráfico 4 – Tempo de moradia em Cacau Pirêra	143
Gráfico 5 – Vínculo trabalhista dos moradores	145
Gráfico 6 – Renda familiar dos moradores	148
Gráfico 7 – Local de trabalho	153
Gráfico 8 – Quantidade de pessoas por residência	156
Gráfico 9 – Estado civil das famílias entrevistadas	157
Gráfico 10 – Quantidade de filhos por família	159
Gráfico 11 – Vontade de mudar para a cidade de Manaus	167
Gráfico 12 – O que acham da vida na cidade	169
Gráfico 13 – Motivos de deslocamento para Manaus	170

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Principal ocupação do chefe de família	144
Tabela 2 – Principais atividades para a complementação de renda familiar	147

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CANA	Colônia Agrícola Nacional do Amazonas
CHISA	Cidade Hortifrutigranjeira de Iranduba S.A.
DTC	Divisão de Terras e Colonização
FIDAM	Fundo para Investimentos Privados no Desenvolvimento da Amazônia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INIC	Instituto Nacional de Imigração e Colonização
IPAAM	Instituto de Proteção Ambiental do Estado do Amazonas
PACS	Programa de Agentes Comunitários de Saúde
PSF	Programa de Saúde da Família
SNPH	Sociedade de Navegação, Portos e Hidrovias do Estado do Amazonas
SPVEA	Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia
SUDAM	Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
SUSAM	Superintendência Estadual da Saúde do Amazonas
ZFM	Zona Franca de Manaus

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I – OS ESTILOS DE VIDA NA AMAZÔNIA	22
1.1 – Os estilos de vida dos povos tradicionais	22
1.2 – As formas de ocupação dos povos tradicionais na Amazônia	36
1.3 – As estratégias de sobrevivência no Cacau Pirêra	50
CAPÍTULO II – O OLHAR ETNOGRÁFICO PARA O CACAU PIRÊRA	66
2.1 – A formação social do Iranduba	66
2.2 – As potencialidades institucionais do Cacau Pirêra: a paisagem do lugar	88
2.3 – Cacau Pirêra: na fronteira do rural e do urbano	119
CAPÍTULO III – A DOMESTICAÇÃO DO ESTILO DE VIDA NO CACAU PIRÊRA/IRANDUBA	133
3.1 – O povo do lugar: configuração socioeconômica dos moradores do Cacau Pirêra/Iranduba	133
3.2 – A imagem da cidade como paradoxo social	161
3.3 – O desejo de mudança no Cacau Pirêra: cotidiano, sonhos e utopias dos moradores	174
CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
REFERÊNCIAS	185
DOCUMENTOS CONSULTADOS	191
APÊNDICES	192

INTRODUÇÃO

A complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade

(Edgar Morin)

O estilo de vida dos povos tradicionais da Amazônia pode ser entendido a partir da tríade *indivíduo-sociedade-espécie*, entrelaçada aos elementos *terra, floresta e água*. Nesse universo, homens e mulheres criam e recriam a vida combinando aspectos das culturas locais com aspectos das culturas envolventes.

Os povos tradicionais da Amazônia, que comumente recebem variadas denominações – povos da floresta, povos das águas, ribeirinhos, caboclos, seringueiros, pescadores – compõem uma categoria social com formação sociocultural complexa, construída no processo de encontro de culturas no início do período colonial e ressignificadas nos dias atuais.

Para efeito deste estudo será empregado o termo povos tradicionais para nos referirmos aos homens amazônicos. De acordo com Almeida (2005; 2006), *povos* ou *comunidades* são os termos mais indicados para nomear as sociedades que habitam os interiores amazônicos e que preservam o estilo de vida tradicional. A noção de ‘populações tradicionais’ utilizada amplamente pelo poder público é segregadora e não comporta a diversidade de povos ou grupos sociais que existem na Amazônia: indígenas, quilombolas, seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco de babaçu, ribeirinhos, pescadores dentre outros. Por isso, os grupos sociais que tradicionalmente ocupam a Amazônia são aqui denominados povos ou comunidades tradicionais.

O estilo de vida dos povos tradicionais conjuga aspectos das culturas brancas européias, negra, e principalmente, das culturas indígenas nativas que habitavam e habitam a Amazônia. O modo de ser e de viver dos homens amazônicos assenta-se no legado das

culturas indígenas. Muitos são os estudos que evidenciam a resistência dos índios e de seus descendentes em manter seu *modus vivendi* arraigado ao estilo de vida tradicional como, por exemplo, os clássicos de Galvão (1976) e de Wagley (1988) e outros estudos mais recentes produzidos por Oliveira (2000a), Loureiro (2001), Conceição e Maneschy (2002), Torres (2005), Witkoski (2006) entre outros.

Situar os processos socioculturais ocorridos durante o período de formação social da Amazônia e seus reflexos na atualidade constitui o fio condutor desse estudo, que procura compreender as transformações abruptas que vêm ocorrendo na organização social e nas formas de trabalho das comunidades amazônicas. Para tal, tomamos como referência o Distrito Cacao Pirêra, localizado no município de Iranduba, numa área de confluência entre o rural e o urbano.

A ocidentalização da Amazônia constituiu-se no forte evento propulsor de grandes modificações na vida social, cultural, política e econômica dos povos tradicionais. Pensar a dinâmica dessas mudanças exige um suporte teórico-metodológico que articule as categorias de análise e os dados empíricos, permitindo, desse modo, a realização de um trabalho que se insira nos cânones de totalidade do fenômeno investigado. Trata-se de um estudo multidisciplinar, que estabelece diálogo com saberes da antropologia, da história e da sociologia, com o intuito de reunir elementos que evidenciem a domesticação dos estilos de vida tradicional pelo *habitus* da modernidade.

O trabalho foi realizado a partir da observação participante, com uso de técnicas de entrevistas semi-estruturadas e aplicação de formulários, além da etnografia e da utilização do caderno de campo. A coleta de informações iniciou no segundo semestre de 2005 e teve na observação participante um importante instrumento facilitador do diálogo, sobretudo nos primeiros contatos com os sujeitos da pesquisa.

A etnografia, empregada como técnica de coleta de dados, nos auxiliou na identificação da dinâmica interna e na percepção da cultura material e imaterial dos moradores do Cacau Pirêra. O trabalho etnográfico foi realizado através da observação, das conversas informais com os moradores da localidade e da produção de fotografias.

As entrevistas do tipo semi-estruturado foram realizadas com 10 (dez) moradores mais antigos da localidade, que contribuíram, fundamentalmente, para a recuperação da memória dos acontecimentos que remontam ao surgimento do Cacau Pirêra. Estas entrevistas indicaram, ainda, em que momento e quais foram os motivos que determinaram mudanças no estilo de vida e nas formas de trabalho dos seus moradores.

Nessa reconstrução da história do Cacau Pirêra, nossa intenção constituiu em identificar as motivações que levaram os moradores a ocupar a área, buscando perceber suas estratégias de sobrevivência e seu estilo de vida naquele momento. Essas entrevistas nos forneceram importantes informações acerca das transformações sociais e culturais em curso no Distrito Cacau Pirêra, possibilitando-nos confrontar os elementos modernos e tradicionais presentes no cotidiano dos moradores.

Para o detalhamento dessas informações, elegemos uma amostra de 10 (dez) famílias residentes no entorno do porto do Cacau Pirêra, as quais foram ouvidas por intermédio da técnica de formulário, contendo perguntas abertas e fechadas. Assim foi possível estabelecer o perfil socioeconômico das famílias e perceber as influências que o modo de vida urbano exerce sobre o modo de vida dos povos tradicionais. A opção pelos moradores do entorno do porto deveu-se à hipótese de que, pelo fato de estes moradores encontrarem-se estrategicamente posicionados numa área fronteira, estão mais sujeitos aos impactos causados pelo ritmo urbano da capital Manaus.

O texto dissertativo está organizado em três eixos, a partir dos quais são discutidos, por distintos matizes, a temática central que dá cadência ao estudo, qual seja: a situação de

hibridismo entre elementos tradicionais e modernos presentes no estilo de vida dos povos tradicionais amazônicos. No primeiro capítulo, a discussão perpassa o processo de formação etnocultural dos povos tradicionais, realçando as diversas formas de atividades produtivas existentes na região e as modificações destas em meio à modernidade/urbanidade. Nessa primeira parte, o cerne da questão assenta-se na compreensão de que o homem amazônico vive em harmonia com o ambiente natural e, com base nesta referência, produz sua vida material e imaterial.

O segundo capítulo apresenta o quadro histórico-social do município de Iranduba, incluindo a discussão sobre a formação do Cacau Pirêra enquanto colônia agrícola de exploração e a etnografia do lugar. O Distrito Cacau Pirêra é descrito tomando como referência os ciclos sazonais dos rios (seca, enchente, cheia e vazante), pelo fato de que nestes períodos, o espaço geográfico se modifica, ocasionando alterações no estilo de vida, sobretudo no mundo do trabalho. Ainda neste capítulo apresentamos, de forma panorâmica, os diferentes aspectos socioculturais tradicionais (rurais) e modernos (urbanos) no jeito de ser e de viver dos moradores do Cacau Pirêra.

No terceiro capítulo, será mostrada a configuração socioeconômica dos moradores do entorno do porto do Cacau Pirêra, ao mesmo tempo em que serão explicitadas algumas percepções e aspirações dos moradores do distrito em relação à cidade de Manaus, presente nos devaneios, sonhos e utopias que alimentam a vida dessa gente que vive às margens da cidade.

Os estudos sobre a Amazônia são por si só desafiadores dada a amplitude do tema. A compreensão da Amazônia e de seu povo envolve uma teia complexa de relações contraditórias que pode confundir e perturbar o pesquisador, conduzindo-o a erros e ilusões. Por isso, a Amazônia deve ser entendida como o espaço do múltiplo e do diverso e não como um espaço homogêneo.

CAPÍTULO I

OS ESTILOS DE VIDA NA AMAZÔNIA

A compreensão do outro requer a consciência da complexidade humana

(Edgar Morin)

1.1 Os estilos de vida dos povos tradicionais

A vida nesse imenso vale comporta uma multiplicidade de conhecimentos e práticas locais e globais, que fazem da Amazônia um local único e complexo. A compreensão do estilo de vida dos povos que secularmente habitam a Amazônia brasileira requer uma incursão pelos diversos saberes, evitando o isolamento, a fragmentação e a compartimentalização, cristalizados pela ciência clássica.

O estilo de vida na Amazônia assume uma singularidade difícil de ser apreendida em suas múltiplas dimensões. Por esse motivo, recorreremos a alguns autores como Bourdieu (1983; 2004) e Morin (2004), para estabelecermos possíveis conexões que dêem contorno aproximado a esta realidade amazônica.

A noção de estilo de vida toma como referência a concepção de *habitus* desenvolvida por Bourdieu (1983). *Habitus* é o princípio regulador das ações humanas, é produto e produtor destas ações sociais. É individual e coletivo ao mesmo tempo, sendo o responsável pela interiorização e exteriorização das normas e valores sociais. O *habitus* constitui-se num conjunto de esquemas construídos socialmente no decorrer da vida, que estruturam e norteiam as práticas e as representações. Por sua vez, o estilo de vida compreende as especificidades de

uma determinada população, ou seja, tudo aquilo que a diferencia das demais e dá sentido à sua existência: as vestimentas, as habitações, as atividades laborativas e recreativas, a religiosidade, os símbolos, dentre outras coisas.

Morin, na obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, publicada no Brasil em 2004, desenvolve a idéia da tríade entre indivíduo-sociedade-espécie para explicar a complexidade do gênero humano. Esta tríade se apresenta em movimento ininterrupto, onde todos os elementos possuem a mesma importância e um não existe sem o outro. O *indivíduo* é tido como fruto das relações de reprodução da *espécie* humana, a qual, por sua vez, recria-se na *sociedade*. Não há um equilíbrio, mas sim uma relação de interdependência entre indivíduo, sociedade e espécie. Para Morin (2004, p.54), “... a sociedade vive para o indivíduo, o qual vive para a sociedade; a sociedade e o indivíduo vivem para a espécie, que vive para o indivíduo e para a sociedade”.

O indivíduo, entendido aqui como o homem amazônico, é produto das relações biopsicossociais estabelecidas entre os seres da espécie humana. Estas relações são vividas na sociedade onde os homens, em sua sociabilidade, criam suas normas, seus estilos de vida individual e coletivo, enfim, seu *ethos*.

O homem da região amazônica vive em comunidade. É um ser coletivo que socializa seus modos de vida¹ com grande solicitude. Na Amazônia, a vivência em *sociedade* ou comunidade assegura a manutenção da vida dos *indivíduos* e, por conseguinte, a reprodução da *espécie*. A tríade *indivíduo-sociedade-espécie* encontra-se em constante movimento de interdependência, ou seja, nenhum desses elementos sobrevive sozinho. Em outras palavras, este triângulo é giratório e seus constitutivos são responsáveis pela dinamicidade da vida em sociedade/comunidade.

¹ Conforme Max Derruan (s.d.), modo de vida “é um conjunto de hábitos pelos quais o grupo que o pratica assegura sua existência”. O modo de vida compreende os elementos materiais e imateriais da cultura de um povo: os valores, a religiosidade, as formas de trabalho, as relações de compadrio e vizinhança, a organização social, seus mitos, sua moral e todo seu regime de verdade.

Para além do circuito *indivíduo-sociedade-espécie*, a vida na Amazônia conjuga também uma interatividade entre o homem e o meio natural. Para a compreensão do estilo de vida do homem amazônico, a tríade desenvolvida por Morin (2004) deve ser articulada a uma outra tríade constituída pelos principais elementos da natureza², cujo valor material e imaterial assume fundamental importância à vida dos povos locais (Figura 1).

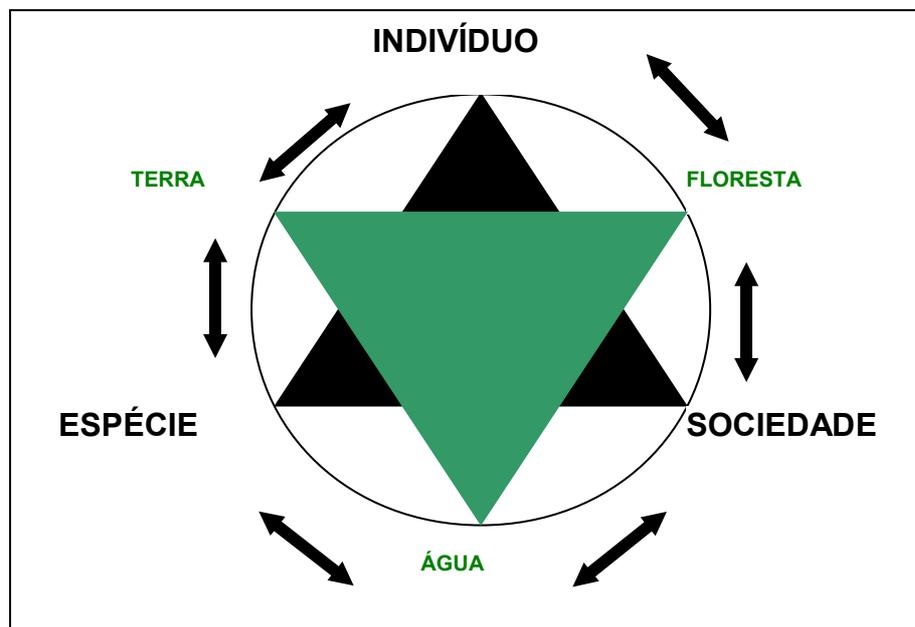


Figura 1 - Diagrama da interação entre indivíduo-sociedade-espécie e terra-floresta-água.
 FONTE: Pereira, 2006 - adaptado de Morin (2004) e Witkoski (2006).

A vida na Amazônia só pode ser compreendida a partir da interação entre homem e meio natural. A relação visceral que os homens amazônicos possuem com a natureza é a chave para o entendimento dos estilos de vida na Amazônia. O homem amazônico constrói seus modos de vida a partir das intensas e íntimas relações que mantém com os diversos elementos da natureza, basicamente: terra, floresta e água. Torres (2005, p.19) explicita que

² Na obra *Terra, floresta e água*, Witkoski (2006) sustenta que a produção e reprodução da vida do homem amazônico, principalmente dos habitantes da várzea, é nucleada pela estreita relação que este possui com a natureza, basicamente com a terra, com a floresta e com a água.

“os nativos conhecem o solo, a flora, a fauna, a cheia e vazante dos rios, os períodos secos e chuvosos, os perigos que a mata apresenta, enfim, têm uma relação harmoniosa com a natureza adaptando-se a ela conforme suas leis”.

O homem amazônico é nucleado pelas leis da natureza, que definem e organizam a vida em sociedade. É da natureza que ele extrai suas fontes de subsistência material e imaterial. Por ser conhecedor erudito dos fenômenos naturais e sobrenaturais que se manifestam na Amazônia, o caboclo reverencia com respeito e devoção a mãe natureza como um santuário sagrado (LIMA, 1975).

Na Amazônia, a vida é marcada por uma relação de reciprocidade e relativo equilíbrio ecológico do homem com a natureza. O caboclo é exímio conhecedor dos períodos chuvosos, dos ciclos sazonais dos rios³, dos diferentes tipos de solos, da fauna e da flora. É o que podemos depreender dos estudos de Galvão (1976, p. 1):

O ritmo de vida oscila entre as grandes enchentes da estação chuvosa, o inverno e a vazante do verão. Nas chuvas o povo se recolhe nos sítios, nos povoados ou nas cidades. Só trabalham os castanheiros, pois esta é a estação da safra, ou os canoeiros e tripulantes do barco visto a água ser melhor de viajar e as cachoeiras darem passagem. É um tempo de fome, de esperar a roça amadurecer. O peixe ganha o alto dos rios ou se espalha pelas lagoas e alagados; a caça deserta para dentro dos matos ou entoca nas ilhas. O verão é de mais fartura. É o tempo de limpar as estradas para o corte da borracha, do milho e do legume, de armar os cacuris para o peixe.

As formas de adaptabilidade do nativo ao ambiente fechado da mata amazônica e às suas variações climáticas e situações peculiares de sazonalidade constituem-se num desafio e

³ Cf. Witkoski (2006), em *Terra, floresta e água*, apresenta um calendário dos ciclos sazonais dos rios amazônicos, considerando quatro períodos distintos durante o ano: enchente (dezembro a abril), cheia (maio a julho), vazante (agosto e setembro), seca (outubro e novembro). É claro que os fenômenos climáticos podem apresentar variações de um ano para o outro e sofrer interferências de outros fenômenos naturais, causando atraso ou adiantamento nos ciclos dos rios.

aprendizado que se conecta ao estilo de vida na Amazônia. O saber milenar acumulado pelos povos tradicionais amazônicos conserva a essencialidade dessa adaptabilidade ao meio.

Para Sternberg (1998), que realizou pesquisa de campo em meados do século passado no Careiro da Várzea, município do Amazonas, a água é o elemento de maior interferência na vida das comunidades tradicionais. Segundo ele, as friagens, a temperatura, a umidade do ar e outros elementos climáticos exercem algum tipo de interferência na vida dos povos tradicionais, mas não de modo tão preponderante como a água. Os rios, mais especificamente os ciclos sazonais das águas, são o fator determinante dos estilos de vida dos povos tradicionais na Amazônia. Sternberg (1998, p. 14) afirma que “... a água constitui o elemento da paisagem, através do qual mais agudamente se sentem as vinculações do homem com o meio”.

De acordo com o autor, a vida nos interiores da Amazônia é regulada pelos ciclos sazonais dos rios. Os rios ocupam a centralidade no estilo de vida dos povos tradicionais, são os eixos por onde se orienta a vida e até a morte. Ou seja, a dinâmica social das comunidades amazônicas é organizada em torno dos fenômenos das águas. Vejamos:

Quanto às relações entre a água e a sociedade humana, o elemento líquido é universalmente indispensável para presença do homem (...). No Careiro e em regiões semelhantes, o significado da água para a comunidade toma o maior relevo e assume aspectos muito especiais (...). Sua influência mediata se faz sentir através da base mesma da ocupação – o solo – de que é autora e no qual criou tratos muito desiguais quanto às probabilidades de aproveitamento (...). De muitas outras formas está o destino do homem vinculado ao meio e, mais precisamente, ao componente deste que, no Careiro, consideramos fundamental: a variação sazonal do nível das águas. Durante toda sua vida e até na morte (STERNBERG, 1998, p. 15).

Os estilos de vida na Amazônia, sobretudo nas terras de várzea, sofrem interferência direta dos fenômenos naturais dos rios. As sociedades tradicionais, que ocupam os beiradões, criam formas de adaptação para as casas, para as roças, para colocar os animais e para as

rotinas do cotidiano. Enfim, adequam o seu estilo de vida de acordo com sazonalidade dos rios.

Conforme destaca o referido autor, a região amazônica é caracterizada pela presença de três tipos de terrenos bastante diferenciados: o igapó, a várzea e a terra firme. Os primeiros são constituídos por terrenos que permanecem constantemente alagados. As terras de várzea são aquelas que sofrem as alagações anuais em decorrência do aumento do nível das águas dos rios. Já as terras firmes, geralmente são as terras mais altas que muito dificilmente sofrem com as alagações.

As terras de várzea são bem mais férteis que as terras firmes pelo fato de que elas recebem anualmente uma nova camada de sedimentação trazida na época da subida dos rios. Sternberg (1998) observa que os povos tradicionais, que em geral estão situados nas terras de várzea, têm seus modos de vida condicionados à subida e descida das águas. É a partir dessa sazonalidade que os povos tradicionais organizam suas atividades produtivas (agricultura, extrativismo vegetal e animal e criação de animais), os festejos, o calendário escolar e as demais atividades cotidianas.

A época da cheia é considerada pelos povos tradicionais como um período bastante difícil, em decorrência das improvisações que necessitam fazer para garantir a subsistência da família. As casas localizadas na várzea têm que ser recuadas para as terras mais altas ou terem seus assoalhos suspensos, as plantações ficam submersas, o pescado se torna escasso e o gado tem que ser confinado nas marombas flutuantes ou levado até as terras mais altas. É o período em que se verificam, mais explicitamente, as diversas formas de adaptabilidade destes povos às variações do meio ambiente.

Na cheia, que em geral ocorre durante os meses de maio, junho e julho, as comunidades amazônicas vivem das reservas alimentares guardadas para esse fim. O caboclo amazônico, sábio e precavido, se alimenta basicamente do peixe que foi salgado e

armazenado anteriormente, da farinha de mandioca que também foi preparada previamente e do extrativismo de algumas espécies vegetais da terra firme e de outras mantidas nos jiraus⁴, onde são cultivados algumas verduras e hortaliças de pequeno porte.

Longe da visão do determinismo geográfico, Sternberg (1998) afirma que a natureza é a fonte da própria vida na Amazônia. É sobre o leito dos rios que os homens se locomovem nas canoas ou nos motores em busca de alimentos e de tudo mais que se faz necessário para a manutenção da vida: transportam a caça, a pesca e os produtos agrícolas para comercializar na cidade, os filhos vão à escola, a família vai à missa aos domingos e até usam a canoa como transporte para enterrar seus entes queridos.

A análise do autor nos faz recordar a obra *Banco de Canoa*, de Álvaro Maia, na qual os rios e as embarcações são retratados como os veículos que movimentam o mundo amazônico:

Habitantes do interior do Amazonas, independente da idade, sexo e posição, passam horas e dias, meses e anos nos bancos de canoas. Montarias, igarités, batelões, ubás, cascos velhos de igapós nos rios e lagos, nos paranás e bamburrais. Seringueiros, pescadores, roceiros, negociantes, médicos, dentistas, padres e freiras. Viajando, pescando, passeando, transportando produtos, enfermos, festeiros esfaqueados, defuntos e casamentos (1997, p.3).

A vida, a morte, o trabalho, as festas, as crenças e todas as representações que compõem o imaginário dos povos tradicionais amazônicos têm na natureza a sua referência, sendo esta a responsável pela reprodução da cultura material e imaterial no vale amazônico.

O período conhecido como formação social da Amazônia ocorreu em meio a um processo de encontro de culturas. Ao longo desse processo de formação étnico-cultural do homem amazônico, o estilo de vida foi construído em meio às inter-relações estabelecidas

⁴ Os jiraus são caixotes de madeiras erguidos sobre estacas, construídos especificamente para o cultivo de pequenas plantações de hortaliças e plantas medicinais na época da cheia.

entre o homem e os elementos da natureza (água, terra e floresta). E após a conquista, o estilo de vida dos povos amazônicos sofreu influências de algumas culturas européias, somadas às culturas dos nordestinos e dos povos africanos.

As trocas culturais ocorridas entre valores exógenos e indígenas contribuíram para a construção da cultura dos povos tradicionais amazônicos. De acordo com Morin, “... as guerras de conquista não destroem totalmente os tesouros culturais dos povos vencidos (...). A conquista de uma terra desconhecida pode suscitar uma onda cultural, de um lado para outro, determinando trocas e simbioses” (2002, p. 52).

A cultura dos povos amazônicos constituiu-se a partir dessas trocas e simbioses entre índios, europeus, negros e nordestinos. A noção de cultura é um componente importante para a compreensão do processo de formação sócio-histórica e do estilo de vida dos povos tradicionais amazônicos. Na concepção de Morin (2003), cultura é mais que um conceito, é uma palavra armadilha, de amplo sentido e múltiplos significados.

Segundo esse autor, a cultura possui uma zona obscura impenetrável, na qual a existência e a experiência alimentam-se mutuamente, dando origem aos quadros e às estruturas a asseguram. A cultura é um grande sistema que inter-relaciona dialeticamente o estoque cultural e as experiências existenciais práticas e imaginárias, sendo a responsável pela produção e reprodução permanente dos indivíduos e da sociedade.

Mais especificamente, o conceito de cultura assinalado por Morin traz a idéia de “um conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social” (2004 p.56).

A cultura envolve as normas que organizam a vida em sociedade. Desse modo, é um fenômeno individual e coletivo ao mesmo tempo. Esse autor considera não existir sociedade

humana que não tenha uma cultura única e particular e que, mesmo quando alguns elementos migram de uma cultura para outra, não deixam de possuir suas particularidades.

Para Morin (2004), a diversidade cultural é um dos tesouros mais preciosos da humanidade e, por isso, a dominação de uma cultura pela outra é um dos maiores prejuízos à espécie humana. É natural que as culturas sofram assimilações umas pelas outras, mas não é salutar que sofram sobreposições.

As práticas empregadas para a domesticação⁵ dos povos nativos da Amazônia brasileira durante o período colonial demonstram claramente uma tentativa político-ideológica de agressão e intolerância às culturas ancestrais das inúmeras etnias existentes na Amazônia. Essa tentativa de extermínio das culturas locais não se manteve, pois não houve um transplante das culturas européias na região.

Na realidade, o que ocorreu foi um encontro de culturas que redefiniu um novo complexo étnico-cultural, combinando caracteres das culturas européias e das culturas indígenas. As culturas européias (portuguesa, espanhola, holandesa etc) e as indígenas mesclaram-se e formaram a cultura dos povos tradicionais amazônicos.

Não se pode deixar de reconhecer que os acontecimentos ocorridos durante o período colonial exerceram fortes influências sobre as diversas culturas indígenas que habitavam a Amazônia, modificando muitos hábitos e costumes e impondo-lhes certas práticas contrárias aos seus estilos de vida. A criação de uma língua geral⁶, a prática dos descimentos, das

⁵ Cf. Torres (2005a), *As novas amazônidas*. A domesticação do estilo de vida é entendida como adequação ou modificação dos hábitos e costumes em decorrência das influências das culturas eurocênticas. O termo domesticação é empregado para nos referirmos à assimilação dos hábitos e costumes pertencentes a outras culturas. Vale destacar que na Amazônia a domesticação não ocorre passivamente, no período colonial, por exemplo, se deu em meio a lutas sangrentas entre europeus e indígenas. Atualmente, a domesticação dos povos tradicionais pelo estilo de vida moderno se dá de forma mais sutil, sem derramamento de sangue, mas nem por isso deixa de ser perversa. Na modernidade, os estilos de vida dos povos tradicionais amazônicos são estigmatizados como retrógrados e, com isso, é dada abertura para inserção de alguns elementos próprios ao estilo de vida urbano/moderno nas comunidades amazônicas.

⁶ Em Santos e visagens, Galvão (1976) esclarece que a língua geral é uma espécie de tupi-guarani organizado e modificado pelos europeus. Essa variação das línguas indígenas foi empregada de modo obrigatório pelos colonizadores na catequese e nas relações cotidianas e comerciais. Há historiadores que consideram a língua geral como um símbolo de resistência indígena contra a lusitanização da Amazônia, visto que em princípio a fala da língua portuguesa foi recusada pelos nativos e por isso foi adotada a língua geral.

guerras justas e das tropas de resgate⁷, assim como a adoção do culto ao cristianismo e das longas jornadas de trabalho forçado são exemplos ilustrativos do poder eurocêntrico nesta região.

As mudanças ocorridas durante o processo de colonização da Amazônia atingiram certos valores das sociedades indígenas: a espiritualidade, a organização sócio-política, as formas de trabalho, as relações familiares, os mitos e outros elementos da cultura material e imaterial. Isto, porém, não nos autoriza a afirmar que tenha havido um massacre das culturas indígenas no período colonial. Não se trata de uma situação de vencedores e vencidos ou de vítimas e vitimizadores. Como assinala Morin (2004, p.57), “as assimilações de uma cultura a outra são enriquecedoras”. Do mesmo modo que os colonizadores exerceram influências no estilo de vida dos povos amazônicos, eles também sofreram os impactos de muitos aspectos das culturas indígenas.

Carvalho (2002) destaca que a preocupação com o outro é algo que se inscreve no cerne da natureza humana. Perceber o outro a partir dos próprios valores é comum na espécie humana. A aventura do Ocidente pelo Novo Mundo está circunscrita nessa lógica e por isso os índios foram tidos como primitivos, selvagens e exóticos. As culturas indígenas, tratadas e retratadas com arrogância e violência em virtude de suas diferenças, estão sujeitas até os dias atuais às visões mais preconceituosas e deturpadas possíveis.

O pensamento complexo entende que o homem é um só e o que mudam são as circunstâncias geográficas, políticas, econômicas e socioculturais. As diferenças existem e não devem servir para assinalar a autoridade de uns sob os outros, pois são particularidades que devem ser respeitadas e valorizadas. Segundo Almeida (2002, p. 32), a complexidade é

⁷ De acordo com Santos (2002), os descimentos eram formas de recrutamento onde o índio era persuadido pelas palavras evangelizadoras ou pela força física para descer da sua aldeia para as missões religiosas. As guerras justas consistiam no ataque dos portugueses às aldeias indígenas sob a justificativa de que aquela tribo havia cometido alguma agressão às ações coloniais. No momento em que os portugueses atacavam as tribos, levavam alguns índios para serem escravizados ou vendidos como mão-de-obra. As tropas de resgates também eram formas de recrutamento. Tratava-se da captura nas tribos daqueles índios que eram feitos prisioneiros durante as guerras intertribais.

um tipo de argamassa que religa permanentemente o homem às coisas. É uma construção que visa o conhecimento do homem de modo transdisciplinar, ou seja, sem compartimentalizações.

Complexidade significa *tecer junto*, por isso Morin (2002) afirma que o pensamento complexo pratica o abraço e, com ele, a solidariedade, unindo os saberes, as idéias e até os antagonismos. A complexidade é, pois, um desafio que interroga as certezas consolidadas pelo pensamento clássico. Na teia da complexidade, a cultura se coloca como um dos pontos essenciais para a compreensão do mundo e da vida humana, interconectando homem e natureza.

O encontro de culturas tão diferenciadas no Novo Mundo significou, em ulterior juízo, um choque de valores, de crenças, de hábitos e de costumes para ameríndios e lusitanos. Ambas as culturas sofreram diversas adaptações, modificações e assimilações, as quais não se restringiram às miscigenações étnicas e culturais. No aspecto econômico, houve a substituição gradual de uma economia de subsistência por outra eminentemente mercantilista voltada para a exportação dos produtos naturais.

O início dessa mudança remonta ao período das atividades de extração das *drogas do sertão*⁸ nos idos do século XVII. Galvão (1976) assinala que, nesse período, era comum a organização de tropas armadas lideradas por brancos que obrigavam os indígenas a adentrarem a floresta em busca de especiarias.

Os indígenas assumiram um papel fundamental nesse primeiro momento da atividade econômica da Amazônia, tendo em vista a sua exímia habilidade para transitar na mata, identificar as especiarias e coletá-las. A troca de saberes, de técnicas e de experiências entre as culturas envolvidas nessa dinâmica se deu por intermédio da atividade econômica, consolidando-se na reorganização do estilo de vida dos povos tradicionais da Amazônia.

⁸ *Drogas do sertão* era o termo atribuído aos produtos naturais amazônicos de grande aceitação no mercado europeu. Dentre os mais procurados destacam-se a salsaparilha, o cravo, o cacau, a canela, a baunilha, a castanha, as peles e os couros animais, as madeiras e os óleos vegetais.

À época da colonização, as culturas indígenas sobreviviam essencialmente do extrativismo, da caça e da pesca. A agricultura incipiente era voltada para a complementação das fontes alimentares, destacando-se aí o cultivo da mandioca. A exploração das *drogas do sertão* já era realizada pelos nativos moderadamente, como forma de subsistência, antes do período colonial.

Os processos histórico-sociais vivenciados pelas etnias indígenas da Amazônia constituem o solo sobre o qual se assentou a ressignificação de valores neste espaço fronteiriço. O confronto físico, cultural e espiritual travado entre brancos, índios e negros⁹ ocasionou a desorganização da vida tribal na Amazônia, dando origem aos povos tradicionais, ao mesmo tempo em que contribuiu para a ‘desestruturação’ da eugenia circunscrita à raça branca.

O contato interétnico responsável pela miscigenação entre as raças branca, indígena e negra ocasionou a combinação não só de caracteres genéticos, como também contribuiu para uma troca entre as culturas com grande alcance social no modo de ser e de viver dos nativos amazônicos, que assimilaram determinados valores exógenos, mantendo largamente muitos valores autóctones.

Galvão (1976) chama a atenção para o fato de que muitos elementos das culturas indígenas permaneceram intactos no modo de ser e de viver dos povos tradicionais amazônicos. Os nativos mantiveram os elementos fundantes de suas culturas autóctones de forma preponderante. Uma das maiores provas disso é a interatividade entre o homem e a natureza, em cuja relação simbiótica está o sentido da vida na Amazônia.

Na visão desse autor, as culturas autóctones da Amazônia, diferentemente de outras regiões do Brasil, conseguiram preservar parte significativa dos modos de vida tradicionais,

⁹ Torres (2005a), na obra *As novas amazônidas*, pontua que o caldeamento ocorreu preponderantemente entre índios e portugueses, configurando-se numa estratégia da Coroa Portuguesa para legitimar o seu poderio na região. O negro não teve uma participação expressiva no processo de caldeamento das raças na Amazônia. Os negros foram trazidos para a Amazônia apenas em momentos de maior resistência indígena.

sobretudo no que diz respeito à organização do trabalho e às credências da vida religiosa e do imaginário sobrenatural. Deve-se reconhecer que existe uma vivacidade de hábitos e costumes indígenas na Amazônia, embora mesclados às tradições européias em certos aspectos (GALVÃO, 1976).

O estilo de vida no grande vale amazônico é tributário de uma religiosidade ancestral centrada nos fenômenos naturais. Os nativos estabelecem uma relação de respeito e temor com os espíritos que habitam os rios e a floresta. Durante o processo de formação social da Amazônia, a espiritualidade indígena de raiz pagã entrelaçou-se ao cristianismo europeu, formando um corpo religioso heterogêneo e ambivalente que une cristianismo e paganismo. Galvão (1976) assinala que a fé nos santos padroeiros católicos ocupa o mesmo espaço que a crença nos seres sobrenaturais.

O catolicismo não conseguiu suplantiar a crença dos indígenas e dos caboclos nos bichos visagentos¹⁰, que são entidades malignas que habitam o meio ambiente natural. Numa perspectiva antropológica, poder-se-ia dizer que o sagrado e o profano se misturam e se confundem, fazendo parte de um mesmo *corpus* espiritual. É verdade que o catolicismo introduzido pelos povos colonizadores foi incorporado pelos povos tradicionais, mas não chegou a substituir a religiosidade própria das sociedades indígenas. Os santos, os ancestrais, os totens, os velhos pajés, as benzedeiros/rezadeiras, os seres sobrenaturais fazem parte do mundo religioso dos povos tradicionais indígenas e não-indígenas.

¹⁰ Conforme Galvão (1976) os seres sobrenaturais que compõem o imaginário dos povos tradicionais da Amazônia são chamados comumente de bichos visagentos. São inúmeros bichos e superstições, dos quais destaca-se o *curupira* que é um moleque de pele escura e têm os pés voltados para trás. Trata-se de um ser que habita a mata e gosta de fazer travessuras. Outra criatura é o *anhangá* que alguns dizem ser invisível e outros afirmam que tem forma de veado ou de pássaro. O certo é que tem os olhos de fogo e possui um forte assovio que assombra aqueles que adentram a mata. A *matinta-perera* também é outro bicho que habita a mata, mas que dificilmente pode ser vista, já que enxerga as unhas humanas como fogo. Os *botos* e a *cobra grande* são alguns dos bichos que habitam também a água. O primeiro é conhecido pelo poder de sedução que exerce sobre as mulheres e a cobra grande gosta de atacar os pescadores. O que há de comum entre estes e os demais seres sobrenaturais existentes no imaginário popular é o fato de serem malignos e atacarem as pessoas que agridem o ambiente natural.

A religiosidade desses povos é composta por um misto de dogmas ibéricos católicos e ameríndios, os quais não são concebidos como elementos antagônicos, mas complementares. Nas palavras de Galvão, (1976, p. 147) “a pajelança como as festas de santo, as novenas, as promessas constituem parte integral da religião do caboclo. São aspectos ou maneiras de encarar ou explicar o seu universo”.

Vimos anteriormente que os povos tradicionais nutrem uma íntima relação com a terra, a floresta e a água. Esta relação entre homem e natureza, materializada na dinâmica da sociedade, constitui a base da organização cultural, política e espiritual destes povos, visto que é a partir da água, da floresta e da terra que estes povos reproduzem sua existência material e espiritual.

A espiritualidade dos povos tradicionais indígenas e não-indígenas é transpassada pela relação de harmonia ecológica que o homem amazônico estabelece com os elementos da natureza. Os bichos visagentos que habitam os rios e a floresta são os guardiões da natureza, cuja função consiste em proteger e manter o equilíbrio do ecossistema. Alguns assumem formas de animais que amedrontam e lançam presságios “agourentos” àqueles que não observam e respeitam as leis da natureza.

Se, por um lado, as relações com o ambiente natural constituem parte significativa da espiritualidade tradicional, por outro, não podemos deixar de reconhecer que o catolicismo também trouxe contribuições importantes para a vida dos povos tradicionais. Wagley (1988) considera que as relações de compadrio advindas das tradições católicas são responsáveis pelo fortalecimento de laços de afinidades e solidariedade entre padrinhos, afilhados e compadres.

O apadrinhamento de criança no momento do batismo, da crisma ou do casamento articula fortes relações de respeito e apoio material e espiritual. Estas relações são equiparadas às relações de parentesco. A vida em comunidade, com predominância das relações de

compadrio e de amizade, também é uma característica importante do estilo de vida na Amazônia, como pontua Wagley (1998, p.44):

É nas comunidades que os habitantes de uma região ganham a vida e educam os filhos, levam uma vida familiar, agrupam-se em associações, adoram os seus deuses, têm suas superstições e seus tabus e são movidos pelos valores e incentivos de suas determinadas culturas. Na comunidade, a economia, a religião, a política e outros aspectos de uma cultura parecem interligados e formam parte de um sistema cultural, tal como são na realidade.

A vida em comunidade é o suposto da sociabilidade e da organização política dos povos tradicionais amazônicos. É na comunidade que os homens amazônicos reproduzem a vida material e imaterial. A comunidade é a unidade que comporta a diversidade da vida nessa constelação amazônica.

1.2 As formas de ocupação dos povos tradicionais na Amazônia

Discorrer sobre as formas de ocupações nesta região exige uma análise do estilo de vida dos povos tradicionais, o que nos permite compreender as práticas e as formas de organização do trabalho que se apresentam na Amazônia.

Ao analisar a perspectiva de mundos do trabalho, Torres (2002) afirma que a noção de trabalho na Amazônia é compreendida numa dimensão plural de mundos do trabalho, considerando-se que, nesta região, as formas de trabalho são diversificadas. Existe o trabalho do plantio, da caça, da pesca, da coleta das especiarias na floresta e ocupações introduzidas pelo sistema capitalista numa relação de compra e venda da força de trabalho. Isto nos leva a concluir, a partir dessa autora, “que a organização do trabalho na Amazônia apresenta

diversidade que não pode ser compreendida apenas sob a lógica da acumulação capitalista” (TORRES, 2002, p. 123).

Na Amazônia, o trabalho é apenas uma das manifestações culturais presentes na vida dos povos tradicionais. Enquanto nas sociedades modernas o trabalho se impõe como centralidade do ser social e como um importante valor mercantil, para os povos tradicionais, o trabalho é tido como um bem social necessário apenas para a subsistência do grupo familiar, sem a preocupação acumulativa.

Devido a essa característica de desapego ao trabalho como meio de acumulação, os indígenas foram estigmatizados como seres apáticos ao progresso, desconsiderando o fato de que os povos tradicionais possuem uma lógica de organização da vida baseada em processos socioculturais diferentes daqueles vivenciados pelos povos do Ocidente. Na visão de Torres (2005, p.132-133), a suposta incapacidade do índio para o trabalho pesado constitui-se um juízo de valor falso, que revela a tentativa fracassada da Coroa Portuguesa de implantar um regime escravocrata na Amazônia.

Diferentemente de outras regiões do Brasil, o trabalho na Amazônia manteve, de forma preponderante, as peculiaridades inerentes às diversas culturas indígenas. Talvez, por isso, pensar a dinâmica do trabalho nas sociedades amazônicas requer a visualização da forma pela qual as culturas indígenas desenvolviam e ainda desenvolvem suas estratégias de sobrevivência. Os relatos do casal Agassiz, em *Viagem ao Brasil (1865-1866)*, apontam para a existência de uma organização familiar e de uma divisão sexual de tarefas bem definidas nas sociedades indígenas:

Nunca se vê um índio trabalhar nos cuidados internos da casa; não carrega água, nem lenha, nem pega mesmo nas coisas mais pesadas. Ora como a pesca só se dá em determinadas estações, ele folga a maior parte do tempo. As mulheres ao contrário são muito laboriosas, segundo dizem, e por certo as que temos diante dos nossos olhos justificam perfeitamente essa boa opinião. *Esperança* está constantemente ocupada quer em casa quer fora. Ela rala mandioca, seca a farinha, comprime o tabaco, cozinha, varre os quartos. As crianças são ativas e obedientes: as mais velhas se mostram úteis indo buscar água no lago, lavando mandioca ou cuidando das menores (AGASSIZ, 1975, p. 120).

A organização familiar do trabalho e a divisão sexual das tarefas são elementos basilares na organização da vida em comunidade. As mulheres se ocupam das atividades de limpeza do roçado, do tratamento da mandioca e da feitura da farinha, da confecção de utensílios domésticos e dos afazeres da casa, enquanto que os homens fazem a semeadura da roça, realizam a colheita, ocupam-se das atividades de caça e pesca, e do transporte dos produtos agrícolas.

A divisão das tarefas tem um objetivo comum no sentido de possibilitar a subsistência da coletividade. Cada um – homem, mulher e criança – realiza seu papel de modo a suprir as necessidades do grupo. Às mulheres são destinados o trabalho doméstico e artesanal e aos homens, as atividades mais técnicas. As crianças, por sua vez, desde pequenas, são iniciadas no aprendizado de feitura das atividades de trabalho indispensáveis à manutenção da vida de acordo com a idade e o sexo. O trabalho nas sociedades indígenas é realizado pela família e para a família. Em outras palavras, é um bem social coletivo.

Os estudos de Wagley (1988) apontam para o fato de que a modernidade trouxe várias novidades e invenções tecnológicas para a vida dos habitantes da região amazônica, o que não significa dizer que tais inovações mudaram radicalmente os modos de vida dos povos tradicionais, já que estes ainda mantêm vivos costumes e tradições herdados das culturas indígenas. Este autor considera que “grande parte dessa gente provê a sua subsistência com uma agricultura primitiva, ou mais propriamente, lavoura, com a caça e a pesca, com a extração dos produtos naturais da floresta ou com um pouco de tudo isso” (1988, p. 83).

O autor constatou que a mandioca é a principal fonte de alimentação das famílias nas comunidades tradicionais da Amazônia, assim como a agricultura, o extrativismo vegetal e animal e a criação de animais são imprescindíveis para a reprodução da vida humana na região. A mandioca, que é um tubérculo resistente e bastante nutritivo, possui propriedades alimentares que, por si só, pode manter a subsistência do grupo familiar. Possui vários derivados como a farinha, o beiju, a goma que compõe a tapioca, o tucupi, que é o principal ingrediente do tacacá e de pratos típicos regionais, como o pato e o peixe no tucupi. A mandioca é consumida integralmente, inclusive com aproveitamento das cascas para alimentação das galinhas, que são criadas no quintal.

O preparo artesanal da farinha é praticamente o mesmo empregado pelas culturas indígenas, o que pode ser observado a partir do relato de Wagley (1998, p. 88),

a parte mais trabalhosa é a remoção do líquido venenoso, que se faz de duas maneiras: na primeira, depois de descascar o tubérculo, é o mesmo passado em um ralador de mão ou no *caititu*, ralo cilíndrico movido por dois volantes de tração manual. Depois extrai-se o suco dessa polpa ralada. Uma cesta cilíndrica chamada *tipiti*, usado pelos antigos aborígenes, é ainda utilizada para esse fim. Coloca-se a polpa dentro desse tubo longo e flexível e, a medida que se estica o *tipiti*, o líquido vai escorrendo (...). Depois de extraído o suco, passa-se a massa por uma peneira a fim de separar as fibras e os grãos mais grossos. Finalmente torra-se essa massa em uma grande chapa de cobre.

Em relação ao cultivo da mandioca e de outras culturas circunscritas ao processo da agricultura de subsistência como o milho, o arroz, a melancia, a abóbora, dentre outras, o autor acrescenta que as técnicas rudimentares de roçagem e de coivara¹¹ do terreno também continuam sendo bastante usadas. Enfatiza, ainda, que esse preparo da terra não é realizado de

¹¹ Segundo Wagley (1988), dá-se o nome de coivara ao processo de queimada dos entulhos provenientes da roçagem e da capinação do roçado. São recolhidos e empilhados os troncos e toda e qualquer sujeira da terra. É uma técnica de fertilização do solo.

forma individualizada, salvo rara exceção. Geralmente o dono da terra convida os moradores das redondezas, os amigos e os parentes para ajudá-lo numa espécie de mutirão.

Nessas ocasiões são formados grupos cooperativos de tamanhos variados, conforme a quantidade de trabalho. Os homens ocupam-se do trabalho da roça e lavoura da terra e as esposas os acompanham para auxiliar na preparação das refeições para o grupo. A esta forma cooperativa de trabalho os povos tradicionais denominam de *puxiruns*¹². Nos *puxiruns* os convidados não recebem nenhum pagamento em dinheiro por parte do dono da terra. A contribuição do dono da terra consiste em bem servir seus convidados de comida, de bebida e de fumo com o compromisso ético-moral de retribuir aos companheiros em momento oportuno com o mesmo tipo de trabalho.

No conjunto das técnicas empregadas nas atividades de caça e pesca, foram introduzidos alguns instrumentos novos que modificaram os métodos rudimentares, tais como as armas de fogo, as redes de *nylon* e o barco movido a motor. Já a relação do homem nativo com a floresta – envolvendo as técnicas de captura das espécies e as crendices em seres sobrenaturais que habitam a floresta (anhangá, curupira, matinta-perera) e a água (cobra grande e boto) que amedrontam caçadores e pescadores – pouco se modificou. O tradicional e o moderno se encontram e se complementam na vida dos habitantes dos interiores amazônicos. As tecnologias servem para auxiliar o saber tradicional do caboclo nas práticas de trabalho.

Como bem sintetiza Loureiro (2001), as estratégias de sobrevivência pessoal e familiar dos povos tradicionais da Amazônia estão baseadas num esquema denominado de *complexo mata-rio-roça-quintal*. Neste complexo figuram primeiramente as condições indispensáveis para a garantia da subsistência do grupo familiar e, num segundo plano, realiza-se a troca ou a venda de produtos excedentes, sem prejuízos da reserva de alimentos para a época da cheia.

¹² O termo *puxirum* é usado no médio e baixo Amazonas. No Alto Rio Negro é utilizado o termo *Ajuri*. Ambos os termos são equivalentes a *mutirão*.

A *mata* possui grande variedade de espécies vegetais que são utilizadas na alimentação e na cura de doenças do homem amazônico. Constitui-se numa importante fonte de subsistência dos povos tradicionais, donde são extraídos o açaí, o buriti, a bacaba, o patauá, a castanha, a seringa, as ervas, os óleos medicinais, as sementes, as raízes, as cascas de árvore, dentre outras. É, também, na mata que o homem amazônico pratica a caça de diversos animais – paca, jacaré, cobra, cotia, tatu, capivara entre outros – dos quais dispõe da carne para o consumo ou para a venda.

A subsistência desses povos está centrada também nas atividades laborais realizadas nos *rios*, lagos e igarapés de onde são retirados os peixes e outras espécies aquáticas para o consumo da família e para a comercialização. O peixe é um dos ingredientes que compõe a base alimentar nas comunidades, estando presente quase que diariamente na mesa das famílias. Até mesmo no período de reprodução das espécies, quando a pesca fica mais difícil, as famílias sobrevivem do peixe que foi salgado previamente.

Outro meio de manutenção da vida advém de *roças* caseiras cultivadas nos *quintais*, onde são plantados ervas medicinais, hortaliças, frutas, verduras, legumes e criados pequenos animais como patos, galinhas, porcos, dentre outros.

A pesca, a caça e o extrativismo são atividades centrais na vida dos povos tradicionais da Amazônia. Essas atividades são combinadas e desenvolvidas de acordo com os diferentes ciclos dos rios, que alteram o ambiente amazônico, compelindo os habitantes a criarem estratégias alternativas de sobrevivência. As variações dos ecossistemas amazônicos são determinantes na organização da vida e, conseqüentemente, nas formas de subsistência dos habitantes da região.

A labuta diária do homem amazônico no trabalho pesado nas roças, na mata fechada e nas águas escapa daquilo que é tipificado como profissão pela sociedade moderna. A perspectiva eurocêntrica e neocolonialista das sociedades modernas não reconhece as formas

de ocupações presentes na região amazônica. Profissões como mateiro, piaçabeiro, castanheiro e outras, sequer constam nos cânones das profissões do Brasil (TORRES, 2005b).

A Amazônia comporta uma massa de trabalhadores bastante heterogênea, que atua nas mais distintas formas de trabalho: seringueiros, castanheiros, piaçabeiros, mateiros, pescadores, caçadores e uma infinidade de trabalhos técnicos e assalariados mais restritos ao ambiente urbano. Ofícios tradicionais e modernos se misturam no universo amazônico, seja na zona rural ou na zona urbana.

A imensa diversidade etnocultural existente no vale amazônico é um dos fatores que contribui para a existência de uma ampla variedade das formas de ocupações. As ocupações modernas trazidas pelos povos do Ocidente se imiscuem às formas mais tradicionais já existentes.

Se, por um lado, as formas de ocupações tradicionais sofreram modificações, por outro, continuam ocupando espaço no mundo do trabalho dos povos tradicionais. Tais ocupações nos levam a refletir sobre os conceitos de trabalho e de labor defendidos por Arendt (2004) na obra *A Condição Humana*. Nela, a autora parte do princípio de que a vida humana, que ela chama de *vita activa*, está fundamentada em três atividades básicas: o labor, o trabalho e a ação.

A autora destaca que poucos foram os pensadores que perceberam a distinção entre trabalho e labor. Isto talvez seja decorrente do desprezo atribuído ao labor durante a antigüidade, quando foi considerado indigno e servil, sendo tarefa apenas dos escravos e não dos homens livres. Lembre-se que, na Grécia antiga, a condição de cidadania dos homens livres só se tornava possível em decorrência da existência de escravos, que eram os responsáveis pela realização das atividades necessárias à sustentação da vida.

Arendt (2004) assinala que essa distinção merece atenção, posto que em todas as línguas europeias antigas e modernas, o labor e o trabalho não possuem o mesmo significado, encontrando diferenças na própria etimologia.

Na perspectiva arendtiana, labor é toda atividade despendida pelo corpo humano capaz de gerar vida e não bens materiais, ou seja, não tem a finalidade de produzir objetos palpáveis. O labor é uma prática movida pela necessidade do corpo. Não pode ser acumulado, pois é produzido e gasto de forma cíclica pelo organismo humano, num movimento contínuo que só cessa com a morte.

É patente na heurística de Arendt que o labor é a condição *sine qua non* para a realização do trabalho, uma vez que ele é responsável por manter o organismo vivo e apto para a fabricação dos objetos. O labor só produz objetos ocasionalmente, já que seu papel principal é o de produzir vida. A autora é enfática ao afirmar que “a condição humana do labor é a própria vida” (ARENDR, 2004, p. 15).

Para Arendt (2004), o trabalho é uma atividade objetiva que produz bens materiais duráveis. Assenta-se na relação homem/natureza, uma vez que é da natureza que o homem retira a matéria-prima necessária à confecção dos produtos e utensílios. O trabalho é o meio pelo qual o homem transforma a natureza e cria o mundo material e imaterial, ou seja, os objetos de uso necessários à vida, “... os produtos do trabalho – e não o do labor – garantem a permanência e a durabilidade sem as quais o mundo não seria possível” (ARENDR, 2004, p.105).

A distinção fundamental entre trabalho e labor é expresso pela autora da seguinte forma: *o trabalho de nossas mãos e o labor de nosso corpo*. O *homo faber*, responsável pela realização do trabalho, é quem fabrica os objetos de uso a partir dos recursos disponíveis na natureza. O trabalho constrói as coisas do mundo, a perenidade e a estabilidade da vida. Já o *animal laborans* se mistura aos elementos da natureza e produz os elementos vitais para

manutenção do corpo. Os produtos do labor são efêmeros se comparados aos do trabalho. Trata-se de uma distinção teórica, uma vez que o homem realiza as duas atividades. Labor e trabalho são complementares à existência humana.

No estilo de vida dos povos tradicionais amazônicos, trabalho e labor se misturam. A materialidade do mundo e a essencialidade da vida humana são construídas em meio à labuta diária na roça, às festas de agradecimento pela boa colheita e pela pesca farta, à crença nos bichos visagentos da floresta e da água, enfim, em diferentes momentos da vida.

Como já foi dito, os povos amazônicos extraem da floresta, da terra e da água os elementos materiais e imateriais indispensáveis à reprodução da vida. Essa relação entre homem e natureza recebe o nome de trabalho e é também labor no sentido em que provê os elementos indispensáveis à conservação do corpo. Com base nas reflexões de Arendt, podemos afirmar que o trabalho e o labor apresentam-se simultaneamente na vida dos povos tradicionais.

A experiência de vida que conjuga labor e trabalho é a base sobre a qual foram construídas as diversas formas de ocupações presentes na Amazônia. O homem amazônico possui uma relação de respeito ecológico com a natureza, pois é dela que retira primeiramente os elementos necessários à manutenção do seu corpo e a matéria-prima para a fabricação dos objetos de uso.

Ao estudar a formação da classe operária inglesa, Thompson (1987) observa que as classes de trabalhadores assim como a própria vida são construídas a partir da experiência. A teorização por si só não contribui para a materialização da classe. A experiência é o instrumento que possibilita a formação da consciência de classe, é o conteúdo que dá sentido às lutas da classe trabalhadora. O autor considera que,

o fazer-se da classe operária é um fato tanto da história política e cultural quanto da econômica. Ela não foi gerada espontaneamente pelo sistema fabril. Nem devemos imaginar alguma força exterior – a “revolução industrial” – atuando sobre algum material bruto indiferenciado e indefinível de humanidade (...). A classe operária formou-se a si própria tanto quanto foi formada (THOMPSON, 1987, p. 17-18).

De acordo com a perspectiva thompsoniana, podemos afirmar que, se a classe operária se constrói na experiência vivida no cotidiano fabril onde compartilha seus modos de vida (valores, idéias, competência técnica e a própria vida), as formas de ocupação do trabalhador na Amazônia são elaboradas a partir da interatividade entre o homem e os diferentes elementos da natureza.

As formas de ocupação assentam-se nos saberes dos povos tradicionais, que são a base da relação entre homem e natureza. As diversas estratégias de subsistência do caboclo amazônico foram construídas ao longo de vários séculos de experiência de vida no grande vale. No trabalho em família e em comunidade, homens e mulheres da região desenvolvem formas de cultivo do solo, de pesca, de coleta dos produtos da floresta, de feitura da farinha, do beiju, da tapioca e de outras estratégias que garantem a subsistência das famílias.

A experiência vivida foi o elemento fundamental para a criação das diversas formas de ocupação que fazem do homem amazônico um ser dinâmico e articulado ao ambiente natural. Na labuta diária, os caboclos amazônicos praticam os mais variados ofícios. Conforme as oscilações climáticas, dinamizam suas atividades de modo a garantir a sobrevivência da família. São pescadores, agricultores, caçadores e coletores ao mesmo tempo.

O não-reconhecimento oficial dessa variedade de mundos do trabalho presentes na Amazônia implica na marginalização desses trabalhadores, que, historicamente, são vistos como seres inferiores e que desenvolvem atividades de baixo *status* social. A discriminação das formas de ocupações dos povos tradicionais amazônicos está circunscrita num processo maior de desvalorização das peculiaridades da região amazônica.

As ocupações tradicionais dos povos amazônicos são ignoradas pelas agências de pesquisa no Brasil. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo, não considera as ocupações tradicionais encontradas na Amazônia como profissões. Nos censos e estatísticas deste e de outros órgãos, os trabalhadores tradicionais amazônicos aparecem sob a classificação genérica de trabalhadores rurais ou ainda sob a ampla denominação de *outras profissões*.

Invisíveis na tipologia das profissões, pouco a pouco as formas de ocupações tradicionais estão sendo negadas e até mesmo esquecidas. Os trabalhadores amazônicos que enfrentam os perigos da floresta e das águas na luta pela sobrevivência são ignorados, sendo, pois, homogeneizados como trabalhadores rurais, nomenclatura que não abarca as peculiaridades das profissões na Amazônia.

O discurso oficial homogeneizador não reconhece certas profissões que não se enquadram nos cânones do trabalho moderno assalariado. Nesse discurso está embutida a desvalorização ou o não-reconhecimento daquilo que é diferente, fortalecendo, assim, o estereótipo da exotização do caboclo amazônico e do seu estilo de vida. Trata-se de uma forma perversa de dominação, ou seja, aquilo que não existe oficialmente não é respeitado e nem pode ser valorizado.

Longe do paradigma do trabalho industrial e das relações de exploração tipicamente capitalista, os povos tradicionais da Amazônia exercem suas práticas laborativas de forma autônoma, sem padrões e qualquer perspectiva consumista e acumulativa, como já sinalizamos ao longo desse estudo. Os rios com suas leis de sazonalidade são seus únicos “patrões”. Observe-se que, durante a enchente e a cheia, os povos tradicionais amazônicos ficam impossibilitadas de praticar suas atividades de trabalho plenamente, isto supõe que nos períodos subseqüentes, na vazante e na seca, devem trabalhar dobrado, inclusive para reabastecer seus estoques de alimentos para época seguinte.

O moderno conceito de trabalho associado à noção de profissão especializada ganha força na Amazônia a partir da segunda metade do século XX, especialmente após a implantação da Zona Franca de Manaus em 1967, embora as formas incipientes do trabalho assalariado estivessem presentes na Amazônia desde a segunda metade do século XIX. Pinheiro (2003) destaca que, naquele período a cidade de Manaus comportava um contingente de trabalhadores que realizavam atividades portuárias como, por exemplo, os catraieiros, os carroceiros, os estivadores e os marítimos.

Na segunda metade do século XIX, os estivadores representavam a maior categoria de trabalhadores, cerca de setecentas pessoas. A categoria era bem organizada e durante o período áureo da economia da borracha¹³ (1890-1911) chegou a paralisar as atividades portuárias por um período de vinte e dois dias, no ano de 1899, momento em que reivindicavam reajustes salariais condizentes com o custo de vida na capital amazonense.

A economia da borracha crescia a passos largos entre o final do século XIX e início do século XX, até que o látex da seringueira passou a ser utilizado nas empresas automobilísticas da Europa, intensificando a exploração e a exportação do *ouro negro*.

O auge da economia gomífera atraiu um número significativo não só de imigrantes estrangeiros, mas também de trabalhadores oriundos do Nordeste brasileiro, mais especificamente, do sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. A

¹³ A exploração das especiarias (drogas do sertão) realizada nos séculos XVII, XVIII e XIX foi o foco de interesses internacionais pela região amazônica. Em meados do século XIX, entra em evidência um outro produto amazônico: a borracha, inaugurando-se aí a fase da economia gomífera, período marcado pelo inchaço populacional da região amazônica, decorrente da intensa migração nordestina e de estrangeiros. A extração do látex na Amazônia entrou para a história como um período áureo caracterizado pelo desenvolvimento econômico, pelo progresso e pela urbanização das capitais do Norte brasileiro, principalmente Manaus e Belém. A cidade de Manaus foi idealizada como a *Paris dos Trópicos* e ganhou ares de uma cidade européia. Aqui foi instalada energia elétrica, inaugurada a primeira Universidade do Brasil, construídos monumentos históricos, prédios públicos e imensos palacetes para abrigar as famílias dos barões da borracha. As mudanças ocorreram não só na arquitetura da cidade, atingiram também o comportamento, os hábitos e os costumes dos moradores. Os barões da borracha, ou seja, os donos dos seringais esbanjavam luxo nos seus casarões e escritórios, as vestimentas, os calçados e os acessórios deles, de suas senhoras e dos seus filhos eram trazidos da Europa. Em outras palavras, procurava-se fazer a reprodução de um estilo de vida tradicional europeu nos trópicos, mesmo que restrito apenas às cidades, principalmente Manaus e Belém. Cf. DIAS, Ednéia Mascarenhas. *A ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. Manaus: Editora Valer, 1999.

migração nordestina ocorreu em massa, já que um grande contingente de pessoas veio para a Amazônia refugiar-se da seca e em busca de melhores condições de vida.

De acordo com os dados apresentados por Benchimol (1999), entre os anos de 1877 a 1920, vieram para a região cerca de 300.000 migrantes nordestinos, número este ampliado nos anos subseqüentes. O autor afirma que os nordestinos continuaram a vir para Amazônia e até o ano de 1960 haviam sido contabilizadas cerca de 500.000 pessoas.

A economia da borracha edificou um mundo bastante desigual, posto que a condição de vida de seringalistas e seringueiros se expressava como contraditória. Se, por um lado, o seringalista dispunha de luxo e riqueza, por outro, o seringueiro estava sujeito a condições aviltantes de vida. Enquanto grande parte dos estrangeiros – principalmente os portugueses, que voltaram para a Amazônia durante o período da borracha – assumiu posição de destaque na região como comerciantes, donos de casas aviadoras e coronéis de barranco, os migrantes nordestinos assumiram posição de subalternidade e degradação na extração do látex. As condições da viagem e de subsistência nos seringais eram péssimas, conforme destaca Benchimol (1999, p.140-141),

eles eram recrutados nos campos de flagelados das secas, nas vilas e povoados do sertão nordestino, embarcados nos porões dos navios do Lloyd, amontoados nas improvisadas hospedarias de imigrantes e depois mandados com as suas redes de dormir, nos porões dos vaticanos, chatas e gaiolas, rio acima, para trabalhar nos seringais dos baixos e altos rios. (...). Começavam como *brabos* até que, com a ajuda dos companheiros mais velhos e experimentados – os seringueiros *mansos*, já domesticados, aprendiam o ofício do corte, sangria, coleta e defumação. Quando não eram vítimas da violência, das flechadas dos índios, picadas de cobras, das emboscadas e conflitos de sangue nas festas e nos negócios morriam aos milhares de doenças como beribéri, pelagra, malária, maleita e ferida braba.

A presença dos nordestinos na Amazônia facilitou a introdução de outros elementos culturais que foram incorporados ao modo de ser e de viver dos povos tradicionais. É

interessante lembrar que o povo nordestino é fruto da miscigenação entre brancos, índios e negros que ocorreu intensamente no nordeste brasileiro.

Não só os nordestinos migraram para a Amazônia em busca do *ouro negro* como também estrangeiros e mestiços de todas as partes do Brasil. Foi o nordestino, preponderantemente, que ocupou as regiões mais longínquas do vale amazônico trabalhando dia-a-dia na extração e defumação do látex. Por isso, influenciou mais diretamente os modos de vida dos povos tradicionais amazônicos, ao mesmo tempo em que assimilou as estratégias de sobrevivência próprias dos povos tradicionais e se adaptou aos ecossistemas amazônicos.

Passado o fervor da economia da borracha, alguns nordestinos regressaram para suas terras, deixando diversas contribuições aos povos tradicionais, dentre as quais se pode mencionar o catolicismo ortodoxo, as técnicas de aragem da terra e a resistência política que influenciou enormemente os povos locais (GALVÃO, 1976).

Não se pode deixar de reconhecer uma outra importante contribuição nordestina, que diz respeito à consolidação da língua portuguesa como idioma dominante no cenário regional. Durante o período de exploração da borracha, as grandes levas de nordestinos que vieram trabalhar nos seringais eram falantes da língua portuguesa, ainda que de forma precária em função do baixo nível de instrução. Mesmo assim, eles colaboraram para a fluência da língua portuguesa, que pouco a pouco foi substituindo os dialetos indígenas e também a língua geral (REIS, 1977).

A Amazônia índia, cabocla e mestiça não pode ser enquadrada nos parâmetros da ocidentalização dos estilos de vida e de trabalho. Conforme afirma Vianna (1987), é necessário romper com esse pensamento de homogeneidade para compreendermos a formação do povo brasileiro. Os povos tradicionais amazônicos guardam em suas entranhas muitos aspectos das inúmeras culturas indígenas que habitaram a região, justamente por isso a

Amazônia não pode ser pensada à luz da do pensamento clássico ocidental que ignora suas particularidades.

1.3 As estratégias de sobrevivência no Cacau Pirêra

Os estilos de vida dos povos tradicionais amazônicos sofreram interferências e metamorfoses ao longo do processo civilizatório e, ainda hoje, continuam passando por transformações. As influências eurocêntricas provocaram mudanças sobre a vida destes povos desde o primeiro contato entre brancos e índios.

Aos olhos do europeu, os índios foram concebidos como a própria figuração do exotismo. Os índios foram vistos como seres exóticos e extravagantes por possuírem formas de organização social, cultural, política e econômica diferente do modelo ocidental. Pinto (1999) afirma que esse processo não é privilégio da realidade amazônica, faz parte de um processo maior de discriminação e depreciação daquilo que é diferente. Para esse autor, “a geografia do exótico se fixou de uma maneira incisiva com o processo de ocidentalização do mundo, com a demarcação e a acentuação da fronteira Ocidente-Oriente que ocorreu nos últimos quatro séculos, mas que se concentrou no século XX” (PINTO, 1999, p.45).

O Ocidente se coloca como modelo de civilização para o mundo e determina que tudo aquilo que não é semelhante torna-se exótico. Ao exótico é atribuído um sentido pejorativo, de oposição aos modelos ocidentais. Segundo esse autor, a exotização é uma via de mão dupla, na medida em que ressalta as diferenças e também subsidia a identidade cultural de um povo.

A compreensão sociocultural dos povos amazônicos implica em considerarmos essa imagem ideologizante construída pelo poder eurocêntrico em relação aos nativos, tidos como

símbolo do exotismo. Carvalho (1999, p.125) é enfático ao afirmar que se faz “imperioso ir além dos saberes ocidentais e recuperar a integridade das tradições, deixando ao Ocidente sua vocação equivocada de conquistador pragmático e formulador de saberes imediatos”.

Os povos tradicionais da Amazônia que estão localizados mais próximos das cidades ou que têm muito contato com habitantes do meio urbano, sofrem maior influência da urbanidade, o que, segundo Torres (2005a), contribui para uma certa domesticação dos estilos na Amazônia. Isto é, pouco a pouco, os povos tradicionais vão adotando hábitos, costumes, vestimentas, valores, sotaques e estratégias de sobrevivência próprios do espaço urbano.

Pelo fato do Distrito Cacau Pirêra encontrar-se próximo à cidade de Manaus (figura 2) e seus habitantes contarem com um serviço de transporte público que funciona por intermédio de balsas, que navegam do porto local – Iranduba¹⁴ – ao porto do São Raimundo (Manaus) e vice-versa, há uma certa facilidade de seus habitantes imiscuírem-se com a vida citadina, adquirindo hábitos da urbanidade.

¹⁴ Iranduba é um vocábulo de origem indígena e significa lugar de muita garça. Alguns estudos arqueológicos comprovaram que o local onde está localizado o município do Iranduba foi habitado pelos índios Mura.

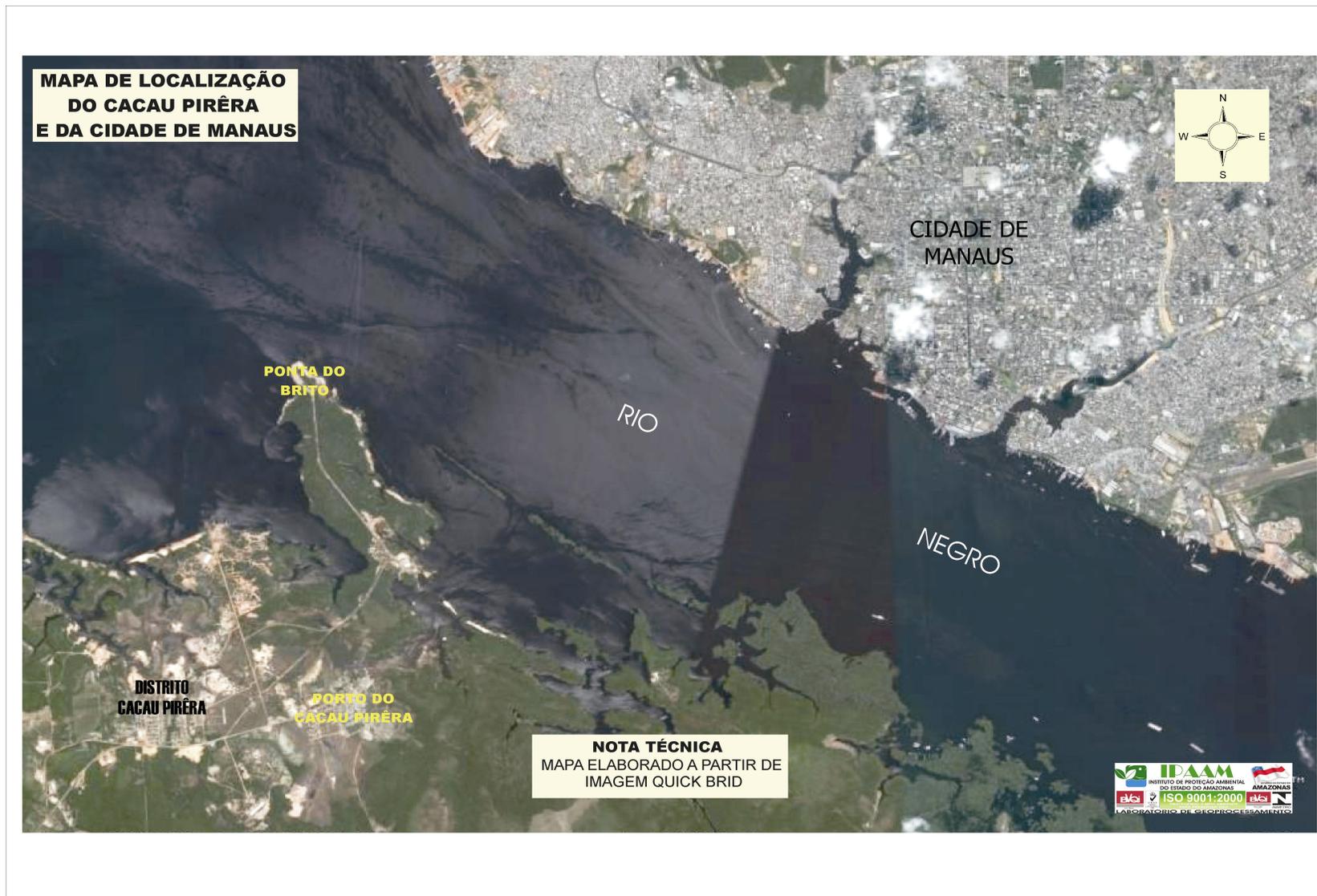


Figura 2- Mapa de localização do Distrito Cacau Pirêra e da cidade de Manaus

FONTE: IPAAM, 2006

O surgimento do Cacau Pirêra está associado aos projetos federais de ocupação e desenvolvimento da Amazônia. Pensado para ser um pólo agrícola de suporte e abastecimento da capital do Estado do Amazonas, o Cacau Pirêra foi fundado em 1946 como Colônia Agrícola Nacional do Amazonas (CANA), por iniciativa do Ministério da Agricultura. Foi mais intensamente ocupado no decorrer dos anos de 1950, quando uma grande quantidade de colonos japoneses foi alocada nas suas terras. Naquela época, o distrito era uma das colônias de exploração do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)¹⁵, que ainda não tinha essa denominação.

A presença dos colonos japoneses contribuiu para que o Cacau Pirêra se transformasse num importante produtor agrícola de mandioca, guaraná, pimenta-do-reino, arroz, cheiro verde e outras culturas. Na época da colônia, a agricultura era o principal meio de subsistência, seguida da pesca intensamente praticada pelos habitantes da várzea e, em alguns locais, também era realizada a caça. Zé Miguel, tendo chegado ao Cacau Pirêra por volta de 1953, ainda na época da colônia, recorda com entusiasmo os velhos tempos quando saía para pescar e caçar:

Hoje eu não pesco mais nada, mas eu já pesquei muito. Antigamente, eu pescava e caçava. Eu botava a espingarda na costa, chamava a mulher e ia embora. Aí quando nós chegávamos era com a bolsa cheia de peixe, tatu, paca. A minha vida toda foi uma vida de fartura, nunca faltou nada aqui, graças a Deus. Agora chegou a idade e a vista não está mais muito boa e como tem muita cobra, eu não saio mais (ZÉ MIGUEL, entrevista/2005).

Observe-se na fala do informante a importância das atividades de subsistência para a manutenção da vida nos interiores amazônicos. A caça e a pesca aparecem no discurso como

¹⁵ O INCRA é originário de 1970. Antes disso, o órgão recebeu várias outras denominações, mas sempre esteve ligado à questão da terra, à colonização e à reforma agrária. Cf. CARDOSO, F.; MULLER, G. Amazônia: expansão do capitalismo. p. 119-121.

fonte de alimentação farta para a família, explicitando-se aí uma das heranças deixadas pelas culturas indígenas ao estilo de vida dos povos amazônicos. Como vimos anteriormente, a base alimentar dos povos tradicionais é provida por meio da agricultura, do extrativismo vegetal e animal e da criação de animais.

Outra informação que merece destaque na fala de Zé Miguel é a participação ativa da mulher nas atividades de subsistência, que também pode ser atribuída ao legado cultural deixado pelos povos indígenas. Torres (2005) considera que a mulher cabocla assim como a indígena exerce funções importantes na organização social do trabalho, sendo a responsável não só pelos afazeres domésticos mas também pelas atividades de preparo da terra para a agricultura, pela feitura das cerâmicas, pelas atividades mais delicadas que exigem maior atenção e sutileza com as mãos, como por exemplo, a tecedura das redes, dos cestos e dos balaios, entre outras atividades.

Atualmente, Zé Miguel está com 71 anos de idade e após uma vida dedicada à agricultura e ao extrativismo, sobrevive de sua aposentadoria e de algumas pequenas plantações feitas em seu sítio. Nem todos os filhos de Zé Miguel seguiram o mesmo ofício do pai, sendo que alguns se dedicaram ao ramo da olaria e um deles é proprietário de uma das grandes empresas oleiras do Distrito de Cacau Pirêra.

Na época da colônia agrícola, praticamente todas as famílias desenvolviam as atividades tradicionais de subsistência, não tinham muitas possibilidades de trabalho assalariado. No Cacau Pirêra existiam poucos comerciantes, alguns funcionários do INCRA e os colonos agrícolas. Zé Miguel relembra que, “antigamente aqui a gente vivia de plantar mandioca, arroz, abacaxi, não tinha outro meio de vida” (entrevista/2005). Vindo para o local a serviço do INCRA, Zé Miguel passou um tempo como funcionário do órgão e, posteriormente, pediu afastamento e passou a ganhar a vida na prática da agricultura, do extrativismo vegetal e animal e na criação de pequenos animais.

O relato do entrevistado nos mostra que, num passado recente, os moradores do Cacau Pirêra tinham a atividade agrícola como a principal fonte de manutenção da vida. Com o passar dos tempos e o desenvolvimento do lugar, surgiram outras formas de trabalho e esta realidade se modificou amplamente, sobretudo nas últimas décadas. Bourdieu, na obra *o desencantamento do mundo*, ao tratar da transição da sociedade argelina pré-capitalista para a economia capitalista considera que “o desarraigamento da ordem tradicional e a entrada, muitas vezes brutal, no mundo da economia moderna conduzem e supõem transformações sistemáticas do *habitus*” (1979, p. 52-53). Ou seja, a modernidade e a ordem econômica que a acompanha impele a sociedade a um estilo de vida bastante diferenciado daquele adotado pelas sociedades tradicionais.

Atualmente, as estratégias de sobrevivência dos moradores do Cacau Pirêra apresentam características mais semelhantes às formas de trabalho existentes no âmbito urbano. Muitos moradores têm deixado de realizar atividades tradicionalmente rurais para praticar aquelas ligadas ao meio urbano. O trabalho que aqui chamamos de urbano/moderno¹⁶ é aquele que se fundamenta na venda da força de trabalho. É o trabalho comumente desenvolvido no sistema capitalista de produção. E o trabalho aqui que consideramos rural/tradicional são as atividades de subsistência tradicionais como a agricultura, o extrativismo vegetal e animal e a criação de animais, herdadas dos povos indígenas que habitaram a Amazônia.

A mudança nas estratégias de sobrevivência dos moradores do Distrito Cacau Pirêra revela um processo de domesticação das relações de trabalho com tendência ao *habitus* urbano. Muitos moradores do local têm deixado de exercer a agricultura, o extrativismo vegetal e animal e a criação de pequenos e grandes animais para trabalhar no comércio, nas

¹⁶ Sobre a diferença entre as noções de rural e de urbano é indicado o texto *Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano* de autoria de SOROKIN, Pitirim; ZIMMERMAN, Carlo; GALPIN, Charles. In: MARTINS, José de Souza (org.) Introdução crítica à sociologia rural. 2ª ed. São Paulo: editora Hucitec, 1986.

olarias, nos frigoríficos e em outros estabelecimentos. Uma de nossas entrevistadas relembra que,

antigamente o pessoal fazia de tudo um pouco, pescava, caçava e plantava. Aqui na beira do rio, nos lagos e nos igarapés não era pescaria grande, era apenas para arrumar o almoço. Era apenas para o consumo quando o rio estava cheio. Agora não se pesca mais, é só no comprado. A gente não sai mais para pescar, os filhos não vão porque todos trabalham, não têm tempo para pescar. *A gente não tem mais tarrafa, malhadeira e nem canoa.* É mais fácil comprar o peixe na feira (MARIA ARLETE, entrevista/2005) [grifo nosso].

A fala de nossa entrevistada indica que as modificações no estilo de vida e, especialmente, nas estratégias de sobrevivência dos povos tradicionais amazônicos é uma realidade latente. As práticas de subsistência – exercidas tradicionalmente como única frente de trabalho para a reprodução da vida dos povos tradicionais – estão perdendo espaço neste contexto fronteiro do urbano e do rural. Até mesmo os instrumentos utilizados nas atividades tradicionais têm deixado de fazer parte do universo material dos moradores do Cacau Pirêra. Muitas são as famílias que preferem comprar os peixes, as verduras e as hortaliças a pescar ou plantar.

As transformações no estilo de vida e principalmente nas formas de trabalho não é um fato novo na vida das populações tradicionais amazônicas. Wagley (1988) já havia assinalado isto em meados do século passado ao realizar estudo de campo numa comunidade amazônica. Outros estudos mais recentes sobre as condições de vida na Amazônia continuam apontando para tais transformações. Conceição e Maneschy (2002) argumentam que as influências advindas do meio urbano, as tecnologias e outros saberes modernos modificam a vida dos povos tradicionais. As autoras consideram que mesmo havendo resistência, também se dá a aceitação das novidades e com isso o estilo de vida vai se modificando.

O crescimento das cidades e o desenvolvimento urbano supõem uma nova forma de organização social, política, econômica e cultural da sociedade. Nas cidades, a vida é conduzida por outro ritmo bastante diferenciado do estilo de vida tradicional. Mesmo estando separado da cidade de Manaus por uma fronteira caudalosa constituída pelas águas do Rio Negro, o Distrito de Cacau Pirêra é influenciado pelos estilos de vida da capital do Estado do Amazonas.

Nos últimos tempos, a vida no Cacau Pirêra vem mudando de ritmo e de rotina. Dona Raimunda Monteiro, 51 anos, nos revela que “a maioria do pessoal não quer mais saber de nada. Antigamente, no interior, as mães pegavam os filhos e iam pescar, botavam os filhos para tarrafejar, ensinavam a plantar uma roça, hoje não é mais assim” (entrevista/2005). Na fala da entrevistada ficam evidentes as transformações pelas quais está passando o estilo de vida dos moradores do local. As práticas tradicionais de subsistência, que eram ensinadas às crianças desde pequenas, têm deixado de fazer parte do universo cultural das comunidades amazônicas, sendo substituídas pelo trabalho assalariado. As famílias, que cada vez mais vendem sua força de trabalho na pequena indústria e no comércio, estão deixando de praticar as atividades ditas tradicionais.

A desvalorização das atividades tradicionais na modernidade é um fato. Muitas famílias que deixam de praticar a agricultura, o extrativismo vegetal e animal e a criação de animais vêm-se sem alternativas para obter renda em dinheiro, sendo impelidas a rumarem para a cidade ou para as áreas mais próximas dos centros urbanos, onde estão sujeitas às formas de trabalho mais precárias. Torres (2005b) salienta que, desde o período colonial, as formas de ocupações tradicionais vivenciadas na Amazônia são consideradas de pouco prestígio social. Não é de hoje que as estratégias tradicionais estão recebendo os impactos da modernidade.

Na passagem do mundo rural para a sociedade urbana, as atividades tradicionais são tidas como ocupações sacrificantes e árduas de serem realizadas, além de pouco rentáveis. Os filhos dos agricultores e pescadores são incentivados a abandonar as atividades tradicionais e enveredar pelo mundo do trabalho urbano, buscando profissões mais especializadas e modernas. O trabalho assalariado, mesmo aquele realizado sob as condições mais aviltantes, representa para muitas famílias uma forma de progresso social pelo fato de estar mais ligado ao ambiente urbano/moderno.

Conforme indica Bourdieu (1979), na modernidade, a noção de trabalho se metamorfoseia. O trabalho passa a ser concebido enquanto atividade individual, que visa à renda em dinheiro e deixa de se configurar como responsabilidade coletiva, voltada para o bem comum. Na modernidade, a economia de subsistência é tida como retrógrada, impulsionando muitos interioranos a deixarem de praticá-la e se aventurarem no mercado de trabalho formal e informal.

O Senhor Noé Lima, atualmente com 79 anos, é um outro morador que vivenciou o período em que o Cacau Pirêra era colônia agrícola de exploração. Ele lembra perfeitamente da lida diária na agricultura e das caçadas em busca da provisão de alimento para sua família: “aqui nós vivíamos só da agricultura mesmo, o comércio quase não tinha. Eu ia duas vezes na semana caçar paca. Matava a caça, salgava e guardava para ir comendo. Quando acabava, eu ia de novo. Tinha muita paca, tatu e veado por aqui” (entrevista/2005).

Em relação às atividades pesqueiras realizadas na época em que o Cacau Pirêra era colônia agrícola, Dona Raimunda Monteiro nos apresenta o seguinte quadro: “muitos moradores trabalhavam com peixe, eles pescavam para o consumo e também vendiam o que sobrava lá na beira. Tinha até quem pescasse com bomba” (entrevista/2005). Na fala da entrevistada torna-se evidente que a pesca de subsistência com comercialização apenas do excedente era atividade costumeira na localidade.

As estratégias tradicionais de sobrevivência, com ênfase na agricultura, foram por algum tempo as únicas formas de ocupação dos moradores locais. Quando a pequena indústria – principalmente do ramo oleiro – e o comércio começaram a se estabelecer no Cacau Pirêra, estas estratégias passam a perder espaço.

Atualmente, além dos trabalhadores incluídos no mercado formal e informal da indústria e do comércio, há também no Cacau Pirêra um grande quantitativo de moradores que atravessa o rio todos os dias para trabalhar na capital. A facilidade de deslocamento permite que muitos moradores do distrito exerçam suas atividades de trabalho no centro urbano de Manaus, inclusive como trabalhadores domésticos e vendedores ambulantes. A este respeito, Maria Arlete nos fala que “tem muitos homens e mulheres que trabalham em Manaus, vão e voltam todos os dias porque aqui não tem trabalho. Você pode procurar de ponta a ponta que não encontra não. Aqui, serviço bom de assinar a carteira não tem” (entrevista/2005).

A mudança na concepção de trabalho no Cacau Pirêra se evidencia no comentário da entrevistada. O conceito de trabalho está passando de um bem social coletivo para uma atividade individualizada de função primeiramente econômica, o que é desencadeado por um conjunto de modificações sociais, econômicas e culturais que estão ocorrendo na localidade.

O desenvolvimento da indústria e do comércio, a criação de infra-estrutura urbana (escolas, delegacia, posto de saúde etc) e a implantação do sistema de transporte público por meio de balsas, todos ocorridos durante as décadas de 1970 e 1980, deram início ao processo de domesticação dos moradores locais ao estilo de vida citadino.

É válido ressaltar que essa domesticação ao estilo de vida urbano não é automática, tampouco homogênea. Bourdieu, ao tratar da adaptação da sociedade argelina ao capitalismo, afirma que, “agentes criados dentro de uma tradição cultural totalmente diferente só conseguem se adaptar a economia monetária às custas de uma reinvenção criadora que não

tem nada a ver com uma acomodação forçada, puramente mecânica e passiva” (BOURDIEU, 1979, p.14).

A reinvenção criadora de que nos fala o autor é constituída por estratégias encontradas como formas de sobrevivência pelos moradores em meio às mudanças. Essa reinvenção mescla o tradicional e o moderno, o rural e o urbano nas diferentes esferas da vida, inclusive nas formas de trabalho, tendo em vista que “o novo sistema de disposições não é elaborado no vazio, ele se constitui a partir das disposições costumeiras que sobrevivem ao desaparecimento ou desagregação de suas bases econômicas” (Bourdieu, 1979, p.16).

É claro que nem todos os moradores se renderam às formas modernas de trabalho, há várias famílias que resistem e continuam a viver somente das estratégias tradicionais de subsistência, existindo também famílias que combinam diferentes formas de trabalho, isto é, trabalham como empregados nas olarias, nos comércios e em outros estabelecimentos, ao mesmo tempo em que permanecem na prática da agricultura, no extrativismo vegetal e animal ou na criação de animais. A domesticação das formas de trabalho dos moradores do Distrito Cacau Pirêra está sendo gradual e relativa, haja vista que coexistem os dois tipos de trabalho.

A domesticação dos estilos de vida dos habitantes nos espaços fronteiriços da Amazônia se deve não só ao avanço da modernidade e ao surgimento de muitos centros urbanos, mas também à própria questão do preconceito étnico que os homens amazônicos têm em relação a si mesmos. Torres (2005a) assinala que o preconceito étnico foi introduzido no imaginário social dos homens amazônicos desde o período colonial e, ainda hoje, produz seus efeitos, pois atualmente quem reforça a visão deturpada sobre os indígenas e os povos descendentes é a própria sociedade brasileira.

Segundo essa autora é comum que muitos brasileiros se envergonhem ou até neguem sua ascendência indígena, fato este decorrente da idéia preconceituosa de que o índio é exótico, indolente, preguiçoso e inferior. O estereótipo negativo do índio e do seu estilo de

vida se faz presente também nos povos tradicionais amazônicos, especialmente naquelas comunidades que vêm se distanciando dos estilos de vida tradicionais e adquirindo hábitos da urbanidade.

Torres (2005a) destaca que a ideologia ocidental moderna coloca o índio e seu estilo de vida em posição de inferioridade e submissão à raça branca e à cultura européia. Tidos como primitivos e selvagens pelos europeus, os índios foram estigmatizados como sub-raça. Por isso, as estratégias tradicionais de subsistência herdadas das culturas indígenas são vistas como práticas atrasadas e inferiores, se comparadas ao trabalho assalariado. O preconceito étnico faz com que muitos indígenas e descendentes, principalmente aqueles que moram mais próximo ou têm mais contato com os centros urbanos, deixem de praticar as atividades tradicionais de subsistência para tentar se inserir no mercado de trabalho urbano.

Os moradores do Cacau Pirêra têm consciência das transformações pelas quais estão passando. As mudanças que estão ocorrendo, especificamente no mundo do trabalho, aparecem na fala da entrevistada Maria Madalena: “hoje a principal forma de trabalho no Cacau Pirêra é o trabalho urbano, é o trabalho nas olarias e nos comércios. Ainda temos agricultores e pescadores, mas são poucos” (entrevista/2005).

Com o surgimento de várias olarias, principalmente durante a década de 70, as formas de trabalho dos moradores de Cacau Pirêra foram sendo alteradas acentuadamente. A agricultura, o extrativismo e a criação de animais foram sendo considerados pelos moradores como atividades antigas e de baixo *status* social. Alcimar Duarte, 75 anos, mais conhecido como *Porfírio*, referindo-se a essa situação, pontua com indignação que “a agricultura é muito desvalorizada, inclusive o agricultor (...). Muita gente que me conhece, diz que eu merecia mais. Agora o pessoal está mudando porque a agricultura é difícil, a gente não agüenta” (entrevista/2005).

Torres (2005) afirma que na base da desvalorização das ocupações tradicionais está o preconceito étnico e a exclusão social. E é justamente por isso, entre outros fatores relacionados à falta de incentivo às atividades agrícolas, que muitos interioranos estão se inserindo em outras ocupações.

Uma de nossas entrevistadas levanta um ponto importante que está ocorrendo na localidade, que é o fortalecimento da agricultura, do extrativismo animal e da criação de pequenos animais não como atividades de subsistência, mas como atividades voltadas para o comércio. Ela afirma que “a agricultura, a pesca e a criação de aves para o abate ou produção de ovos estão se voltando para mais para a comercialização. Há algumas famílias que trabalham como empregados dos proprietários de plantações, granjas e embarcações” (MARIA MADALENA, entrevista/2005). A entrevistada considera que as práticas tradicionais não deixaram de existir, o que mudou foi a finalidade das mesmas. Ainda há muitas pessoas que trabalham em tais atividades, só que estes trabalhadores estão vendendo sua força de trabalho para os grandes produtores.

O desenvolvimento do ramo cerâmico-oleiro contribuiu para o surgimento de um novo contexto político, econômico, social e até arquitetônico no Cacau Pirêra. A grande maioria das indústrias de cerâmica, telhas e tijolos do município do Iranduba está situada no Distrito Cacau Pirêra. Conforme dados da Prefeitura do Iranduba (2005), estão em plena atividade 34 unidades de produção cerâmico-oleira, que geram cerca de 4000 empregos no município.

O Cacau Pirêra é reconhecido como importante pólo cerâmico-oleiro que abastece a capital do Estado do Amazonas bem como outros municípios circunvizinhos. As olarias tomam conta da paisagem do município e interferem na dinâmica social dos moradores. O Senhor Antonino Miguel, 79 anos, afirma que “aqui era tudo na base da agricultura, só tinha agricultor aqui. Com as olarias isso foi mudando, as olarias também trouxeram o progresso, porque deu muito emprego” (entrevista/2005).

O surgimento das olarias deu sua parcela de contribuição para que se modificassem as formas de ocupação dos moradores do Cacau Pirêra. Hoje, como bem afirma uma das informantes, “a olaria é o principal meio de vida daqui. A maioria das pessoas do município trabalha em olarias. O trabalho é pesado, mas é o meio de vida até hoje dessa população” (MARIA MADALENA, entrevista/2005).

Apesar de ser considerado pelos próprios moradores como um tipo de trabalho extremamente pesado e exaustivo, o serviço nas olarias é a forma de trabalho mais abundante no distrito. Maria Madalena, ressaltando a dureza deste tipo de trabalho, defende que “é lá que o pai de família encontra o sustento da sua família, é um trabalho escravo, mas que traz o pão de cada dia” (entrevista/2005).

A vida nas olarias deixa marcas profundas na memória e, às vezes, até mesmo no corpo de quem já passou por lá. Maria Arlete rememora com sofrimento os anos que trabalhou nas olarias para criar os filhos:

Lá eu fazia todo tipo de trabalho, colocava lenha, arrumava tijolo, puxava carrinho, enchia e secava caieira. Ah! Eu também passei 6 anos cozinhando, mas nunca tive carteira assinada, a minha carteira foi todo tempo branca. Tinha outros funcionários que eles assinavam a carteira, mas só era de alguns. Agora não trabalha mais mulher. O serviço é pesado, se a gente não for ativa, pega tijolada pelos peitos. É de três, quatro, cinco tijolos, tem de ser forte. Nos primeiros dias, eu trabalhei com medo. Na primeira vez que eu fui desembarcar tijolo em uma caçamba fui eu e um homem, eu fui com medo de acertar o peito dele, depois que eu treinei bastante eu consegui embarcar e desembarcar, jogar e aparar. Graças a Deus, eu nunca fui batida, nunca fui cortada (entrevista/2005).

A vida sacrificante de homens e mulheres nas olarias é algo que nos chamou a atenção. O calor escaldante no interior das fábricas, somados ao esforço físico em demasia provocam o envelhecimento precoce dos trabalhadores e até o adoecimento de alguns

trabalhadores. Maria Arlete, 56 anos, expressa em seu semblante a vida sofrida em decorrência de muitos anos dedicados ao serviço de olaria.



Figura 3 - Maria Arlete - moradora do Cacau Pirêra
FONTE: Pereira, 2005

A indústria oleira faz parte da história do Cacau Pirêra e da vida de seus moradores. Quase todos os nossos informantes já tiveram a experiência ou têm algum fato a relatar sobre o trabalho desenvolvido nas indústrias do ramo. Na família de Maria Arlete, por exemplo, que forçada pela idade e pelo desgaste físico largou o trabalho nas olarias, atualmente é o seu filho que trabalha arduamente no corte de lenha para alimentar os fornos onde são assados os tijolos.

Além de trabalhar em ambiente insalubre, poucos são os empregados das olarias que possuem carteira assinada. A maioria dos funcionários trabalha em regime semanal, ganhando

em torno de R\$ 50,00 a R\$ 70,00, dependendo do serviço. O trabalho deletério e mal remunerado são fatores comuns a este tipo de serviço. Uma das entrevistadas relata que:

O trabalho é pesado até demais. O meu filho mais velho e o meu genro trabalham. Tem dia que eles chegam em tempo de desmaiar. Eles pegam 3 horas da madrugada desenformando os tijolos quentes e quando ele vem largar é uma hora da tarde. Chega ele vem desfigurado, vermelho que parece até que já morreu. Os pobrezinhos empurram de 100 tijolos naqueles carros, chega vão fazendo tanta força que ficam com a canela fina (RAIMUNDA MONTEIRO, entrevista/2005).

A empresa oleira ocupa lugar de destaque na economia local e esta centralidade é percebida amplamente pelos moradores. Mesmo sendo pesado, é esse trabalho que emprega muitos chefes de famílias no Cacau Pirêra. Muitos jovens iniciam logo cedo nas olarias e pouco a pouco perdem o vigor e sua juventude em troca do pão de cada dia.

CAPÍTULO II

O OLHAR ETNOGRÁFICO PARA O CACAU PIRÊRA

Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno.

(Edgar Morin)

2.1 A formação social do Iranduba

A história escrita das vilas e das cidades amazônicas, quando existe, é contada a partir da ótica do colonizador. Em se tratando de localidades ocupadas em épocas pouco mais recentes, na maioria das vezes, o que predomina é a visão do discurso oficial, sob a égide da ideologia de expansão do capital. Discorrer sobre a origem histórica e social do Iranduba impõe-nos um desafio desbravador, considerando a insuficiência de referências existentes acerca do assunto, especialmente se considerarmos o período anterior aos anos de 1950.

A formação social do município de Iranduba remonta ao período pós-colonial sendo, pois, oriundo das migrações mais recentes ocorridas no final do século XIX e no decorrer do século XX. A presença de famílias nordestinas, principalmente cearenses, é notória neste município.

Dados obtidos junto à Prefeitura do Iranduba (2002) dão conta de que a origem do município está ligada às grandes enchentes do rio Solimões ocorridas durante a década de 70. Na enchente de 1976, por exemplo, um grande grupo de pessoas migrou para as terras onde hoje está localizada a sede do município, estabelecendo-se ali definitivamente e dando origem à *Vila do Iranduba*.

Chaves (1990) assinala que a constituição da *Vila do Iranduba* tem início com um pequeno povoado situado à margem esquerda do rio Solimões, numa localidade denominada *Costa do Iranduba*. O pequeno povoado foi elevado à categoria de Vila no ano de 1964, na gestão de Paulo Pinto Nery como Prefeito de Manaus. Em meados da década de 70, quando a grande enchente colocou em perigo a vida dos moradores, a Vila foi transferida por iniciativa do Estado do Amazonas para uma área em terra firme, onde se encontra a sede do município. Esta é a época em que a *Vila do Iranduba* constituía-se num distrito da cidade de Manaus.

A transferência dos habitantes da *Vila do Iranduba* ocorreu em maio de 1976, sob a administração da Prefeitura de Manaus e do INCRA, em meio a uma das maiores enchentes vividas no Amazonas.

O Prefeito de Manaus na época, Coronel Jorge Teixeira¹⁷, preparava terreno para colocar em prática o projeto *Cidade Hortifrutigranjeira de Iranduba S.A. (CHISA)*. Esse projeto, cujos objetivos ambiciosos intentava tornar o Iranduba um núcleo de produção hortifrutigranjeiro, procurando contornar os problemas sociais provocados pelas enchentes, como o escoamento da produção dos pequenos produtores para a cidade de Manaus, não contribuiu para o desenvolvimento regional. A remoção dos moradores da várzea atendia a propósitos bem definidos do poder local que buscava domesticar os estilos de vida dos moradores ao *habitus* ocidental, próprio da economia capitalista, conforme explica Chaves (1990, p. 174):

¹⁷ O Coronel Jorge Teixeira foi nomeado pelo Presidente da República, General Ernesto Geisel, prefeito da cidade de Manaus, tendo governado a cidade de 1975 a 1979.

No caso específico da colonização do Iranduba, é possível afirmar que a não tributação das terras de várzea e a invasão de empresas privadas foram motivos inicialmente secundários ou adicionais para o assentamento de ribeirinhos. O fator fundamental foi a necessidade de introjetar-lhes uma nova concepção de economia, transformando em trabalho aquilo que não era visto pelos capitalistas como tal na prática social dos ribeirinhos, mas como ociosidade(...). Os ribeirinhos foram arrancados da várzea onde trabalhavam para produzir a sua subsistência sem intervenção do Estado e adestrados para uma nova moradia, um novo trabalho, uma nova concepção de mundo.

Esta mesma autora destaca que cerca de 150 famílias foram removidas da terra de várzea para a terra firme. Outras famílias preferiram continuar na várzea dadas as facilidades de sobrevivência: proximidade do rio para pescar e para ter acesso à água, solo mais fértil em relação à terra firme entre outras vantagens. Segundo a autora, houve muita pressão para que os moradores cedessem à proposta do governo, uma delas foi o fechamento das escolas existentes na várzea e a transferência autoritária dos professores para a terra firme, sob pena de serem demitidos, caso resolvessem ficar na várzea.

Os reais interesses do projeto CHISA consistia na abertura da região ao grande capital respaldada pelo discurso oficial ideologizante do propalado desenvolvimento econômico da Amazônia, sobretudo no período pós 1964. Vista como mata virgem, vazio demográfico e região exótica, os projetos aprovados pelo Estado brasileiro para a Amazônia passaram ao largo do desenvolvimento regional e potencializaram, outrossim, a acumulação capitalista de empresas estrangeiras que exploraram a região.

O CHISA não levou em conta as estratégias de sobrevivências empregadas pelos moradores da várzea, que são completamente diferentes dos povos que habitam a terra firme. Algum tempo depois da remoção, a situação de penúria de muitas famílias removidas foi determinante para que algumas regressassem à várzea, uma vez que não se adaptaram ao novo estilo de vida.

As famílias ribeirinhas retiradas da várzea foram orientadas para a prática da agricultura de frutas, hortaliças e legumes em terra firme, que seriam vendidos para a

Prefeitura de Manaus. As dificuldades no cultivo das culturas em terra firme, somada à precariedade da infra-estrutura e à condição assalariada aviltante dos pequenos agricultores inseridos no projeto CHISA, contribuíram para o retorno das famílias à várzea.

No ano de 1982 o CHISA, imerso em muitos problemas de corrupção e abandono das terras pelos produtores rurais, entrou em falência logo após a elevação da Vila ao *status* de município. A Prefeitura de Manaus, que até então tomava partida nas decisões políticas e administrativas da Vila, saiu de cena. Chaves (1990) assinala que a criação do município não foi uma reivindicação popular e que o povo não tinham nem esclarecimento das causas e conseqüência desse acontecimento. pondera

Os moradores do Iranduba não tinham a dimensão exata do que estava acontecendo e que conseqüências a criação do município traria para as suas vidas. Chaves (1990) nos informa que, em princípio a sensação de descontentamento tomou conta dos moradores, uma vez que estes passaram a pagar taxas de manutenção pelos serviços que anteriormente eram subsidiados pela Prefeitura de Manaus. A este respeito a autora considera que, “com a criação do município, ao mesmo tempo que Iranduba conquistava sua autonomia política perdia as ‘*benesses*’ outorgadas pelo Estado, uma vez que os serviços de água, luz, saúde e educação ali existentes eram mantidos pela Prefeitura de Manaus” (CHAVES, 1990, p.231).

Registre-se aqui que a criação do município de Iranduba ocorreu paralelamente à criação de quinze outros municípios amazonenses em 1982 sob a justificativa do aumento do número de habitantes no Estado do Amazonas e a óbvia necessidade de crescimento econômico.

O município de Iranduba foi criado oficialmente pela primeira vez em 9 de abril de 1963 pela Lei de nº 7/63, tendo como governador em exercício o Sr. Anfremon D’Amazonas Monteiro. No ano seguinte o governador do Amazonas Arthur César Ferreira Reis extinguiu o município e o incorporou à cidade de Manaus. Somente no ano de 1981, no governo de José

Lindoso, o Iranduba foi desmembrado de Manacapuru e de Manaus passando novamente à condição de município. E apenas em 1982 foi realizada a primeira eleição para prefeito do município. A partir daí, a Prefeitura do Iranduba (figura 4) assumiu definitivamente a frente administrativa do município.



Figura 4 – Prefeitura do Iranduba
FONTE: Pereira, 2005

O Iranduba (figura 5) distancia-se de Manaus por 22 Km em linha reta. É constituído por uma área territorial de 2.354 km². Comporta clima tropical chuvoso e úmido, apresentando temperatura mínima de 23° e máxima de 30,8°. Faz limite com os municípios de Careiro, Manaquiri, Manacapuru, Novo Ayrão e com a capital Manaus. Atualmente sua população é estimada em cerca de 40.436 habitantes (IBGE, 2005), sendo que cerca de 10.000 habitam a zona urbana e o restante está localizado na zona rural.

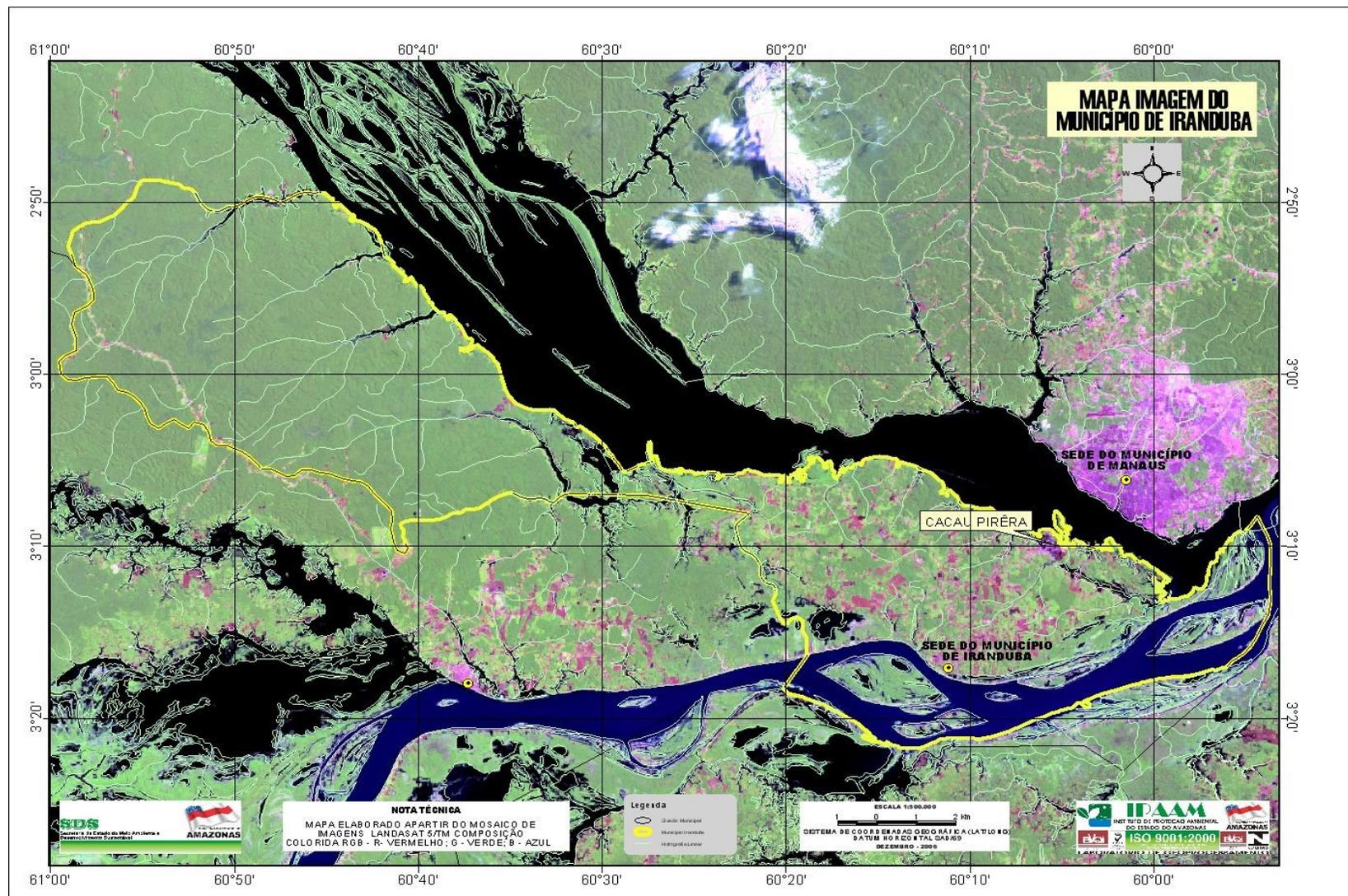


Figura 5 – Mapa imagem do município do Iranduba

FONTE: IPAAM, 2006

A economia do município assenta-se principalmente nos produtos do setor primário e secundário, sendo que no setor primário destaca-se a agricultura, a pesca, a avicultura e a pecuária, enquanto que no setor secundário o destaque são as fábricas de tijolos e cerâmicas. Ainda no setor primário o município desenvolve o extrativismo vegetal de madeiras, principalmente, porque precisa abastecer as olarias com toras¹⁸ que são usadas nos fornos.

Na agricultura, os gêneros mais cultivados são: o milho, o arroz, a mandioca, o maracujá, o repolho, o pepino, a couve, a alface, o coentro, o feijão de metro, a melancia, o pimentão, o tomate, o feijão e o mamão. O setor pesqueiro é direcionado prioritariamente para o abastecimento interno, mas existem pelo menos dois frigoríficos de grande porte que fazem o beneficiamento do pescado em conserva para a venda e exportação.

No setor secundário as fábricas de tijolos e telhas são as maiores responsáveis da arrecadação da economia do município. O Iranduba é considerado atualmente o maior produtor de tijolos e telhas do Amazonas. É a indústria oleira que dá movimento à economia do município. Grande parte da população trabalha, se não diretamente na produção de tijolos, em atividades correlatas.

Nos últimos anos o município vem dando vigor ao setor terciário tendo, atualmente, cerca de 253 estabelecimentos comerciais (Prefeitura do Iranduba, 2005). Foram construídas feiras, mercados, hotéis de selva, pousadas e inaugurados outros tipos de estabelecimentos comerciais como drogarias, lojas de roupa, postos de gasolina, mercearias, bares dentre outros. O Cacau Pirêra, por ser a porta de entrada do município e receber uma grande quantidade de visitantes, é uma área estratégica para a localização de comércios.

Em relação à saúde, o município conta com 1 hospital (figura 6), 2 centros de saúde, 2 postos de saúde, além do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS), do Programa

¹⁸ No primeiro semestre de 2006, as olarias foram fiscalizadas e advertidas em relação ao intenso desmatamento e a falta de política de reflorestamento no município. Algumas indústrias oleiras já estão operando sem a necessidade de toras de madeiras e empregando o pó de serragem produzido pelas serrarias existentes no município.

de Saúde da Família (PSF) e do Programa de vigilância sanitária e epidemiológica. A saúde do município é de responsabilidade da Prefeitura local, mas tem apoio do governo do Estado do Amazonas, através da Superintendência Estadual da Saúde do Amazonas (SUSAM).



Figura 6 – Hospital Hilda Freire (localizado na sede do município do Iranduba)
FONTE: Pereira, 2005

A educação no município é de encargo da prefeitura de Iranduba e do governo do Estado Amazonas. É oferecido no município, na área urbana e rural, educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Em relação à área da segurança, há no Iranduba uma delegacia de polícia, um fórum de justiça (figura 7) e um posto policial localizado no Cacau Pirêra. O policiamento é realizado pela Polícia Militar do Amazonas.



Figura 7 – Fórum de Justiça do município do Iranduba
FONTE: Pereira, 2005

Há ainda outros aparelhos sociais no Iranduba como bancos, quadras poliesportivas, agência de correios, praças (figura 8), cemitério, igrejas católicas e evangélicas (Batista, Adventista do Sétimo dia, Assembléia de Deus, Universal do Reino de Deus, Testemunha de Jeová e outras), linhas de transporte coletivo que atendem o perímetro urbano e alguns trechos das áreas rurais, sistema de coleta de lixo, rádio local e os sinais das rádios manauenses. Além de possuir abastecimento de água encanada, energia elétrica e ser servido pela telefonia fixa e celular.



Figura 8 - Praça Três Poderes (localizada no centro do município)
FONTE: Pereira, 2005

O Iranduba é um dos municípios mais próximos da cidade de Manaus, mas nem por isso deixa de ser marcado por uma grave problemática social. A infra-estrutura do município não vem acompanhando o crescimento populacional. O desemprego, a marginalidade, as crianças fora da escola, a dificuldade de acesso à água potável e à energia elétrica são alguns dos hiatos entre as políticas públicas e as demandas sociais. Caldas (1997) afirma que a realidade do Iranduba é apenas um exemplo da situação de precariedade em que estão vários interiores amazônicos:

O município de Iranduba é um exemplo de uma problemática social amplamente encontrada na região amazônica. Na sua maioria, questões associadas ao processo migratório acelerado e ocasionado pelo Modelo Econômico Zona Franca. Acrescenta-se a esse processo a política de abandono do Estado em relação aos municípios, à medida que este, enquanto gestor e administrador das Políticas Públicas, negligencia as áreas rurais, deixando-as a mercê de iniciativas esporádicas, muitas vezes vinculadas a períodos eleitorais (CALDAS 1997, p.1).

O crescimento desordenado do município fez com que emergisse um conjunto de problemas sociais que interferem negativamente no cotidiano dos moradores, tais como: *déficit* habitacional e outras questões relacionadas às áreas da educação, saúde, infra-estrutura, emprego, violência e marginalidade.

A pesquisa *caracterização das condições de vida das famílias do município de Iranduba*¹⁹, realizada há dez anos atrás, revela parte dessa problemática. Caldas (1997), constatou que menos da metade dos habitantes do município, ou seja, cerca de 46, 93% possuem apenas o ensino fundamental incompleto e que 14, 63% não são alfabetizados. Estes índices têm relação direta com a expressiva exploração da força de trabalho no município, que se manifesta através dos baixos salários, na instabilidade da força de trabalho no mercado e no crescimento do mercado informal. A renda familiar de 71,08 % das famílias amostradas nessa pesquisa está numa média de 2,2 salários mínimos. Todas as famílias entrevistadas realizam alguma atividade informal para complementar a renda (venda de picolé, bolos, salgados, frutas, costura, agricultura etc).

A questão habitacional dos moradores de Iranduba é identificada por Caldas (1997) como um agravante da questão social, uma vez que muitas casas estão localizadas nas terras de várzea (figura 9) onde se tornam mais precarizadas as condições de higiene sanitária e saúde. Em relação ao acabamento das moradias, apenas 66,8 % das pessoas entrevistadas possuem casas com acabamento completo (parede, telhado, pisos e sanitários). É muito comum no município, sobretudo nas áreas mais periféricas, a construção de moradia em pequenos barracos de madeira em precárias condições de conservação e limpeza.

¹⁹ A pesquisa realizada durante o período de maio de 1995 a janeiro de 1996, tomou como amostra 30% das 2.200 famílias residentes no município de Iranduba naquele momento. Apesar de ter passado dez anos desde a realização da pesquisa, a situação de precariedade das condições de vida no Iranduba pouco melhorou e em alguns aspectos a situação agravou-se.



Figura 9- Padrão habitacional dos moradores da várzea no Irlanduba.
FONTE: Pereira, 2005

Ainda em relação às condições de moradia, cerca de 56,5% dos entrevistados residiam em pequenas casas de no máximo dois cômodos. As casas já apresentavam um perfil de superlotação, chegando a morar numa média de cinco a dez pessoas em 65,2% das famílias entrevistadas. Há de se ressaltar ainda que 70% das casas fazem uso da fossa negra (figura 10) e apenas 1% tinha acesso ao sistema de esgoto.



Figura 10- Instalações sanitárias nas áreas de várzea
FONTE: Pereira, 2005

Para a compreensão do quadro atual do município é necessário realizarmos uma digressão para mostrar alguns detalhes do processo de formação social que o originou. É evidente que o desenvolvimento econômico, populacional e urbano da capital amazonense também contribuiu para que o município do Iranduba tivesse suas primeiras ocupações. Localizado muito próximo da cidade de Manaus, o Iranduba e principalmente o Distrito Cacao Pirêra, receberam algumas levas populacionais, sobretudo em dois momentos marcantes da história do Amazonas: o período áureo da atividade da borracha e o período da implantação do pólo industrial da Zona Franca de Manaus.

Na última década do século XIX e início do século XX, Manaus passava por um momento de transformação econômica, social, política, cultural e arquitetônica. A atividade econômica da borracha propiciava não só a migração de uma grande quantidade de pessoas rumo à Amazônia, mas também a instalação de melhorias urbanas, tais como: a abertura de

ruas e avenidas, a iluminação elétrica, a telefonia, o sistema de bondes, a construção de galerias para o escoamento de água e esgoto e a edificação de diversos prédios e monumentos.

A economia da borracha, que teve seu apogeu entre 1890 e 1912, foi responsável pelo grande movimento migratório para a Amazônia. Pinheiro (2003) observa que nesse período, além dos homens ilustres, que vinham para comandar a economia local (os seringais, as casas aviadoras, as repartições e para ocupar os cargos públicos) chegavam também grandes contingentes de pessoas pobres²⁰ em busca de trabalho e com a esperança de dias melhores.

A atividade econômica da borracha, que imprimiu ares de modernidade à cidade de Manaus, trouxe uma grande leva de migrantes excluídos. Na medida em que a cidade se desenvolvia economicamente, a parcela dos excluídos aumentava assustadoramente. Se por um lado, Manaus crescia em luxo e em infra-estrutura urbana, por outro, proliferavam-se os casebres, os cortiços, as estâncias, os albergues e as pensões. O alcoolismo, a prostituição, a criminalidade e o desemprego compunham parte da problemática social que crescia largamente (PINHEIRO, 2003).

Os migrantes pobres, que em geral eram nordestinos, chegavam sedentos por uma vida melhor longe da seca e do controle latifundiário. Ao chegarem a Manaus, deparavam-se com o alto custo de vida e com as formas de trabalho degradantes e mal-remuneradas, o que os levava a ocupar as periferias da cidade ou as áreas mais insalubres do centro da cidade e a viverem muitas vezes de forma sub-humana.

As periferias eram os espaços que acolhiam os migrantes, principalmente os nordestinos, posto que o preço da terra nas áreas mais centrais era bastante elevado e a construção das casas nesses locais deveria obedecer ao código de postura da cidade, o que elevava mais ainda o custo. Pinheiro (2003) assinala que a elite manauense estabeleceu uma

²⁰ Celso Furtado citado por Pinheiro (2003) assinala que durante os anos de 1872 a 1910 vieram para a Amazônia cerca de 500.000 imigrantes. Alguns autores divergem no montante quantitativo, Benchimol (1999), por exemplo, afirma que apenas os migrantes nordestinos somaram 500.000 desde o início da economia da borracha até 1960.

divisão espacial de acordo com a posição socioeconômica dos habitantes da capital. Nessa divisão, a população mais pobre era induzida a se fixar nos bairros mais afastados como Cachoeirinha, Mocó, Educandos, São Raimundo, Vila Municipal, Plano Inclinado e Flores, enquanto que a elite abastada ocupava maciçamente o Centro.

As áreas mais periféricas, localizadas no entorno da capital amazonense, também foram alvo de ocupações por parte daqueles que não conseguiam se incluir nas atividades econômicas desenvolvidas na cidade de Manaus. Na época da economia da borracha, muitas áreas localizadas ao redor de Manaus começaram a ser ocupadas por migrantes, ou ainda, por amazonenses que vinham dos interiores mais longínquos do Estado, o que mais tarde daria origem a algumas comunidades e até municípios.

Por volta de 1912 o preço da borracha amazônica entrou em inflexão acentuada no mercado internacional, devido ao florescimento das plantações de seringueiras feitas no continente asiático. Com o início da Primeira Guerra Mundial, o preço entrou em crescente desaceleração em virtude das dificuldades de comunicação e de transporte da goma para o exterior, associado ao crescimento da goma asiática.

A partir de então, a Amazônia passou a enfrentar um período de instabilidade econômica, o que ocasionou o abandono dos seringais e a migração dos seringueiros rumo à cidade. A deterioração da infra-estrutura urbana e uma grande corrente migratória no sentido inverso, além de outros problemas sociais como o aumento do desemprego e da marginalidade, compuseram o quadro de estagnação econômica do Amazonas. Reis (1997, p. 127) observa que,

Os anos que se seguiram ao início da concorrência da borracha de plantação do oriente foram de desolação. Toda máquina que se montara na base do grande negócio, representado na exploração dos seringais silvestres, entrando em colapso, trouxe para o extremo-norte do país uma situação verdadeiramente calamitosa. Aquela estrutura agrária que antecederara ao ciclo gomífero fora perdida na aventura dos seringais. E nenhuma providência haviam tomado os governos federal e estaduais objetivando uma política prudente que pudesse garantir ao produto uma situação de menor dramaticidade em face do que ocorria.

Durante os tempos de crise da borracha, a capital amazonense que sobrevivia quase que exclusivamente dessa atividade extrativa, passou por décadas de tensão e retração econômica. A elite local não acreditava em outra forma de retomar o desenvolvimento a não ser pela extração da seringa. Nas décadas que se seguiram, nos anos de 1920 e 1930, o governo começou a fazer concessões de terras aos colonos japoneses para a prática da agricultura, na tentativa de encontrar outra possibilidade para o desenvolvimento econômico.

Somente no início da década de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, a extração do látex retoma fôlego e importância econômica, face ao acordo bilateral entre o Brasil e os Estados Unidos, que ficou conhecido historicamente como a *Batalha da Borracha*²¹.

Com o fim do conflito mundial, as estratégias de revalorização da economia extrativa da borracha não surtiram mais efeito, haja vista a baixa produção e os altos preços do látex amazônico, se comparados ao asiático. Sem condições para competir com o látex produzido no Oriente e como a economia dependia quase que exclusivamente desse recurso, a Amazônia entra novamente num período de crise econômica. Oliveira (2003, p.57), afirma que “a batalha da borracha só confirma mais uma vez que a Amazônia parece condenada a longos períodos de crise com breves intervalos de prosperidade para uns poucos”.

²¹ Cf. A batalha da borracha, ocorrida entre 1941 e 1945, foi um acordo entre o governo brasileiro e o norte-americano para recuperar os seringais e a extração do látex amazônico, tendo em vista o bloqueio do fornecimento de borracha do oriente para os países aliados do ocidente. O presidente do Brasil, na época Getúlio Vargas, fez grandes apelos e propagandas para que milhares de pessoas viessem para a Amazônia coletar o látex para os americanos. Foram cerca de 55 mil pessoas que vieram para a Amazônia nesse segundo momento de exploração de borracha, dos quais quase a metade não resistiu às doenças, à fome, aos ataques dos animais silvestres entre outras adversidades, uma vez que desconheciam as particularidades da mata ambientes amazônica (REIS, 1977).

A expansão do capitalismo na Amazônia formou uma elite exógena, estrangeira, que não possuía fortes vínculos com a terra. Essa elite pretendia simplesmente a exploração e o usufruto das riquezas com vistas ao enriquecimento fácil e rápido. Enquanto foi lucrativa a exploração intensa e cruel sobre a terra e sobre os trabalhadores, a atividade extrativa da borracha prosperou.

A década de 40 constituiu-se no período histórico que impulsionou a modernização econômica da sociedade brasileira iniciada na década anterior. O cenário nacional pós-Segunda Guerra era de crescimento das indústrias de base, mas era também propício ao êxodo rural e à explosão demográfica nas áreas urbanas, principalmente na região Centro-Sul do país. Na Amazônia, vivia-se um período de desilusão diante do fracasso da Batalha da Borracha e da ausência de planejamento econômico para a região.

Mais uma vez a cidade de Manaus se via envolta no abandono e na deterioração do seu patrimônio público e privado. A elite deixou a cidade em “revoada”. A população pobre, sem condições de voltar para a terra de origem, amontoava-se nas periferias da cidade, sem trabalho e sem grandes perspectivas. A cidade dos palacetes luxuosos e dos hipódromos cedia lugar à mendicância e à massa dos excluídos sociais. Benchimol (1999, p.148), retrata bem essa situação:

Na impossibilidade do regresso, essas novas levas de imigrantes, malchegados, fugiam das hospedarias e albergues de recepção, desertavam das hostes do seu destino final, e partiam para buscar a sobrevivência, de qualquer modo, nos subúrbios e nas periferias da cidade, à procura de empregos que não haviam ou de estância ou barracos onde pudessem morar (...). Muitos se marginalizavam logo, outros desafogavam o desespero no crime, na valentia e na cachaça..

A crise econômica da borracha amazônica chamava a atenção dos governantes do país para a necessidade de planejamento e criação de incentivos para reorganizar a economia da

região. Na Constituição de 1946 a Amazônia é considerada uma região que necessita de planejamento e investimento financeiro para se desenvolver. O texto constitucional estabelece que a União, os Estados e os Municípios devem contribuir com pelo menos 3% de sua renda tributária durante 20 anos para o Plano de Valorização Econômica da Amazônia.

Apesar de estar garantido constitucionalmente, o Plano só entrou em funcionamento no ano de 1953 com a sanção da Lei 1.806, que definia seus objetivos principais e erigia a Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia (SPVEA). Esta Superintendência encarregar-se-ia de coordenar os recursos e as ações de valorização e desenvolvimento na Amazônia.

A SPVEA, criada no governo de Getúlio Vargas²², assumia o propósito de definir os objetivos para o desenvolvimento regional por meio da formulação do Plano Quinquenal, coordenar os órgãos de atuação na Amazônia e repassar verbas para a implementação de projetos. A superintendência era um mecanismo de sistematização das ações governamentais na Amazônia, subordinado diretamente à Presidência da República.

É importante destacar que desde 1938, através da Divisão de Terras e Colonização (DTC), órgão pertencente ao Ministério da Agricultura, o governo federal passou a criar as Colônias Agrícolas Nacionais em vários estados brasileiros. As colônias eram formadas a partir das concessões de terras e assentamento das famílias nos locais designados pelo DTC. Algumas dessas colônias foram criadas em solos amazônicos.

Os colonos contavam com assistência técnica realizada pelos funcionários do Ministério da Agricultura e com o apoio financeiro subsidiado por este Ministério. Além dos migrantes nordestinos, as colônias agrícolas acolheram uma grande quantidade de colonos japoneses, que fizeram da agricultura sua fonte de subsistência. Dentre as colônias agrícolas

²² Cinco anos depois de ser deposto como ditador Getúlio Vargas vence as eleições em 1950. O terceiro mandato que durou de 1951 até 1954, quando teve fim com o suicídio do Presidente, caracterizou-se pelo forte nacionalismo econômico. O discurso oficial sustentava que o país tinha de se desenvolver economicamente às custas do capital interno. Vargas criou a Petrobrás e instituiu o monopólio estatal da exploração e refino do petróleo no Brasil, incentivou não só as indústrias de base, como também as indústrias de automóvel, de eletrodomésticos, eletroeletrônicos e derivados de petróleo.

de maior destaque na Amazônia figuram-se as de Monte Alegre no Pará e Bela Vista no Amazonas.

A colônia Bela Vista, localizada próximo ao município de Manacapuru, foi criada em 1941 e prosperou até meados da década de 1950. Zé Miguel rememora o momento que chegou ainda criança na colônia de Bela Vista: “eu tinha 8 anos, vim com o papai. Eu cresci em Bela Vista. Trabalhei lá e já fui transferido para cá como motorista, fazia esse serviço para os colonos”. Zé Miguel, que é natural do Rio Grande do Norte, passou a infância na Colônia Agrícola Bela Vista e, quando adulto, tornou-se funcionário do Ministério da Agricultura e veio fixar residência no Cacau Pirêra, onde vive até hoje.

Foi durante os anos de 1950 que chegou a maior parte dos japoneses residentes nas terras onde está situado o Distrito Cacau Pirêra. Antonino Miguel (79 anos), também natural do Rio Grande do Norte, tem uma história de vida bastante similar a de Zé Miguel, porque também veio pequeno para a Colônia Bela Vista. Depois de adulto, Antonino Miguel foi compelido a se mudar para o Cacau Pirêra onde mora até os dias de hoje. De acordo com suas palavras, “por causa do emprego eu tive que vim para o Cacau Pirêra, eu era funcionário do INCRA, eu era motorista e naquele tempo em 1954, tinha chegado as famílias japonesas e precisava ter servidor aqui para receber” (entrevista/2005).

Os funcionários do INCRA eram os responsáveis pelo apoio logístico aos colonos: transporte fluvial e terrestre, orientação sobre técnica de cultivo nos solos amazônicos, construção das casas dentre outras atribuições. Estes funcionários tinham residência fixa na *vila do Cacau Pirêra*.

Antonino Miguel lembra com saudosismo a época em que chegou ao Cacau Pirêra, mesmo reconhecendo que aqueles tempos eram mais difíceis pelo fato de não haver energia elétrica, transporte, água encanada e outros equipamentos sociais tão necessários à vida. Recorda com brilho no olhar o momento que considera um dos mais importantes de sua vida:

“a minha esposa era japonesa, ela chegou aqui em 1954 e, em 1955 nos casamos. Nem ela sabia falar português, nem eu sabia falar japonês, como ainda não sei até hoje. Eu era motorista e conheci ela assim. Casamos e tivemos sete filhos” (entrevista/2005).

Outra moradora, Sra. Maria do Socorro (55 anos), natural do Ceará, rememora que “Bela Vista e Cacau pertenciam ao INCRA, todo mundo se conhecia, era uma colônia lá e outra aqui. Só que depois a colônia de Bela Vista se acabou e todos tiveram que vir para o Cacau. O INCRA ficou por aqui até 1972 ou 73, mais ou menos depois entregou os títulos” (entrevista/2005).

Está explícito na fala dos entrevistados que Cacau Pirêra e Bela Vista foram colônias agrícolas implantadas pelo Ministério da Agricultura. Ambas receberam migrantes nordestinos e japoneses. Deve-se ter claro que a criação das colônias agrícolas na Amazônia marca o início dos planos de ocupação e desenvolvimento para a região, praticados largamente a partir de 1964.

Na segunda metade da década de 50 as atenções nacionais estavam voltadas para a construção de Brasília, que seria a nova capital do país. Os trabalhadores voltavam seus olhares para a construção da estrada Belém-Brasília que interligaria a capital brasileira à Região Norte. Nesse período, o Brasil foi presidido por Juscelino Kubitschek com seu nacionalismo desenvolvimentista à frente da Presidência da República. E assim que a militarização e cobiça internacional da região amazônica segue discretamente, só se tornando mais veemente a partir da década seguinte.

A partir de 1964, com a tomada do governo brasileiro pelo regime militar e instaurada a ditadura no país, foram intensificadas as chamadas políticas de desenvolvimento e ocupação da Amazônia. O governo brasileiro lançou mão de diversos megaprojetos que propunham a recuperação econômica, a ocupação e a integração nacional da região amazônica.

A SPVEA foi extinta em 1966, sendo criada a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) para exercer o comando das ações governamentais na Amazônia. A SUDAM contava com os recursos financeiros estabelecidos pela Constituição de 1946 e tinha permissão para contrair empréstimos no Brasil e no exterior, dando como garantia os recursos naturais da região. Era permitida também a utilização dos recursos provenientes do Fundo para Investimentos Privados no Desenvolvimento da Amazônia (FIDAM), bem como aqueles regulamentados por dotações orçamentárias, além de créditos adicionais oriundos de juros e multas, além de doações.

A SUDAM foi criada com o objetivo de dinamizar e diversificar as atividades econômicas na Amazônia, facilitando também a entrada de empresas nacionais e internacionais, ou seja, abrindo cada vez mais a região ao grande capital externo. A criação de órgãos e projetos para realizar a “ocupação”, o “desenvolvimento” e a “integração nacional” da Amazônia com o restante do país não param por aí. A criação da Zona Franca de Manaus (ZFM) ²³em 1967 configurou-se no projeto de maior amplitude neste sentido.

O projeto Zona Franca de Manaus, assentado na isenção de impostos fiscais, transformou a capital amazonense num pólo industrial de empresas nacionais e multinacionais. Com muita repercussão local e nacional à época, a Zona Franca provocou um intenso fluxo migratório em direção à capital e às áreas circunvizinhas.

Nessa época, o município de Iranduba e especialmente o Cacau Pirêra receberam uma significativa quantidade de pessoas que rumavam para as periferias em busca de emprego e melhores condições de vida. Uma das entrevistadas que saiu do município de Coari e veio para o Cacau Pirêra em busca de dias melhores, relata um pouco das dificuldades pelas quais passou:

²³ A Zona Franca de Manaus, regulamentada pela ONU, foi criada pela Lei 3.173 de 6 de junho de 1957 como Porto Livre. Dez anos mais tarde, o governo federal por intermédio do Decreto-Lei 288 de 28 de fevereiro de 1967 ampliou aquela legislação estabelecendo incentivos fiscais por trinta anos para a implantação de um pólo industrial, comercial e agropecuário. A Zona Franca de Manaus abrange os estados da Amazônia Ocidental compreendendo os seguintes estados: Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima (SUFRAMA E O PÓLO INDUSTRIAL DE MANAUS, 2000).

Vim só com 5 filhos e o pai ficou para lá. Aí eu vim para cá pensando que ia levar uma vida melhor, mas eu fui para dentro do mato cortar lenha junto de meu pai para olaria. E eu tava grávida faltando dois meses para ganhar o bebê, mas eu tava cortando lenha junto com ele. E eu que achava que aqui tudo ia ser mais fácil. (MARIA ARLETE, entrevista/2005).

Maria Arlete chegou ao Cacau Pirêra no final da década de 60 impulsionada pelo sonho da vida melhor. Ela não esconde sua frustração ao se deparar com condições de vida e de trabalho mais aviltantes do que aquelas vividas em Coari: “eu achava que vindo para Manaus tinha coisa mais fácil”. Muitos migrantes passaram por situações semelhantes e tiveram que se render às precárias condições de trabalho para sobreviver.

Observa-se também que a entrevistada, que não sabe precisar o ano que chegou ao Cacau Pirêra, refere-se ao distrito como a cidade de Manaus. Isto é muito comum aos moradores do Cacau Pirêra. Talvez pela proximidade e facilidade de acesso ou mesmo pelo fato do local já ter pertencido a Manaus, muitos moradores têm um sentimento forte de pertencimento à cidade.

Assim como a família de Maria Arlete, muitas outras famílias vieram para o Cacau Pirêra ansiando por dias melhores. Outra moradora, que chegou por volta de 1969 no Cacau Pirêra, lembra que veio de Beruri aos 14 anos de idade na companhia da mãe: “nós viemos porque lá alagava muito e morreu uma irmã da mamãe e ela ficou desgostosa. Primeiro fomos para Manaus, mas ela não se deu lá e aí nós viemos para cá. Aqui eu conheci meu marido e construí minha família” (RAIMUNDA MONTEIRO, entrevista/2005).

Estas e muitas outras pessoas que moram ou já moraram no Cacau Pirêra foram atraídas para a cidade grande em busca de melhores condições de vida e de trabalho e, não encontrando essas tão sonhadas condições, migraram para áreas periféricas ou para os

municípios mais próximos da capital amazonense. E hoje são essas pessoas que dão vida ao Distrito Cacau Pirêra.

2.2 As potencialidades institucionais do Cacau Pirêra: a paisagem do lugar

Como assinalamos no capítulo anterior, a fundação do Cacau Pirêra remonta ao ano de 1946, quando surgiu como colônia agrícola federal. Hoje, pertencente ao município de Iranduba, o Cacau Pirêra já foi considerado território da cidade de Manaus e também já fez parte do município de Manacapuru. Uma das moradoras entrevistadas recorda como era o Distrito Cacau Pirêra no início da sua ocupação:

Aqui no início da vila do Cacau Pirêra eram contadas as famílias. As casas que eles moravam eram tudo do INCRA. Eram localizadas nas proximidades dali onde é o mercado. Lá eram as residências do pessoal do INCRA que desmatavam as estradas. Lá era a vila dos moradores, essas primeiras casas foram construídas pelo INCRA e era de alvenaria (MARIA MADALENA, entrevista/2005).

Atualmente existem algumas ruínas das casas construídas pelo INCRA (figura 11), não daquelas onde moravam os funcionários, pois neste lugar foi construído um centro comercial, mas daquelas feitas para a habitação dos colonos japoneses.



Figura 11- Ruínas da casa de colono japonês
FONTE: Pereira, 2005

A figura mostra as ruínas da casa padrão que era construída pelo INCRA para os colonos que migravam para as colônias agrícolas. Esta casa, construída na década de 50, serviu de moradia para a família do Sr. Antonino Miguel durante muitos anos. O Sr. Antonino, que foi casado com uma imigrante japonesa, preserva a casa como uma relíquia dos tempos passados.

A nossa pesquisa mostra que a configuração do Cacau Pirêra como localidade é anterior à criação do município de Iranduba. Este fato está explícito no discurso dos moradores que afirmam que “enquanto aqui já era colônia, não existia ainda o Iranduba” (Alcimar Duarte, entrevista/2005). Outra moradora entrevistada também reitera dizendo que “o Cacau Pirêra é muito mais velho que o Iranduba” (MARIA MADALENA, entrevista/2005).

É consenso entre os moradores do Cacau Pirêra, principalmente entre os mais idosos, a antecedência histórica da localidade em relação à sede do município de Iranduba. E, quando

abordados acerca desse assunto, alguns moradores demonstram uma certa insatisfação pelo fato do Cacau Pirêra não ser a sede do município e não possuir a mesma infra-estrutura. Uma das pessoas ouvidas lembra com pesar que a estrutura que existe hoje na sede do município era para ter sido construída no Cacau Pirêra, e só não foi por causa das grandes cheias que costumam alagar boa parte do distrito. Vejamos:

Eu me lembro quando chegou a planta, eu tava dentro da igreja católica com a Madalena (que é minha cunhada) e o padre Lourenço. O engenheiro trouxe a planta para fazer o banco, o poço artesiano, o mercado e a prefeitura para construir aqui. Mas aí eles disseram que não iam fazer essas coisas aqui porque aqui é água de um lado e de outro. Por isso que destacaram tudo para o Iranduba, porque lá a terra é mais alta e aqui ficou assim neutro, abandonado (RAIMUNDA MONTEIRO, entrevista/2005).

Mesmo tendo surgido como colônia agrícola federal o Cacau Pirêra não recebeu de imediato uma infra-estrutura apropriada que proporcionasse condições de desenvolvimento, o que só começou a ocorrer muito timidamente a partir de meados da década de 1970. O relato de um morador evidencia a precariedade com que se vivia na época da colônia agrícola: “a vida aqui era dura, primeiro porque não tinha transporte eficiente, não existia balsa, só tinha um barco do INCRA que vinha uma vez por semana para levar a produção dos colonos. Não tinha luz, não tinha nada” (ANTONINO MIGUEL, entrevista/2005).

Oliveira (2000 a) metaforicamente considera que a maior parte das pequenas cidades amazônicas, sobretudo aquelas localizadas às margens dos grandes rios e, aí podemos incluir o Cacau Pirêra, foram criadas para serem vistas de longe, pois ao nos aproximarmos delas deparamos-nos com um padrão urbano precário e assim desvanece-se a beleza avistada de longe. Em sua grande maioria, as cidades amazônicas, mesmo aquelas que sediaram os

projetos de ocupação e desenvolvimento governamentais, não receberam infra-estrutura adequada.

Como vimos o projeto de criação das colônias agrícolas fazia parte das ações da Divisão de Terras e Colonização (DTC), órgão ligado ao Ministério da Agricultura que funcionou de 1938 a 1954 e teve como principal objetivo a realização de um trabalho sistemático de fixação do homem na terra. Em 1954, o DTC foi extinto e no mesmo ano foi criado o Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC), que funcionou nos mesmos moldes da DTC, com a diferença de que este também fazia o assentamento de imigrantes. Esse foi o período de maior intensidade de assentamentos de colonos na área onde está situado o Cacau Pirêra.

Vista como vazio demográfico pelo poder oficial, a Amazônia foi palco de muitas ações governamentais que incentivavam a ocupação de terras. Oliveira (2000a) afirma que a colonização dirigida pelo poder público buscava encontrar novas alternativas para o desenvolvimento econômico da Amazônia e, com isso, acabou propiciando o surgimento de problemáticas sociais em função da falta de infra-estrutura das pequenas cidades amazônicas.

As colônias agrícolas, que eram núcleos populacionais formados a partir da distribuição de terras para a prática da agricultura, não foram constituídas apenas na Amazônia, também foram construídas em vários estados brasileiros. O incentivo oferecido pelo Ministério da Agricultura não era suficiente para proporcionar uma vida tranqüila aos colonos. A realidade das colônias era de muitas atribulações e dificuldades materiais. Zé Miguel reforça as adversidades pelas quais passou nos tempos de colônia: “naquela época a vida era um bocado sofrida porque para ir a Manaus a gente gastava uma hora de remo”.

Os colonos da região transportavam suas produções com muita dificuldade para a cidade, mas se viam sem alternativa tanto para a venda das produção agrícola como para a compra dos produtos necessário à vida. Zé Miguel, que era motorista do INCRA nos tempos

de colônia, revela que “toda sexta ou sábado eu pegava o caminhão e ia até o Caldeirão, só tinha estrada até lá. Eu pegava a carga dos colonos e trazia até o porto do Cacau Pirêra. Daqui a gente levava para Manaus num motorzinho” (entrevista/2005).

A vida dura na colônia do Cacau Pirêra pode ser assemelhada com a realidade retratada por Oliveira (2000a) em *Cidades na Selva*. O autor mostra que a vinda dos migrantes para Presidente Figueiredo em busca de emprego e acesso à terra colocou uma boa quantidade de pessoas em precária situação de subsistência, uma vez que “a perda do emprego, a conclusão das grandes obras, a baixa fertilidade do solo e as dificuldades de escoamento da produção determinaram a vinda para a cidade de toda ou boa parte da família” (Oliveira, 2000a, p. 73).

Com o fim da colônia agrícola no Cacau Pirêra, muitas famílias migraram para outras localidades, entre as quais destaca-se a sede do município de Iranduba e a cidade de Manaus. Na época de colônia, a agricultura era a principal forma de trabalho dos moradores; em segundo lugar, estava a pesca para o consumo e para a comercialização do excedente e, em terceiro lugar, a caça praticamente apenas para o consumo. Atualmente o cenário é outro bem diferente, uma vez que estas atividades estão deixando de ser praticadas com a mesma intensidade.

Desde a época que o distrito Cacau Pirêra ainda se configurava como colônia agrícola de abastecimento da capital do Amazonas, seus moradores têm uma relação visceral com a cidade. A cidade é a referência da vida, seja para a venda das produções agrícolas ou para a compra dos instrumentos de trabalho entre outros objetos de consumo, sendo também o local de passeio e de visita.

A vida no Cacau Pirêra é cingida pelas relações que os moradores estabelecem com a cidade. A cidade suscita interesses, inspira sonhos e se coloca como centro da vida para muitos moradores do Cacau Pirêra, mesmo para aqueles que não almejam sair do distrito, mas

que de uma forma ou de outra têm alguma relação de dependência com a cidade. A cidade é o local onde têm acesso aos melhores equipamentos sociais (escolas, hospitais, bancos, shoppings), às novas tecnologias (computador, celular) entre outras coisas que não são disponibilizadas nos interiores amazônicos. A cidade introjeta na vida dos moradores do Cacau Pirêra um conjunto de modificação que tendem à aceitação dos hábitos urbanos e o abrandamento das tradições.

Oliveira (2000a) sustenta que a cidade é o lugar do vivido, não é a paisagem aparente, mas o espaço construído pelos homens individual e coletivamente num lugar e num tempo determinado. A cidade, concebida como espaço construído ativamente pelos homens, é uma produção histórica e social, fruto das relações de produção da vida material e imaterial.

Segundo esse autor, a produção do espaço na fronteira é com certeza um instrumento de perdas, mas também uma possibilidade de libertação. O tradicional e o moderno imiscuem-se no cotidiano da população, criando e recriando um ao outro. As cidades na fronteira, e aí podemos pensar a realidade vivida no Cacau Pirêra, são locais de coexistência entre o novo e o velho. São locais de encontro entre a modernidade e a tradição. No Cacau Pirêra é possível perceber nitidamente esse hibridismo.

O Distrito Cacau Pirêra passou por muitas mudanças ao longo dos seus 60 anos de existência (figuras 12 e 13). O aumento populacional e o recebimento de melhoramentos urbanos modificaram bastante a paisagem do local e o estilo de vida dos moradores. Conforme dados da Prefeitura de Iranduba (2005), atualmente o Cacau Pirêra possui aproximadamente uma média de 10.000 habitantes.



Figura 12 – Chegada da água encanada no Cacau Pirêra
FONTE: Acervo Alcimar Duarte, s.d.



Figura 13 – Abertura de rua no Cacau Pirêra
FONTE: Acervo Alcimar Duarte, s.d.

A construção da Estrada Manoel Urbano, que liga Manacapuru ao Cacau Pirêra, foi um elemento importante para o desenvolvimento econômico e para a modificação da dinâmica social do local. De acordo com Lins (1965), a estrada começou a ser aberta em 1959, mas só teve as obras concluídas seis anos depois, sendo inaugurada em 31 de dezembro de 1965 durante o governo de Arthur Reis. A estrada foi projetada principalmente para dar vazão à produção de juta do município de Manacapuru, que naquele momento era referência nesse cultivo.

Outro acontecimento que favoreceu o processo de urbanização do Cacau Pirêra e o crescimento populacional foi a implantação das balsas na travessia do rio Negro. Antonino Miguel lembra com satisfação esse momento:

A balsa veio surgir em 1974, era uma balsa pequena, mas que dava para todo mundo porque o movimento era pouco. A balsa trouxe o progresso, melhorou o município e escoou a produção. Coincidiu com a mesma época do INCRA fornecer o título definitivo das terras. Aí foi se desenvolvendo (ANTONINO MIGUEL, entrevista/2005).

As balsas são os meios de transporte disponíveis mais barato no serviço de travessia de mercadorias e de pessoas (figura 14). Há outras formas de transporte como as voadeiras ou barcos pequenos que fazem a travessia. Apesar de serem mais rápidos, estes meios de transportes não são os preferidos dos usuários, em virtude do custo elevado. Na balsa, o transporte de passageiros pedestres é gratuito e o de carros, ônibus e caminhões é tabelado pela Sociedade de Navegação, Portos e Hidrovias do Estado do Amazonas (SNPH).



Figura 14 –Balsa chegando ao Porto do Cacau Pirêra
FONTE: Pereira, 2005

Ao chegar ao Cacau Pirêra, a paisagem avistada inicialmente é a do porto local, onde está localizada a feira do produtor João Luiz Hartz, alguns empreendimentos comerciais e inúmeros flutuantes²⁴ que servem de residência para muitos habitantes do local. No distrito há olarias por toda parte, nos diversos bairros e ao longo da Estrada Manuel Urbano.

Após o porto, logo nos deparamos com a Estrada Manoel Urbano (figura 15), que é a principal via do distrito. É ela que dá acesso ao Iranduba, a Manacapuru e a algumas comunidades rurais. É uma avenida larga, pavimentada e sinalizada, por onde transitam os ônibus, as motos, os carros e os caminhões. É a rua mais movimentada do Cacau Pirêra.

²⁴ Flutuantes são construções sobre toras de madeira que permanecem boiando na superfície da água. No interiores amazônicos, especialmente na várzea, é muito comum as habitações serem construídas em forma de flutuantes, uma vez que estes acompanham a subida e descida das águas, evitando as alagações nos parte interna das casas.



Figura 15 –Estrada Manoel Urbano
FONTE: Pereira, 2005

Posicionado de frente para o rio Negro, o Cacau Pirêra apresenta no decorrer do ano duas paisagens geográficas bastante contrastantes (figuras 16 e 17), que interferem diretamente na dinâmica social do lugar. Isto é, os ciclos dos rios, mais marcadamente o período da cheia e da seca, modificam não só a configuração geográfica, mas também o próprio estilo de vida dos habitantes do distrito.

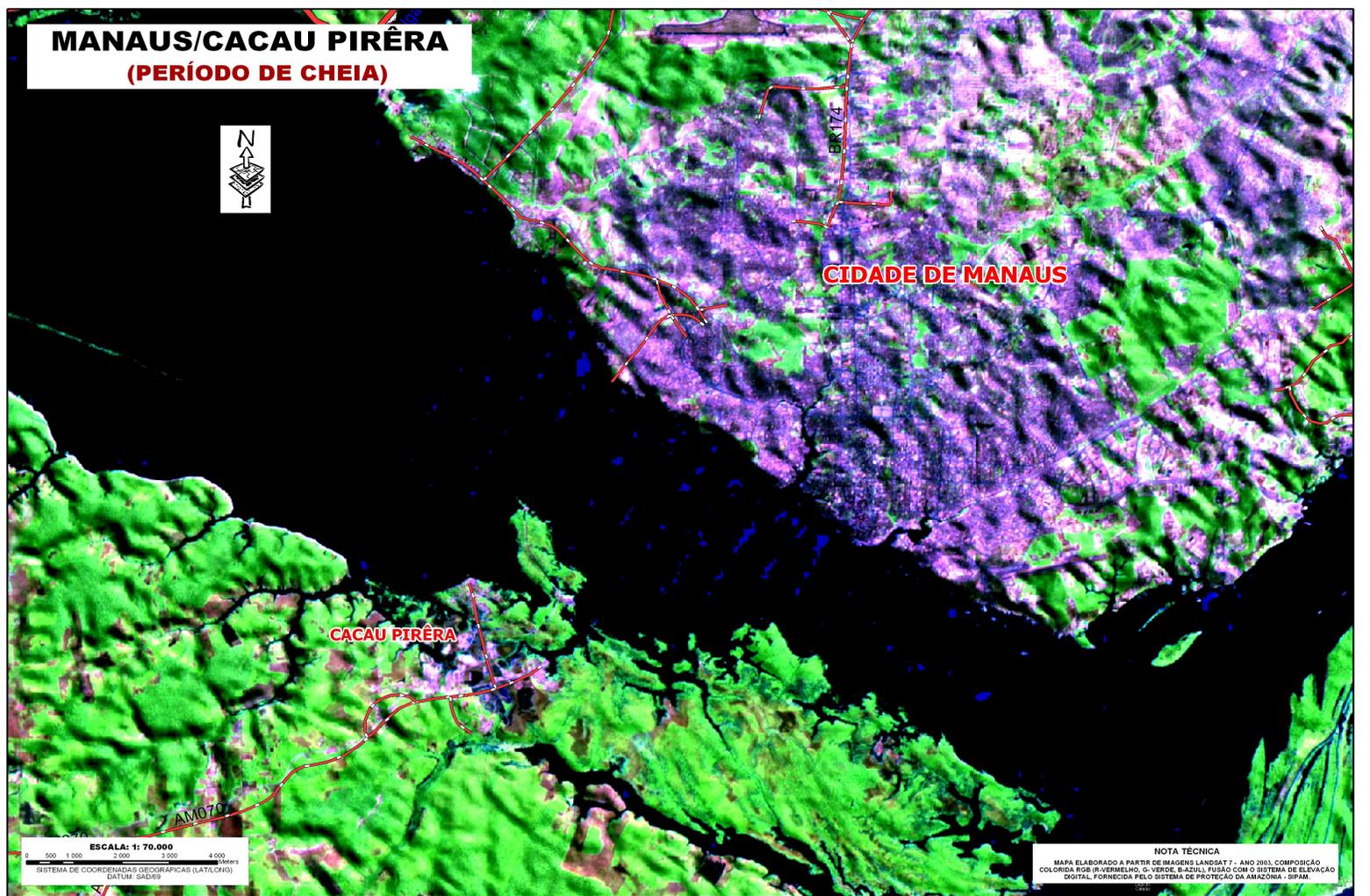


Figura 16– Mapa do Cacau Pirêra no período de Cheia
FONTE: IPAAM, 2006

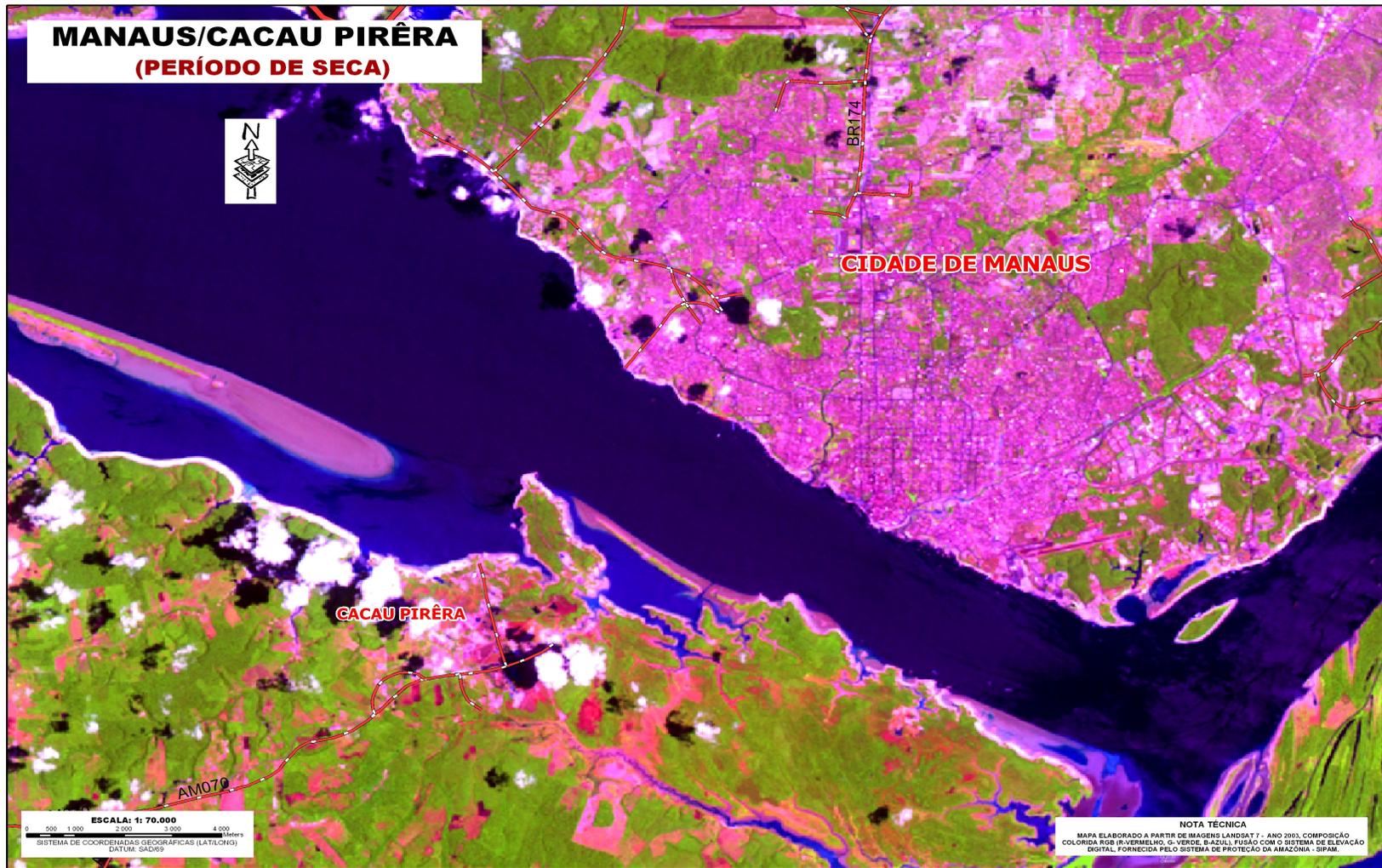


Figura 17 – Mapa do Cacau Pirêra no período de seca
FONTE: IPAAM, 2006

Nos períodos da enchente e da cheia (figura 18), o Cacau Pirêra assume uma configuração bastante diferenciada da época da vazante e da seca.



Figura 18 – Porto do Cacau Pirêra durante a enchente e a cheia
FONTE: Pereira, 2005

Na enchente e na cheia, o movimento no porto do Cacau Pirêra é grande. É o momento de maior circulação de pessoas pelo distrito, tendo em vista que o porto torna-se o local de partida e de chegada das embarcações. É uma época de aquecimento para os comerciantes e para os vendedores ambulantes, devido ao grande número de pessoas que transita pelo local. O porto fica em ritmo de festa, principalmente nos finais de semana, quando recebe um bom número de banhistas (figura 19), vindos de Manaus, do Iranduba, de Manacapuru e de outras comunidades próximas.



Figura 19 – Banhistas nos flutuantes localizados nas proximidades do Porto
FONTE: Pereira, 2005

Durante o período da vazante e da seca, o porto do Cacau Pirêra muda por completo (figura 20). A descida das águas do rio Negro leva a agitação da época anterior e dá espaço à tranquilidade e a pouca movimentação de pedestres e de embarcações. As casas e os bares flutuantes são removidos para terras mais baixas, deixando um grande espaço vazio nas proximidades do porto. O mais interessante é que a feira do produtor fica praticamente fechada, pois quase todos os feirantes levam suas barracas para a *Ponta do Brito*.



Figura 20 – Paisagem do Porto do Cacau Pirêra durante a época da vazante e da seca
FONTE: Pereira, 2005

A *Ponta do Brito* (figura 21) é um terreno particular, localizado cerca de 10 minutos de carro do porto do Cacau Pirêra, que é alugado durante o período da vazante e da seca para servir de porto para as balsas que atravessam o rio Negro rumo ao Cacau Pirêra. Uma das moradoras entrevistadas, que mora bem próximo ao Porto do Cacau Pirêra, destaca que “quando a seca vem, a balsa vai embora para a Ponta e o comércio vai junto. Aqui fica um deserto, só é bom porque fica mais calmo” (MARIA DO SOCORRO, entrevista/2005).



Figura 21 – Ponta do Brito durante a seca
FONTE: Pereira, 2005

Na Amazônia, a adaptabilidade do homem ao meio é condição *sine qua non* da vida. Mesmo em áreas fronteiriças que sofrem grande influência da urbanidade, como é o caso do Cacau Pirêra, a vida é orientada pelos ciclos sazonais dos rios. Sternberg (1998) considera que a subida e a descida das águas é o elemento que mais modifica a paisagem e o estilo de vida dos povos amazônicos. Podemos concordar com o autor se levarmos em conta a localidade em estudo, uma vez que no Cacau Pirêra a transferência do porto nos períodos secos modifica não só a paisagem, mas também as estratégias de sobrevivência das famílias.

O discurso de outra moradora visualiza as desvantagens para os comerciantes e para a população do Cacau Pirêra durante a vazante e a seca, explicitando assim as conseqüências dos ciclos dos rios para a vida dos moradores locais: “aqui na seca fica mais difícil ganhar a vida porque a balsa está para lá. O movimento fica pouco, para quem tem suas venda é ruim porque ganha pouco” (MARIA ARLETE, entrevista/2005).

A mobilidade do porto no Cacau Pirêra provoca uma série de mudanças na vida dos moradores. A transferência do porto para a *Ponta do Brito* durante quase metade do ano torna

a locomoção dos moradores mais onerosa, uma vez que precisam pagar passagem de ônibus para chegar até a balsa. O deslocamento até a balsa, que durante a cheia eles costumam fazer a pé, se torna mais longo, tendo em vista que a *Ponta do Brito* é bem mais distante dos bairros do que o Porto do Cacau Pirêra.

Há outros problemas relacionados com a própria subsistência dos moradores, principalmente daqueles que residem nos flutuantes. Durante a vazante e, principalmente na seca, aqueles que sobrevivem da pesca encontram maiores dificuldades para pescar, pois os rios ficam mais longe e aumenta a distância a ser percorrida na maioria das vezes a pé e o pescado fica mais escasso. Um dos sujeitos ouvidos na pesquisa assinala a influência dos ciclos do rio na sua vida afirmando que “quando o rio está cheio o marido sai para pescar e sempre chega com um peixinho fresquinho e isso facilita mais a vida da gente. Agora quando está seco já fica tudo mais longe, mais distante para andar e fica tudo mais difícil” (RAIMUNDA MONTEIRO, entrevista/2005).

A água é outro problema para aqueles que ainda não têm acesso à água encanada. Durante os períodos mais secos, a população costuma perfurar a terra até o nível da água para a abertura de cacimbas (figura 22). É dali que retiram a água para o banho, para a lavagem das roupas, dos utensílios domésticos, limpeza das casas etc. Sendo que esta água não serve para ser ingerida e, por isso os moradores precisam se deslocar até os poços comunitários para buscar água potável. A utilização das cacimbas é bastante e em geral são compartilhadas por mais de uma família.



Figura 22 – Cachimba (poço Amazonas) improvisada na várzea
FONTE: Pereira, 2005

Essa não é uma questão apenas vista em regiões interioranas da Amazônia, na própria capital amazonense ainda existe um quantitativo expressivo de pessoas que não dispõem de água encanada e de condições de higiene e sanitárias adequadas, principalmente nas áreas periféricas. Caldas (1997, p. 20) considera que “nos últimos quarenta anos, em Iranduba, o crescimento da cidade e o abastecimento no que se refere à água parecem não se dar na mesma proporção”. De lá para cá a realidade local pouco se modificou e as casas flutuantes são as que mais sofrem por falta pela falta de água encanada.

O Distrito Cacau Pirêra é constituído por cerca de quatro bairros além da área no entorno do Porto, onde estão localizados os flutuantes. O Cidade Nova, o São José (antigo Mutirãozinho), o Alto de Nazaré (antigo Mutirão) e o Nova Veneza são os bairros existentes no distrito. Os bairros, com exceção do Nova Veneza que se originou de um loteamento particular recentemente, têm água encanada, energia elétrica e algumas ruas são asfaltadas, porém, grande maioria das ruas encontram-se desgastadas e esburacadas (figura 23).



Figura 23 - Rua de barro batido localizada no Cacao Pirêra
FONTE: Pereira, 2005

O bairro Cidade Nova é o mais antigo e fica mais próximo e ao lado esquerdo do porto, logo após a feira e a área dos flutuantes. Uma parte desse bairro está localizada em terra de várzea, que alaga parcialmente na época da cheia (figura 24). Os demais bairros estão localizados em terras mais altas, que não sofrem com as alagações.



Figura 24 – Rua parcialmente alagada no bairro Cidade Nova/Cacau Pirêra
FONTE: Pereira, 2005

Logo após a Cidade Nova encontramos o loteamento Nova Veneza. O Nova Veneza é uma área recente, que ainda não tem asfalto, energia elétrica e nem água encanada. Diferentemente dos demais bairros nesse loteamento, os terrenos estão sendo vendidos. Já os bairros de São José (Mutirãozinho) e alto Nazaré (Mutirão) estão localizados no km 2 da Estrada Manoel Urbano, estando mais afastados do Porto do Cacau Pirêra.

O Cacau Pirêra apesar de ser zona rural do município de Iranduba, possui algumas características e uma infra-estrutura mínima de zona urbana: água encanada, energia elétrica, rede de telefones fixo e celular, escolas públicas, centro de saúde, posto policial, centro comercial, feiras, agência dos correios, transporte coletivo, praça entre outros equipamentos urbanos.

O Cacau Pirêra começou a receber melhoramentos urbanos a partir de meados da década de 70. Atualmente há no Cacau Pirêra três escolas da rede pública que oferecem o ensino fundamental e o ensino médio. Duas das escolas são estaduais e uma é municipal: a

Escola Estadual João Bosco de Lima, a Escola Estadual Procópio Maranhão e a Escola Municipal Irmã Bruna (figura 25). Estas unidades de ensino estão situadas na Avenida Manuel Urbano.



Figura 25 –Escola Municipal no Cacau Pirêra
FONTE: Pereira, 2005

A assistência à saúde dos moradores do Cacau Pirêra restringe-se à rede básica, pois o distrito só possui o Cento de Saúde Estadual Vitória Paz de Souza (figura 26), uma Gerência Municipal de Endemias e o Programa Médico da Família. Quando há necessidade de atendimento de média ou alta complexidade, a população é obrigada a buscar assistência fora do distrito.



Figura 26 – Posto de Saúde no Cacau Pirêra
FONTE: Pereira, 2005

No distrito não há unidade de internação hospitalar e também não tem ambulância²⁵ para realizar o deslocamento dos pacientes. Estes equipamentos de saúde estão centralizados na sede municipal. Uma das pessoas entrevistadas ao se referir ao atendimento de saúde no distrito admite a precariedade do sistema, mas, por outro lado, reconhece que nos últimos dez anos a atenção à saúde está melhorando: “nós temos apenas um posto de saúde, que funciona precariamente, mas pelo menos nós temos. Nós temos o hospital de Iranduba que já está fazendo cirurgia de pequeno porte. É um hospital bom, só falta ser equipado e ter um corpo clínico melhor” (MARIA MADALENA, entrevista/2005).

Outra moradora, quando questionada sobre a assistência à saúde no distrito, demonstra indignação ao se referir à precariedade dos serviços:

²⁵ Em dezembro de 2006, no momento em que finalizávamos a coleta de dados, a vereadora Maria Madalena implantou o *SOS 24 horas por amor ao próximo*, que é um serviço de remoção de paciente por meio de uma ambulância. Esse serviço é uma iniciativa da vereadora juntamente com alguns empresários locais, o que não garante sua continuidade como tem direito da população.

Outra coisa que podia melhorar aqui é a saúde, poderia ter um posto que fosse garantido que tivesse remédio. Muitas pessoas quando precisa ou vão para Manaus ou para o Iranduba. O Iranduba tem remédio e tem médico até bom lá. Tem um hospital grande e eu já levei minha filha lá, ela foi muito bem atendida graças a Deus. E aqui no Cacau a gente tem que ir quase de madrugada e não consegue a ficha ou não tem remédio. Para os mais conhecidos, eles dão remédio e dão a ficha. E para nós eles dizem não tem porque só são tantas fichas. A gente fica lá perdendo tempo com fome e esperando pra ser atendida (MARIA ARLETE, entrevista/2005).

Nos interiores amazonenses a atenção à saúde é um problema que estampa as manchetes dos jornais quase que diariamente. A falta de hospitais, de profissionais, de equipamentos e de remédios denunciam a situação crítica da saúde no interior. As ações são focalizadas e seletivas e não atendem a todos com igualdade de direitos, além do fato da saúde estar mais voltada para uma perspectiva curativa do que preventiva.

Albuquerque e Cóvas (1998) consideram que a vasta extensão territorial do Estado, a dispersão populacional e o fato do território ser recortado por águas são alguns dos fatores que agravam a situação de saúde nos municípios. Acrescente-se a isto as políticas focalistas e seletivas, que caracterizam as ações públicas em tempos de retração do Estado, promotor das políticas sociais.

A assistência à saúde constitui-se em um dos principais problemas relatados pelos moradores do Cacau Pirêra. A situação de precariedade do Centro de Saúde é um fato relatado por diversos informantes. Para ter suas necessidades de saúde atendidas, os moradores do local quase sempre têm que se deslocar para o Iranduba ou para Manaus.

O transporte público no Cacau Pirêra é realizado por duas empresas de ônibus, a P. Borges e a Transkalina. O valor da passagem depende do local de destino, pois os ônibus saem do distrito (porto) para a sede do município de Iranduba, para o município de Manacapuru, tendo também a linha que trafega apenas nos bairros locais e comunidades mais próximas.

Em relação à segurança pública, só existe uma delegacia de polícia em todo município de Iranduba, no Cacau Pirêra há apenas um posto da polícia militar (figura 27).



Figura 27 – Posto Policial no Cacau Pirêra
FONTE: Pereira, 2005

Atualmente, a localidade vem enfrentando alguns problemas nessa área. É consenso na opinião dos moradores que a violência, a criminalidade e a prostituição vêm crescendo bastante no município como um todo. Vejamos no fala de uma moradora a preocupação com esse problema:

Hoje nós temos galera dentro do Cacau Pirêra. À noite os vândalos ficam na rua, a galera está aqui na porta da minha casa. A gente vê jovem tatuado, jovem se prostituído. Nós temos um quadro que está aumentando, é menino de 10 anos roubando, cheirando cola, fumando. Está piorando.(MARIA MADALENA, entrevista/2005).

O aumento da violência e da criminalidade vem preocupando as autoridades locais e a sociedade civil. Uns falam que o desemprego vem acarretando tais problemas, outros dizem que é a ociosidade, sobretudo dos mais jovens, que vem contribuindo para isso. Várias são as causas desse problema que se assenta principalmente sobre as transformações que estão ocorrendo no estilo de vida dos moradores. A modernidade traz no seu bojo uma série de questões sociais, entre as quais pode-se destacar o agravamento da violência e da criminalidade.

Conceição e Maneschy (2002, p.164) afirmam que o encontro do tradicional com o moderno traz à tona “o crescimento do alcoolismo, a prostituição e o desregramento de costumes e das práticas desagregadoras da família, que contribuem para aumentar a violência doméstica”. A violência e as situações de marginalidade ocorrem dentro e fora da família e se espraiam na sociedade abruptamente como um indício de descompasso entre o crescimento econômico e o social. Estas questões sociais mais comuns no âmbito da cidade são conseqüências diretas das influências citadinas e também da situação de precariedade socioeconômica em que vive grande parte da população do Cacau Pirêra.

A localidade também é marcada por festas tradicionais. A festa mais tradicional do Cacau Pirêra é religiosa e acontece anualmente, desde 1975, no mês de outubro. É a festa de Nossa Sra. Aparecida, a santa padroeira do distrito. Para a comemoração é preparado um grande arraial (figura 28), com duração de quatro ou cinco dias, onde há shows de artistas locais, comidas típicas, pescaria, bingos, leilões dentre outras brincadeiras. Exatamente no dia 12 de outubro, que é o dia da padroeira, é celebrada uma missa (figura 29) seguida de procissão (figura 30) em sua homenagem, onde os fiéis aproveitam para pagar promessa e renovar seus votos de fé.



Figura 28 – Local onde é realizado o arraial da padroira do Cacau Pirêra
FONTE: Pereira, 2005



Figura 29 – Missa em homenagem à padroira do Cacau Pirêra
FONTE: Pereira, 2005



Figura 30 – Procissão em homenagem à padroeira do Cacau Pirêra
FONTE: Pereira, 2005

O arraial é organizado pela Igreja Católica e conta com a participação de muitos moradores. Um dos moradores, que colabora e participa do arraial todos os anos, fala com orgulho da contribuição constante que sua família vem dando para a realização da programação: “no início era a minha mulher que bancava um jogo de carrinho e dado. Era a maior diversão da criançada, depois que ela faleceu eu fiquei ajudando. Eu ainda participo trabalhando, mas hoje quem coordena tudo é o meu filho” (NOÉ LIMA, entrevista/2005).

O Sr. Noé é um dos participantes mais ativos da festa. Aos seus 79 anos é devoto fervoroso de Nossa Sra. Aparecida e nos conta com muita emoção que a Igreja Católica do Cacau Pirêra (figura 31) foi construída em sistema de mutirão durante mais ou menos dois anos. Ele lembra a data da inauguração da igreja que foi em 21 de novembro de 1970, e destaca que a inauguração contou com a presença do arcebispo de Manaus na época Dom João de Souza Lima.



Figura 31 – Igreja Católica do Cacau Pirêra
FONTE: Pereira, 2005

A festa de Nossa Sra. Aparecida é uma das festas mais esperadas pela população local, talvez pelo fato da grande maioria dos moradores pertencerem à religião católica. Uma das entrevistadas descreve rapidamente como foi a última festa: “foi uma festa muito bonita, esse ano de 2005 foram três dias de festa, aí encerramos com a festa da criançada e com a distribuição de presentes porque o dia doze de outubro também é o dia das crianças” (MARIA MADALENA, entrevista/2005).

Existe uma outra festa de menor repercussão se comparada à festa da Santa Padroeira, que é a Festa de São Francisco. A festa de São Francisco é realizada no dia 4 do mês de outubro, por uma senhora conhecida como dona Lindalva, em razão de uma promessa feita ao santo. Uma das entrevistadas descreve detalhadamente esse acontecimento:

É uma festa boa, tem comida, dança, bolo. Tudo é de graça, eles tratam bem a gente. Tem o mastro que a gente tem que subir no pau de sebo. O mastro é de fruta, eles derrubam e aí corre aquele monte de gente. Muita gente não vai porque uns pisam em cima dos outros e machucam as pessoas. A rua enche, não dá nem para gente andar. Todo ano ela festeja esse santo, ela disse que enquanto ela for viva ela vai fazer. É promessa porque ela caiu doente, esteve para morrer, mas fez uma cirurgia e escapou e aí ela ficou festejando todo ano (RAIMUNDA MONTEIRO, entrevista/2005).

A fé nos santos padroeiros e a devida homenagem é uma das características das comunidades tradicionais amazônicas. Como enfatiza Galvão (1976, p.168-169), “as festas de santo são mais que uma simples comemoração, constituem promessas coletivas cuja realização deve obedecer à norma tradicionalmente consagrada. Caso contrário será um ato de desrespeito ao santo”

Conforme esse autor, o respeito e a devoção aos santos ocupam lugar de destaque na religião dos povos amazônicos, não excluindo desse conjunto as crenças pagãs de origem ameríndia. O festejo aos santos no Cacau Pirêra conjuga um misto de fé e confraternização entre os moradores, onde resistem as tradições das novenas, das promessas, das procissões e da adoração das imagens. Nesse evento surge também elementos modernos, como por exemplo, os show musicais, os jogos eletrônicos entre outras novidades.

O lazer dos moradores do distrito se dá na quadra de esportes (figura 32), nos campinhos de areia improvisado nos bairros e nos balneários da Estrada Manuel Urbano. As opções de lazer são limitadas praticamente ao futebol e ao banho nos rios e igarapés. A falta de opções de lazer provoca a vinda de muitos moradores para a cidade de Manaus em busca de diversão: “o lazer aqui eu não sei nem dizer. Eu saio daqui e vou é para Manaus para a casa da minha mãe. A minha diversão é lá. Aí eu vou e passeio mesmo” (MARIA ESPERANÇA, entrevista/2005).



Figura 32 –Quadra de esportes no Cacao Pirêra
 FONTE: Pereira, 2005

A modernidade circunscreveu o tempo destinado ao lazer e à diversão geralmente aos finais de semana e feriados, ou seja, as horas em que não se está trabalhando. As comunidades tradicionais localizadas nas áreas fronteiriças da cidade sentem os impactos dessa lógica e são impelidas também a novas formas de divertimento como ficou claro na fala da entrevistada. O lazer está referenciado nas visitas e nos passeios na cidade; as festas dos santos e de agradecimento à boa colheita já não são as principais formas de divertimento. Revela-se aí mais uma vez o hibridismo entre o tradicional e o moderno.

Um dos moradores mais antigos do lugar, lembrando dos tempos passados, considera que “o lado recreativo já foi muito bom, nós tínhamos uma sede no Cacao Pirêra que em Manaus não tinha igual. Era uma sede grande e muito bonita, era coberta de palha num modelo caboclo mesmo, cabia muita gente até a miss Amazonas veio uma vez aqui” (Alcimar Duarte, entrevista/2005). O entrevistado guarda como recordação a foto do pomposo chapéu de palha (figura 33).



Figura 33– Chapéu de Palha

FONTE: Acervo Alcimar Duarte, s.d.

A realidade do distrito se metamorfoseou ao longo dos anos, o desenvolvimento econômico, o aumento populacional e a urbanização contribuíram para modificar a dinâmica social e espacial do lugar. O Cacau Pirêra se configura como um espaço marcado pelo hibridismo entre elementos antigos e novos, um espaço fronteiriço onde se recria um estilo de vida, que não é nem completamente tradicional e nem inteiramente moderno.

2.3 Cacau Pirêra: na fronteira do rural e do urbano

Deve-se ter claro que o estilo de vida do caboclo amazônico é marcado por um entrecruzamento de elementos tradicionais e modernos, decorrente do processo de ocidentalização em curso na Amazônia desde os tempos remotos do período colonial. A miscigenação racial e o encontro de culturas entre os povos envolvidos nesse processo fizeram surgir uma sociedade híbrida, que guarda certos substratos de valores indígenas e incorpora elementos da cultura adventícia sem perder a originalidade de seu *modus vivendi*. Como afirmamos anteriormente, estamos denominando estas sociedades de povos tradicionais amazônicos.

Os povos tradicionais preservam muito mais os elementos autóctones do que os ocidentais. A simples observação da organização da vida do caboclo amazônico revela a preeminência das estratégias de sobrevivência e das formas socioculturais indígenas. Mesmo assim, não podemos deixar de perceber que os estilos de vida no Cacau Pirêra estão no fio da navalha de uma fronteira tênue entre o tradicional e o moderno.

Compreender a fronteira do tradicional e do moderno nos estilos de vida amazônicos nos remete primeiramente ao entendimento do conceito de fronteira. Conforme Santos (2005a), fronteira é um espaço privilegiado de sociabilidade, onde se misturam heranças e invenções de acordo com a instrumentalidade destas na vida cotidiana.

O Cacau Pirêra distancia-se de Manaus por aproximadamente 30 minutos de travessia pelas águas escuras do rio Negro. O distrito é um local de afluxo constante de cargas e passageiros provenientes da capital e, por isso, recebe intensamente os impactos do ritmo frenético da cidade. Foi possível percebermos na vida dos moradores do Cacau Pirêra a existência de uma certa simbiose entre o tradicional e o moderno, entre as tradições e as inovações, enfim, entre o rural e urbano.

Não só pela posição geográfica, mas também pelo estilo de vida próprio do local, pode-se afirmar que o Cacau Pirêra encontra-se numa zona fronteira. As organizações sociais, culturais, econômicas e políticas vivenciadas no Cacau Pirêra combinam uma heterogeneidade de elementos tradicionais e modernos, o que é bem característico da cultura de fronteira.

Santos (2005b, p.155) afirma que a cultura de fronteira ou zona fronteira “torna-se muito sensível aos ventos. É uma porta de vai-e-vem e como tal nem nunca está escancarada, nem nunca está fechada”. Ou seja, é um espaço delicado onde se dá simultaneamente a identificação e a diferenciação, a homogeneidade e a heterogeneidade.

De modo geral, as cidades ou vilas foram formadas próximas ou nos locais anteriormente ocupados pelos povos indígenas. Talvez, por isso, a história das vilas e das pequenas cidades amazônicas é marcada pelo hibridismo etnocultural. Ao serem destribalizados e arregimentados nas missões, os nativos e seus descendentes resguardaram muitos elementos das culturas indígenas, mas também absorveram tantos outros da cultura ocidental. O processo de ocidentalização da Amazônia, iniciado ainda no início do século XVII, não foi estagnado, estendendo-se até os dias atuais sob outras práticas.

Na segunda metade do século XX o governo brasileiro colocou em prática os projetos de ocupação, integração e desenvolvimento da Amazônia. Ianni (1981) destaca que o período pós-64, que corresponde à ditadura militar no Brasil, foi marcado pelo desenvolvimento extensivo do capitalismo na Amazônia. Foi o período dos grandes projetos, que desconsideravam as peculiaridades regionais e ignoravam os povos nativos, apresentando a Amazônia como um grande vazio demográfico que detinha uma riqueza natural extraordinária e inacabável. Foi o momento de implantação de órgãos de militarização e ocupação das fronteiras físicas, através de planos econômicos para modernizar a Amazônia.

São nesses processos bifurcados, envolvendo a colonização antiga e as práticas segregadoras mais recentes utilizadas pelo Estado brasileiro, que os povos tradicionais da Amazônia se criam e se recriam em meio ao processo contraditório da história. Oliveira (2000b, p.169) afirma que “a produção do espaço urbano na Amazônia se dá a partir de um processo conflituoso, onde as novas relações destroem e reconstróem as antigas relações, pois o novo não exclui o velho”.

O modelo político-econômico colocado em prática no período pós-64 propiciou a formação de vários espaços urbanos na Amazônia, somado ao desenvolvimento urbano dos espaços já existentes. Como dissemos anteriormente, o Distrito Cacau Pirêra tem recebido infra-estrutura urbana desde meados da década 70, fato que também contribui para a crescente modificação do estilo de vida dos seus habitantes desde então. A energia elétrica, a água encanada, a abertura de ruas, a instalação telefônica impactaram as relações socioculturais.

O fascínio pela ideologia do progresso e a apologia por tudo que é considerado moderno e urbano vêm provocando modificações profundas no estilo de vida tradicional dos povos amazônicos. Conceição e Maneschy (2002) nos falam que as ondas modernizantes da segunda metade do século XX trouxeram em seu bojo um outro tempo social para a vida dos povos tradicionais amazônicos. Tempo este não mais ligado puramente aos ritmos da natureza e às tradições culturais, mas sim às coisas ditas modernas: emprego assalariado, comércio, indústrias e urbanização.

A reorganização social dos povos tradicionais na modernidade conjuga resistência e adaptação. O estilo de vida dos moradores do Cacau Pirêra é atingido por um processo de reordenamento que pode ser visualizado em diferentes esferas da vida: no mundo do trabalho, na religiosidade, nas relações de vizinhança e nos diversos aspectos socioculturais.

Como vimos no capítulo anterior, o mundo do trabalho é um dos campos privilegiados onde ocorrem essas transformações. A organização sócio-familiar do trabalho secularmente

praticada pelos povos tradicionais foi substituída, em certa medida, pela lógica do trabalho individual inerente ao capitalismo. No Cacau Pirêra poucas são as famílias que ainda sobrevivem apenas da agricultura, do extrativismo vegetal e animal e da criação de animais. Essas práticas são realizadas apenas para complementar a renda principal, que em geral provém do emprego na indústria, no comércio e do trabalho doméstico.

Para muitos a agricultura, o extrativismo vegetal e animal bem como a criação de animais ecoam como símbolo do atraso, do sofrimento e das dificuldades materiais. As ocupações tradicionais são relegadas ao segundo plano, principalmente pela parcela mais jovem da população, que vê nas ocupações modernas e especializadas uma oportunidade de ascensão social.

As novas gerações são induzidas a “mudar de vida” desde muito cedo, inclusive pelos pais agricultores e pescadores. Os filhos de agricultores são orientados a não seguirem a ocupação dos pais e terem profissões especializadas, consideradas de elevado *status* social se comparadas com as ocupações tradicionais. Muitos trabalhadores do campo fazem questão de oferecer aos filhos a ‘melhor’ educação visando, desse modo, introduzi-los no mercado de trabalho especializado. É o que podemos observar na fala desse entrevistado:

A minha filha tem 15 anos ela está estudando lá em Manaus. Ela mora aqui e vai todo dia 4 horas da manhã e volta 2 horas da tarde. Que é cruel é, mas ela tem que aprender porque ela tem uma vida toda pela frente e precisa se arrumar para chegar lá. É muito difícil aqui, a gente quer ver o filho numa situação boa e a gente luta por isso (ALCIMAR DUARTE, entrevista/2005).

O dado acima revela o esforço de muitos pais para que os filhos tenham uma condição de vida e de trabalho melhor. As profissões especializadas que emergiram com o advento da

sociedade moderna tornaram-se referência de *status* social também fora do espaço urbano. A cidade, assim como as profissões exercidas majoritariamente neste âmbito, são vistas sob o símbolo de evolução e da projeção social.

Bourdieu (1979) sustenta que o fortalecimento da concepção ocidental de trabalho introduziu a obsessão pela produtividade e a preocupação com a rentabilidade. Com isso, a desvalorização das atividades agrícolas tornou-se inevitável, tendo em vista que se tratam de práticas não voltadas para o lucro e sim para subsistência.

À primeira vista a substituição das atividades tradicionais pelas modernas é interpretada como superação dos problemas enfrentados tradicionalmente nos ambientes da água, da terra e da floresta pelos trabalhadores rurais. Um dos entrevistados, mesmo admitindo sua paixão pelas atividades agrícolas, especialmente pela agricultura, afirma que “agora o pessoal está mudando porque a agricultura é muito difícil, o pessoal não aguenta” (ALCIMAR DUARTE, entrevista/2005).

O abandono das ocupações tradicionais traz para o meio rural um fenômeno antes visto somente nas cidades: o desemprego. O desemprego torna-se uma realidade para aqueles que, tendo deixado as estratégias de subsistência, vêm-se sem opções de trabalho ou até mesmo sem condições de retornar para as ocupações tradicionais.

O emprego assalariado é visto como garantia de uma vida segura, entretanto o mercado não absorve toda a força de trabalho disponível, deixando muitos trabalhadores excluídos. De acordo com Pochmann (2001, p.17) “apenas uma parte da força de trabalho, em maior ou menor escala, tende tradicionalmente ser incorporada pelo desenvolvimento econômico”.

No Cacau Pirêra não é diferente, uma das entrevistadas afirma que “o que há de pior aqui é a dificuldade para arrumar serviço, mesmo que seja para ganhar pouco” (MARIA ARLETE, entrevista/2005). O desemprego que atinge grandes parcelas de trabalhadores no

Brasil circunscreve-se no âmbito da reestruturação produtiva, iniciada em 1989 como o *Consenso de Washington*²⁶, que redimensionou os padrões de emprego e de produção. Conforme Pochmann (2001), a reestruturação produtiva introduz um novo paradigma tecnológico para a produção e modificações na gestão e organização do trabalho.

No Cacau Pirêra a maior oferta de trabalho assalariado está concentrado nas olarias e nas produções de hortifrutigranjeiros. O trabalho pesado exige braços jovens e fortes para a fabricação de tijolos e para a realização da colheita, o que determina a exclusão de contingentes majoritários de trabalhadores do mercado de trabalho. Um dos sujeitos da pesquisa afirma que “o meu esposo diz que só não vai porque não agüenta mais. Ele está com 54 anos e já trabalhou demais em olaria. Ele não agüenta mais trabalhar desde que levou uma queda em cima dos tijolos, quando descarregava madeira para os fornos” (RAIMUNDA MONTEIRO, entrevista/2005).

O desgaste físico dos trabalhadores das olarias é bastante visível. As longas jornadas de trabalho sob altas temperaturas dos fornos que secam os tijolos e a força física aplicada para carregar e descarregar os tijolos nos caminhões faz da olaria um espaço de trabalho bastante degradante. Cedo os jovens trabalhadores envelhecem e deixam as atividades por falta de condições de saúde para continuar exercendo-as. Nas plantações, as condições de trabalho não são tão diferentes, os trabalhadores que em geral só têm emprego na época da safra são sujeitos a longas jornadas de trabalho e ficam expostos às intempéries.

Boa parte dos empregos oferecidos no mercado de trabalho no Cacau Pirêra não tem proteção trabalhista, apenas uma pequena minoria tem a carteira assinada e a garantia dos direitos trabalhistas e previdenciários. Mesmo sob estas condições, a grande maioria dos

²⁶ Reunião realizada entre os presidentes latino-americanos, representantes do banco mundial, do Fundo Monetário Internacional e do Banco Interamericano de Desenvolvimento, em novembro de 1989, onde se deliberou a necessidade de realização de reformas estruturais em prol da estabilização econômica.

trabalhadores do Cacau Pirêra prefere se submeter às mesmas a voltar para a economia de subsistência.

Outra alternativa comum aos moradores do local é a inserção no mercado de trabalho na capital amazonense, que nem sempre se dá no mercado formal, mas principalmente no informal. Zé Miguel deixa claro que “o pessoal vai se empregar em Manaus porque aqui não tem condição. O meu genro e as minhas netas foram para lá e já estão empregados” (entrevista/2005).

O mundo moderno é caudatário de fenômenos degenerativos da vida em sociedade; nos centros urbanos, a violência e a criminalidade assumem contornos assustadores. Emergem nas áreas rurais estas problemáticas sociais tipicamente urbanas, não só a violência como também a criminalidade, a prostituição, o uso de drogas dentre outras. Uma moradora no momento de desabafo afirma que a modernização não trouxe só coisa boa para o local: “tudo que tem na cidade já tem aqui, galera e tudo mais. Era um local muito bom de se morar mas já está muito agitado. Está ficando perigoso” (MARIA DO SOCORRO, entrevista/2005).

O Cacau Pirêra vem presenciando fenômenos do submundo da criminalidade. É comum na fala dos moradores a preocupação com os jovens ociosos que ficam nas ruas dia e noite fazendo uso abusivo de cervejas, de cigarros e de outras drogas ou até mesmo se prostituindo. As lideranças locais ainda sem saber exatamente o que fazer se chocam com essa realidade e agem na medida do possível para abrandar a situação. Maria Madalena, que desempenha o cargo de vereadora na Câmara de Iranduba, assevera que:

Isso já vinha acontecendo antes, mas agora ficou pior. E a gente não tem como contornar essa situação. O Cacau Pirêra encharcou e vieram para essas invasões pessoas dos bairros de Manaus, que trouxeram um hábito diferente que aqui não tinha e os daqui começam a gostar e desenvolver. A maioria dos nossos jovens hoje estão envolvidos com droga. A prostituição é total. As brigas hoje no Cacau não é briga de murro, é briga de enxada, de pau, de tiro, de tudo que você possa imaginar, até de arma caseira (MARIA MADALENA, entrevista/2005).

A entrevistada percebe nitidamente a diferença entre os hábitos da cidade e do distrito e atribui o aumento da violência no Cacau Pirêra à migração de moradores urbanos. E destaca também serem os jovens, nas sociedades tradicionais, inseridos desde pequenos na organização social e familiar do trabalho e agora, mais ociosos, encontram na rua a facilidade para adentrarem na criminalidade.

Na argumentação de nossa entrevistada são explícitas as conseqüências sociais negativas produzidas na fronteira do rural e do urbano. Os valores e os costumes citadinos não acrescentaram apenas vantagens para os moradores do Cacau Pirêra; trouxeram também a barbárie.

À noite no Cacau Pirêra é silenciosa e escura, pois nem todas as ruas têm iluminação. A maioria das famílias se isola nas casas em frente aos aparelhos de televisão. Nas esquinas das ruas mais afastadas e desertas estão os jovens consumindo drogas, principalmente cheirando cola e aterrorizando o restante da população. Maria Arlete, moradora antiga da localidade avalia que:

Agora também tem muito galeroso aqui. Ali para adentro diz que o pessoal passa armado de terçado. É maconheiro, cheira cola, um corta o outro e foge. Muitos que vem para cá estão fugindo e querem se esconder. Uns já mataram e também roubaram. Já houve caso de encontrar um fugitivo que passou no programa *Linha Direta*. Antes aqui era calmo, mas agora não. Muita gente que sai da penitenciária foge para cá e vai acumulando esse tipo de gente aqui. Eu tenho muito medo (MARIA ARLETE, entrevista/2005).

O medo da violência tipicamente urbana vivenciada na realidade do Cacau Pirêra é um sinalizador importante das transformações por que o distrito vem passando. A observação da moradora revela que a violência também é decorrente da proximidade do distrito com a cidade de Manaus.

De acordo com os dados estatísticos do IBGE (2005), a população do município de Iranduba, que era de 18.876 habitantes em 1991 passou no ano de 2000 para 32.303, ou seja, praticamente duplicou durante a década de 1990. O aumento desenfreado da população sem políticas amplas que dêem condições para o desenvolvimento socioeconômico, com certeza, é um agravante para o quadro social em que se apresenta o município. O aumento do índice de violência não é uma realidade apenas do Distrito Cacau Pirêra, mas também de todo o município de Iranduba e da sociedade brasileira em geral.

O aumento do quantitativo populacional não foi acompanhado proporcionalmente pela melhoria da infra-estrutura e oportunidade de emprego e renda para os moradores. Ao contrário, houve o crescimento populacional desordenado, que impulsionou a abertura de novos bairros sem infra-estrutura adequada e, conseqüentemente, o inchaço do mercado de trabalho local. A marginalidade surge nesse cenário como fruto das mudanças que vêm ocorrendo no espaço ‘urbano’ do Cacau Pirêra.

Estes problemas sociais, por sua vez, afetam ainda mais os costumes tradicionais. A entrevistada relata que até as conversas à noitinha na frente das casas não pode mais ser feita com tranquilidade, pois os ‘marginais’ ameaçam a segurança da população: “naquele tempo as pessoas ficavam até tarde conversando. Mas, hoje em dia, dá 8 horas a gente tem que se recolher porque os pilantras estão soltos na rua.” (RAIMUNDA MONTEIRO, entrevista/2005).

O costume tradicional dos povos amazônicos de se reunir à noitinha com a vizinhança na porta das casas para prosear foi observado por Wagley (1988) desde o século passado. No Cacau Pirêra isto vem deixando de existir por causa do aumento da violência. As próprias relações de vizinhança e de compadrio, tão comuns nos interiores amazônicos, também vêm sendo ressignificadas nos dias atuais.

Ainda sobre as relações de vizinhança e amizade no Cacau Pirêra, foi possível observar que não há mais entre os moradores, com raras exceções, os laços de solidariedade entre vizinhos: “aqui ninguém se ajuda muito é cada um por si. Ninguém gosta de ajudar, a coisa mais difícil é ter alguém para ajudar”.(MARIA ARLETE, entrevista/2005).

A domesticação do estilo de vida rural pelas influências citadinas traz à tona também a desagregação de muitos valores e hábitos tradicionais. A agitação da urbanidade e as longas jornadas de trabalhos nas ocupações modernas propiciam o distanciamento entre as pessoas. As poucas horas livres são dedicadas aos afazeres domésticos e à família, não sobrando tempo para as relações de amizade e solidariedade.

Durante a pesquisa de campo pudemos perceber que a migração da cidade de Manaus para o distrito também é um fator relevante no contexto das transformações socioculturais pelas quais vem passando o Cacau Pirêra. Há famílias inteiras que migraram de Manaus para a localidade em busca melhores oportunidades. Em uma de nossas visitas, tivemos a oportunidade de conhecer uma família de comerciantes que se mudou definitivamente há 1 ano para o Cacau Pirêra. A família composta por quatro pessoas: pai, mãe e duas filhas adolescentes, veio em busca de um lugar mais tranquilo para viver, longe da violência da cidade, mas de fácil acesso aos recursos existentes na capital.

No campo da religiosidade, foi observado no Cacau Pirêra a manutenção de muitas das tradições religiosas ligadas às culturas indígenas. A fé em rezadeiras/benzedeiras e nas mais diversas plantas medicinais, tradicionalmente utilizadas para tratar casos específicos de doenças, é prática costumeira dos moradores. É bastante comum levar as crianças adoentadas para receber rezas e bênçãos. Os adultos também recorrem às rezadeiras/benzedeiras, principalmente quando estão com desmentiduras, ou seja, dores ou torção nos ossos e músculos.

A crença nas rezadeiras/benzedadeiras não implica nenhuma contraposição ao catolicismo. As crenças populares e o catolicismo convivem no imaginário dos moradores do Cacau Pirêra como coisas distintas, que fazem parte da religiosidade, sem entrar em contradição. Galvão (1976, p. 163) considera que os nativos amazônicos mantiveram “crenças indígenas em muitas instâncias, porém, não como uma religião à parte, mas integradas ao catolicismo e sem afetar essencialmente sua ideologia”.

Em diálogo com duas das rezadeiras/benzedadeiras do Cacau Pirêra nos foi desenhado o seguinte quadro: “eu rezo em criança e adulto. Isso foi um dom que eu ganhei de Deus, porque ninguém na minha família era rezador e eu rezo desde a idade de 12 anos”. A outra rezadeira/benzedeira com a qual conversamos está tentando parar de praticar a reza, porque ‘converteu-se’ ao protestantismo, conforme podemos perceber:

Eu sou uma pessoa muito abençoada por Deus, não falta é gente na minha casa. Sempre chega gente para pegar um ossinho, porque eu entendo de pegar desmentidura também. Aqui vem gente do São Raimundo, de Manacapuru, vem gente de tanto lugar que eu nem conheço. Deus me deu esse dom, a mãe da minha mãe também era assim. Eu rezava também mais agora eu não rezo mais porque eu apareci com um problema na cabeça e o médico disse que eu tinha que deixar, porque era isso que estava causando o problema, porque eu ficava muito preocupada. Quando chegava gente doente eu rezava e ficava com dor de cabeça. E agora que eu estou freqüentando a igreja evangélica eu estou me dando muito bem. Depois que eu passei a freqüentar a Assembléia de Deus eu achei que mudou muito a minha vida (entrevista/2005).

No discurso de ambas as rezadeiras/benzedadeiras aparece a fé em Deus como elemento comum. A reza ou bênção é tida pelas entrevistadas como dom divino, uma missão espiritual. Nas sessões de rezas normalmente são feitas orações, bênçãos, banhos ou massagens. Schweickardt (2002) afirma ser de difícil identificação a origem destas práticas. O certo é que as rezadeiras/benzedadeiras revelam em seu ofício elementos das culturas tradicional e moderna; “a reza e seu universo simbólico traz em si uma forte tradição do catolicismo popular

européu, mas que no ambiente amazônico foi se mesclando com as tradições caboclas e indígenas” (SCHWEICKARDT, 2002, p. 191).

Segundo esse autor a reza e a bênção são dons que subsidiam os rituais simbólicos de cura. Grande parte da população do Cacau Pirêra tem muita fé nas rezadeiras/benzedadeiras. É comum no final da tarde as portas das casas dessas pessoas estarem bastante movimentadas, são crianças e adultos, homens e mulheres acometidos por diversos males: quebranto, mal-olhado, dor de cabeça, febre, tontura etc.

Aqui não tem só uma rezadeira tem várias, só que eu conheço tem duas mulheres e dois homens. Eles pegam desmentidura, reza em criança e adulto. Tem a dona Esperança que reza bem. Eu não conhecia ela, mas a minha filha esteve doente aí me disseram que ela rezava e eu fui lá e graças a Deus aprovou. Ela rezou, sumiu dor de cabeça, sumiu febre. Ela ficou boa, por isso a gente tem fé. Ela ensina o remédio a gente faz, às vezes ela passa uns banhos para gente fazer. Se ela tiver as plantas ela dá para gente, se não a gente tem que procurar (MARIA ARLETE, entrevista/2005).

Maria Arlete afirma que muitas vezes, nos casos de doença, prefere recorrer às rezadeiras/benzedadeiras ao posto de saúde, porque no posto nem sempre há médicos e remédios para tratar as doenças: “às vezes eu procuro logo a rezadeira porque eu não tenho mesmo como comprar remédio. Quando eu sei os remédios que serve então eu cuido logo é de fazer”(MARIA ARLETE, entrevista/2005).

O tradicional e o moderno coexistem na religiosidade do povo de Cacau Pirêra, não se contrapõem, fazem parte do mesmo complexo. A crença nos modos de cura ancestrais revive no cotidiano dessa população. A cura de uma doença, por exemplo, tanto pode ser solucionada no centro de saúde com o uso de drogas farmacêuticas como também nas rezadeiras/benzedadeiras, através das orações e das plantas medicinais.

A prática de realizar rezas e bênçãos pode ser atribuída às heranças deixadas pelas culturas indígenas, mais especificamente à figura do pajé ou xamã. Nas sociedades indígenas, os pajés são detentores de poderes sobrenaturais e responsáveis pela cura de doenças e outros males que afetam a organização social indígena. É óbvio que ao longo do processo civilizatório essas crenças sofreram muitas modificações e se apresentam diferenciadas da forma realizada pelos aborígenes. Na visão de Galvão (1976, p.158).

As crenças religiosas que têm origem nas culturas indígenas do vale e são hoje parte do patrimônio caboclo, modificaram-se sob a influência do cristianismo e do folclore europeu. Sob nova forma difundiram-se e integraram-se na cultura regional. Constituem parte tão essencial da vida religiosa quanto as crenças católicas e respondem a necessidades emocionais condicionadas pelo ambiente e pelo grupamento social.

A maior parte da população do Cacau Pirêra pertence à religião católica. A fé nos santos e em especial na padroeira, Nossa Sra. Aparecida, constitui uma importante referência da religiosidade local. Os santos são vistos como protetores e intercessores perante Deus, por isso há muitos fiéis que fazem promessas aos mesmos. As promessas são pedidos pessoais em troca de homenagens aos santos, que podem envolver a cura de doenças, o aparecimento de pessoas desaparecidas, o sucesso na colheita e na pesca etc. No Cacau Pirêra muitas são as pessoas que aproveitam o dia 12 de outubro, dia de Nossa Sra. Aparecida, para cumprir as promessas feitas à santa: são novenas, vigílias, festas religiosas, fiéis que caminham descalços durante a procissão, doações para a igreja entre outras.

O processo de ocidentalização fincou o catolicismo como religião oficial nos cantos e recantos da Amazônia, sem a perda substantiva das tradições indígenas no cerne da religiosidade do caboclo amazônico. No Cacau Pirêra, a missa aos domingos é ponto de

encontro das famílias. O batismo, a catequese, a crisma e o matrimônio são alguns dos rituais comumente realizados pela Igreja Católica no distrito.

Apesar desse não ser um dos focos de análise desse estudo, é importante registrar a presença de grupos evangélicos no Cacau Pirêra, constituído principalmente por ex-católicos e por moradores que chegaram mais recentemente no lugar.

Oliveira (2000) enfatiza que a produção do espaço urbano na Amazônia é eivada por contradições que articulam o local, o nacional e o global. O espaço urbano não se resume à natureza, ao ambiente ou às relações sociais encontradas em determinado lugar, mas é constituído por um emaranhado complexo que envolve a produção e reprodução da sociedade em sua dimensão material e imaterial.

A história e a cultura dos moradores do Cacau Pirêra tem um nexo de rural e de urbano que se imiscuem no cotidiano da localidade desde tempos remotos. Os moradores do Cacau Pirêra interagem diretamente com a capital do Estado do Amazonas. É na cidade de Manaus que essas pessoas vislumbram melhores possibilidades de emprego, de moradia, de acesso à saúde especializada e outros bens e serviços, facilitando, assim, a domesticação do estilo de vida.

CAPÍTULO III

A DOMESTICAÇÃO DO ESTILO DE VIDA NO CACAU PIRÊRA/IRANDUBA

O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneiras seguras em nossas teorias e idéias, e estas não têm estrutura para acolher o novo.

(Edgar Morin)

3.1 O povo do lugar: configuração socioeconômica dos moradores do Cacau Pirêra/ Iranduba

A realidade é dinâmica e complexa, consistindo num desafio para o conhecimento, que é sempre relativo e aproximado. Como bem enfatiza Morin (2004, p. 85) “a realidade não é facilmente legível. As idéias e as teorias não refletem, mas traduzem a realidade, que podem traduzir de maneira errônea. Nossa realidade não é outra senão nossa idéia de realidade”. E é justamente por isso que o conhecimento está sujeito a erros.

A pesquisa, enquanto meio de produção do conhecimento, requer uma delimitação e um caminho possível de ser seguido. Para tal, optamos por realizar o trabalho de campo junto aos moradores visivelmente mais excluídos do Distrito Cacau Pirêra, pelo fato de se encontrarem notadamente na fronteira do rural e do urbano.

Conforme informações fornecidas pela Prefeitura de Iranduba (2005), às margens do porto do Cacau Pirêra estão fixados uma média de 108 flutuantes em forma de residências e pontos comerciais. Este índice é preocupante e aumenta praticamente todos os anos com a chegada de novos moradores que vêm da cidade de Manaus e de outros municípios do

Amazonas. Segundo informações obtidas junto aos moradores, qualquer pessoa pode construir ou ‘rebocar’ um flutuante para o local, sem pedir autorização da Prefeitura de Iranduba ou da Administração do Cacau Pirêra.

Do universo de 108 famílias residentes nos flutuantes, elegemos uma amostra de 10 para compor o estudo. A propósito do termo família, cumpre-nos registrar que a sua compreensão neste trabalho está circunscrita a um grupo de pessoas, consangüíneas ou não, que compartilham a mesma residência, as relações intersubjetivas, as estratégias de sobrevivência e os modos de vida (SZYMANSKI, 2002, p.10).

As famílias foram ouvidas no período da seca (figura 34), época do ano em que é possível o deslocamento a pé entre os flutuantes, o que durante a enchente e a cheia só é possível fazer de canoa ou voadeira.



Figura 34 – Área onde estão localizados os flutuantes na época da seca
FONTE: Pereira, 2005

Quando o rio começa a encher, os flutuantes são rebocados para as partes do rio onde a correnteza não é tão forte, pois a fúria das águas pode facilmente destruir as habitações. A experiência do caboclo amazônico indica quais são os locais mais apropriados para transferir os flutuantes. Com a subida do rio, as famílias ficam ilhadas dentro das casas (figura 35), só podendo se locomover através de canoas ou barcos.



Figura 35 – Área onde estão localizados os flutuantes na época da cheia
FONTE: Pereira, 2005

Por se tratar de uma pesquisa de base qualitativa, não nos interessou selecionar uma amostra maior, haja vista que não foi nossa intenção mapear o perfil socioeconômico do distrito. Interessava-nos apontar os impactos da urbanidade sobre o estilo de vida dos moradores locais, mais especificamente daqueles residentes na fronteira geográfica entre a sede do município do Iranduba e a cidade de Manaus, ou, seja, no entorno do porto do Cacaú Pirêra.

A construção do estilo de vida se dá num espaço determinado histórica e socialmente. Para Santos (2004), o espaço significa não só a paisagem geográfica natural e artificial, mas

também o vivido, ou seja, as formas humanas que animam a paisagem. O espaço é a junção da forma (paisagem) e do conteúdo (relações humanas). As formas, que são construídas historicamente, precisam ter um conteúdo social para se tornarem espaço vivido.

Como vimos, a vida no Cacau Pirêra é marcada por um espaço híbrido que combina elementos ligados às tradições da vida no campo e à moderna vida citadina, o que não se restringe ao plano material, mas abarca também o âmbito imaterial. O hibridismo se manifesta nas atitudes, valores, crenças, hábitos, representações, relações com a natureza e com o trabalho dentre outros elementos que compõem o estilo de vida. Embora os moradores mantenham uma intensa relação com a natureza, não somente porque residem em flutuantes e palafitas, mais também porque têm a vida regulada, em certos aspectos, pelos ciclos dos rios, reproduzem no seu cotidiano fenômenos tipicamente urbanos.

Os moradores do entorno do porto constituem, na sua maioria, a população mais destituída de bens materiais que vive no Cacau Pirêra. A área de localização dos flutuantes é apontada pelos moradores do distrito como o espaço onde as condições de habitação e higiene são precárias, não isento de ações marginais e promíscuas.

Os moradores dos flutuantes também são vistos de forma preconceituosa por parte dos habitantes da terra firme. Uma das moradoras, ouvida em conversa informal, revela que “os flutuantes são umas favelas. Eles já ganharam seus terrenos uma vez e a maioria vendeu e voltou para dentro d’água. Isso enfeia a nossa cidade” (Diário de campo, 2005).

A moradora expressa sua insatisfação pelo fato do porto, que é a porta de entrada do município de Iranduba, encontrar-se repleto de flutuantes em precário estado de conservação. A informante relata também que já houve uma ação do poder público municipal que removeu os moradores dos flutuantes para a terra firme²⁷, tentativa essa que não obteve sucesso, pois muitos moradores removidos voltaram logo em seguida para as terras de várzea.

²⁷ O bairro Alto de Nazaré foi o local escolhido pelo poder público para abrigar os moradores dos flutuantes. Apesar das precárias condições de infra-estrutura, os moradores dos flutuantes recebem lotes neste bairro.

É sabido que o estilo de vida nas terras de várzea é bastante distinto daquele desenvolvido na terra firme. Os moradores de várzea nem sempre se adaptam à nova realidade geográfica e cultural peculiar à terra firme, razão pela qual se sentem compelidos a regressar às terras alagadiças, onde têm domínio das estratégias de sobrevivência e vivem em relação de maior proximidade com o meio natural. Para quem cresceu à beira do rio, o estilo de vida da terra firme assusta, podendo até impulsionar o homem a voltar à várzea, como ocorreu no Cacao Pirêra.

A adaptabilidade à várzea é completamente diferente em virtude da proximidade dos rios e das terras naturalmente mais férteis. Segundo Sternberg (1998), na terra firme a relação entre homem e meio não é tão profunda quanto nas comunidades varzeanas, o que tende a dificultar a própria subsistência.

Ocupantes das terras de várzea, os moradores do entorno do porto sentem os impactos da urbanidade da capital e lidam constantemente com as agruras da vida moderna, que os impulsiona a criar e recriar meios de subsistência e de sociabilidade para enfrentar as adversidades encontradas no caminho. Mesmo com baixo nível de educação formal (gráfico 1), os sujeitos da pesquisa são possuidores de um saber tradicional que lhes permite reinventar a vida neste vale amazônico, no limite do rural e do urbano.

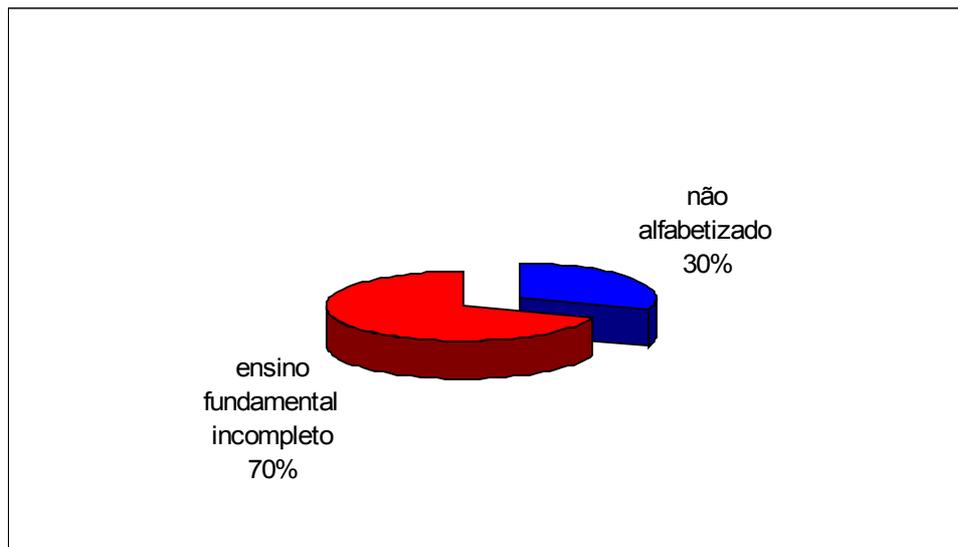


Gráfico 1 – Nível de escolaridade dos chefes de família
FONTE: Pesquisa de Campo, 2005

Dos chefes de famílias ouvidos, aquele de maior escolaridade foi o que cursou até a 6ª (sexta) série do ensino fundamental. Em parte, estes índices são reflexos das frágeis políticas educacionais existentes na área rural do Amazonas, haja vista que nestes rincões a educação é ‘artigo de luxo’, sendo privilégio de poucos. As escolas nem sempre são de fácil acesso, além de não oferecerem as condições materiais necessárias para a prática do ensino-aprendizado, somado ao fato de que muito cedo as crianças são compelidas a deixarem a escola.

No Cacau Pirêra, o trabalho infantil é uma constante na vida de muitas crianças. Elas estão trabalhando por toda parte do distrito. Nas balsas, nas feiras e nas ruas elas comercializam uma infinidade de produtos (figura 36).



Figura 30 – Meninos trabalhando como vendedores ambulantes
FONTE: Pereira, 2005.

A crise que se estabelece no mundo do trabalho, que exclui parcelas expressivas de trabalhadores, sobretudo aqueles que possuem baixo nível de educação formal, acaba por colocar nos ombros das crianças a responsabilidade pela subsistência familiar e, em decorrência disso, grande parte delas deixam muito cedo a escola. Bourdieu (1979, p.), assegura que “para todos aqueles que não possuem diploma nem qualificação, a grande maioria, a liberdade de escolha de profissão é reduzida (...) Disponível a aceitar todo e qualquer emprego, porque na realidade não está preparado para nenhum...”. Na sociedade tradicional argelina, o trabalho é um dever social de todos, que precisa ser cumprido para satisfazer a dimensão ético-moral e as necessidades da vida material.

Com esforço, podemos empreender uma comparação entre a realidade do Cacau Pirêra e a análise de Bourdieu. Nas sociedades camponesas argelinas, a principal forma de sobrevivência era essencialmente a atividade agrícola, que foi sendo substituída pelas atividades de matiz capitalista.

Os camponeses argelinos foram desenvolvendo outras formas de trabalho diferentes daquelas que faziam anteriormente. Transformados em operários, serventes, mestres de construção civil, comerciantes, artesãos ou qualquer outra ocupação, que não os deixasse recair na condição de excluídos do sistema produtivo. A emergência do capitalismo no seio da sociedade argelina modificou não só a forma de trabalho e a economia, mas também a organização sociocultural e o próprio *ethos* argelino.

A transição do mundo rural pré-capitalista para o mundo urbano capitalista, de que nos fala Bourdieu (1979), provocou uma série de transformações socioeconômicas na sociedade argelina, as quais podem nos auxiliar na compreensão das modificações pelas quais vêm passando os moradores do Cacau Pirêra. Na referida localidade, a transição não é do pré-capitalismo para o capitalismo, mas do rural para o urbano, ou melhor, para o quase-urbano, visto que, geograficamente, o distrito ainda é considerado área rural, mesmo que seus moradores já não estejam tão vinculados a atividades tipicamente rurais.

No âmbito da reestruturação produtiva, o nível de escolaridade é uma das condições indispensáveis para a inserção no mercado de trabalho, assim como a qualificação profissional, que é um outro requisito exigido no recrutamento de trabalhadores. Para Bourdieu (1979, p.56), “quanto mais cedo se deixa de freqüentar a escola, mais restrita é a variedade de escolhas. A cada um dos graus de instrução corresponde um grau determinado de liberdade”. Não é o trabalhador que escolhe a profissão, ele é escolhido, levando-se em conta a sua qualificação.

A baixa escolaridade dos trabalhadores do Cacau Pirêra os coloca em condições de trabalho precárias e degradantes. E, sem muitas opções de escolha, eles se vêem compelidos a aceitar trabalhos aviltantes para garantir o sustento da família. O setor de olaria, mesmo concentrando um tipo de trabalho dos mais pesados, é o que mais emprega no Cacau Pirêra,

principalmente porque a produção de tijolos é constante durante todo o ano, diferente da agricultura e da pesca.

Mesmo reconhecendo a importância da escola para a melhoria das condições de vida e de trabalho, parte significativa dos sujeitos da pesquisa afirma que tiveram que parar de estudar para ajudar no sustento da família, e que, na vida adulta, já perderam o interesse pelo estudo. É interessante destacar que apenas um dos chefes de família entrevistados está matriculado, cursando a 5ª (quinta) série do ensino fundamental.

A baixa escolaridade dos moradores do Cacau Pirêra talvez se deva ao fato de muitos deles serem oriundos de locais onde não dispunham de muitas alternativas educacionais. Todos os chefes de famílias com os quais conversamos são oriundos do interior do Amazonas (gráfico 2), sendo que 40% nasceu em Iranduba e os demais em outros municípios do Estado como: Careiro da Várzea, Atalaia do Norte, Tefé, Manacapuru e Coari.

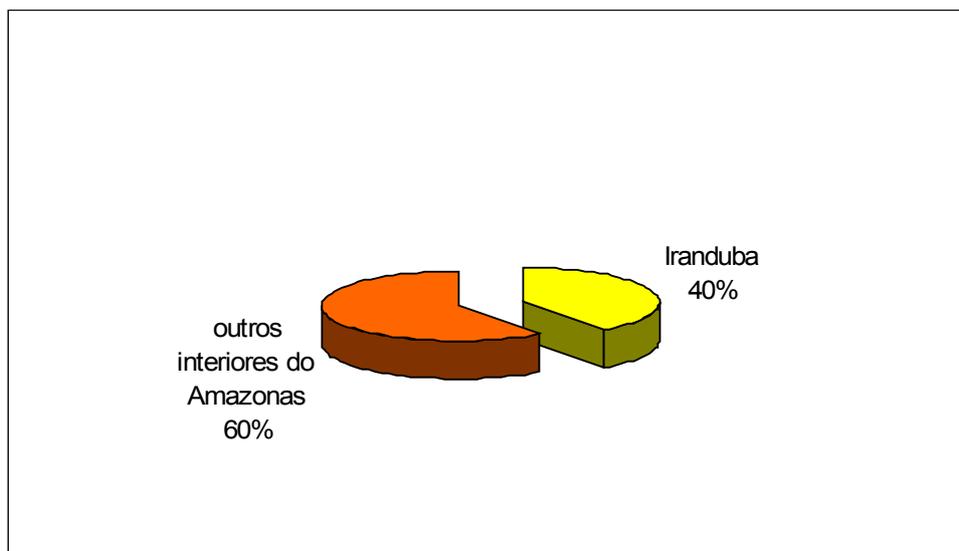


Gráfico 2 – Local de nascimento dos informantes
FONTE: Pesquisa de Campo, 2005

O índice de migração é elevado no Cacau Pirêra, não só na área pesquisada, mas em todo o distrito é muito significativa a presença de migrantes vindos dos interiores do Estado do Amazonas e, inclusive, de outras localidades do município de Iranduba. A migração se justifica, em parte, pelo fato do Cacau Pirêra estar situado nas proximidades da capital do Estado, atraindo pessoas que buscam melhores condições de vida. Da amostra pesquisada, 40% dos migrantes informaram que vieram para o distrito com esta expectativa (gráfico 3).

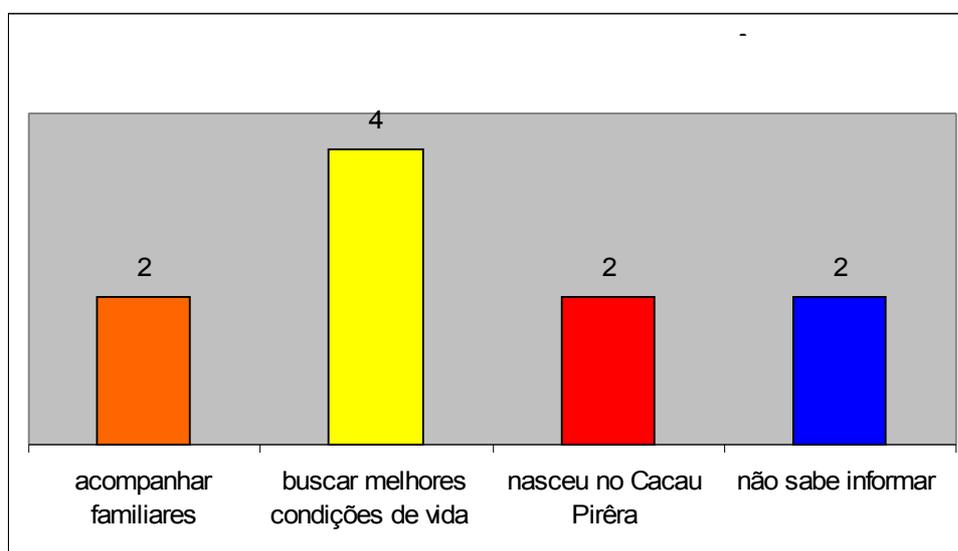


Gráfico 3 – Motivo da vinda para o Cacau Pirêra
 FONTE: Pesquisa de Campo, 2005

A cidade e o urbano despertam na população interiorana o sonho da vida melhor, o que impulsiona o fluxo migratório no sentido campo/cidade. No Cacau Pirêra, a presença de migrantes se dá de forma expressiva, o que pode ser revelado a partir do tempo de moradia dos sujeitos da pesquisa (gráfico 4), pois apenas uma minoria, correspondente a 10% da amostra, afirma residir no local há mais de trinta anos.

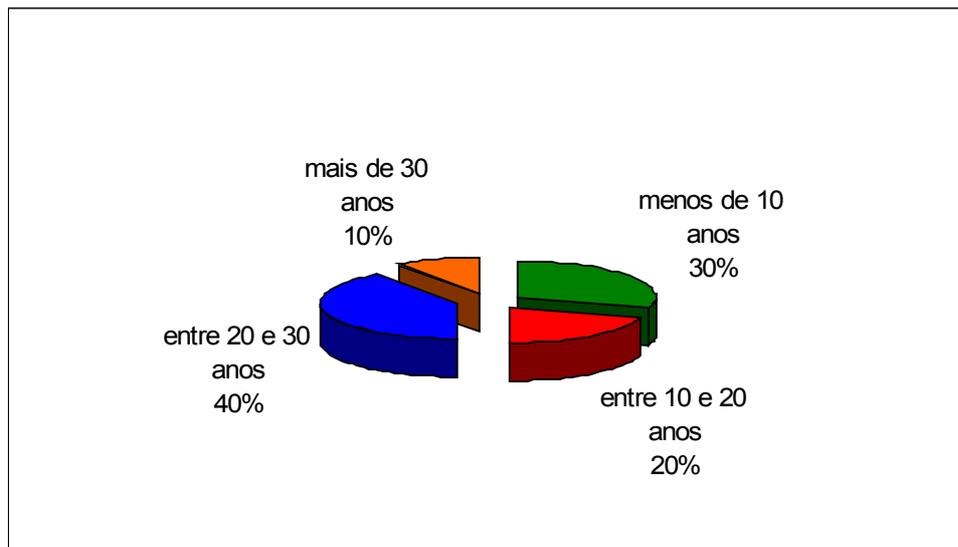


Gráfico 4 – Tempo de moradia em Cacau Pirêra
FONTE: Pesquisa de Campo, 2005

Mesmo que o Cacau Pirêra não se constitua enquanto área urbana, o curto tempo de moradia dos sujeitos na localidade indica um processo de migração bastante recente. Os migrantes vêm de outros interiores mais distantes na tentativa de se estabelecer socioeconomicamente e, ao chegarem ao distrito, logo buscam inserção no mercado de trabalho, com vistas a garantir o seu sustento.

Vindos de áreas rurais, os migrantes nem sempre estão dispostos a continuarem provendo suas necessidades de subsistência a partir das práticas tradicionais que realizavam no seu local de origem, por isso a maioria dos chefes das famílias amostrada na pesquisa se encontra realizando ocupações mais ligadas ao meio urbano (tabela 1).

PRINCIPAL OCUPAÇÃO DO CHEFE DE FAMÍLIA	%
Catraieiro	10
Venda de fruta (ambulante)	10
Serviço de olaria	30
Gari municipal	10
Feirante	10
Pedreiro	10
Desempregado	20
TOTAL	100%

Tabela 1 – Principal ocupação do chefe de família
 FONTE: Pesquisa de Campo, 2005

Note-se que há relevância das ocupações urbanas na vida dos moradores do entorno do porto do Cacau Pirêra, sobretudo do setor oleiro, seguido de ocupações realizadas no mercado informal. O desemprego também é um fenômeno que salta aos olhos no distrito. O que nos chama atenção é o fato de que os sujeitos, mesmo habitando às margens dos rios, não desenvolvem as atividades tradicionais de subsistência como principal meio de vida. Há algumas famílias que ainda praticam as atividades tradicionais, mas como forma de complementar a renda e não como fonte principal.

A baixa escolaridade dos moradores residentes nos flutuantes pode ser um dos fatores determinantes para a posição de subalternidade que ocupam no mundo do trabalho. De acordo com Bourdieu (1979), na transição do rural para o moderno, o trabalho passou de um bem social realizado para manter a subsistência pessoal e familiar, para assumir a cátedra de atividade individualizada com finalidade primeiramente econômica.

Conforme destaca o autor, a economia capitalista trouxe a instabilidade ao mundo do trabalho, antes desconhecida. A sociedade capitalista instituiu a necessidade absoluta e universal de obtenção de uma renda em dinheiro, o que obriga homens e mulheres submeterem-se às mais precárias situações de trabalho e a qualquer remuneração.

O autor assinala que a dimensão social do trabalho é ofuscada pela finalidade econômica, fazendo com que os sujeitos se submetam a qualquer tipo de trabalho, em troca de uma remuneração qualquer, para não estar na condição de desempregados. No mundo moderno, o trabalho “mesmo que seja o mais aviltante, sempre permanece como sendo mais e outra coisa que não um simples ganha-pão e o desemprego não é tão intensamente receado senão porque a privação econômica é intensificada por uma mutilação social” (BOURDIEU, 1979, p. 62-63).

No Cacau Pirêra, grande parcela da população trabalha no mercado informal (gráfico 5). Até mesmo porque a indústria e o comércio, que são os setores do mercado formal que mais empregam, não oferecem situação de legalidade para todos os trabalhadores empregados nestes ramos.

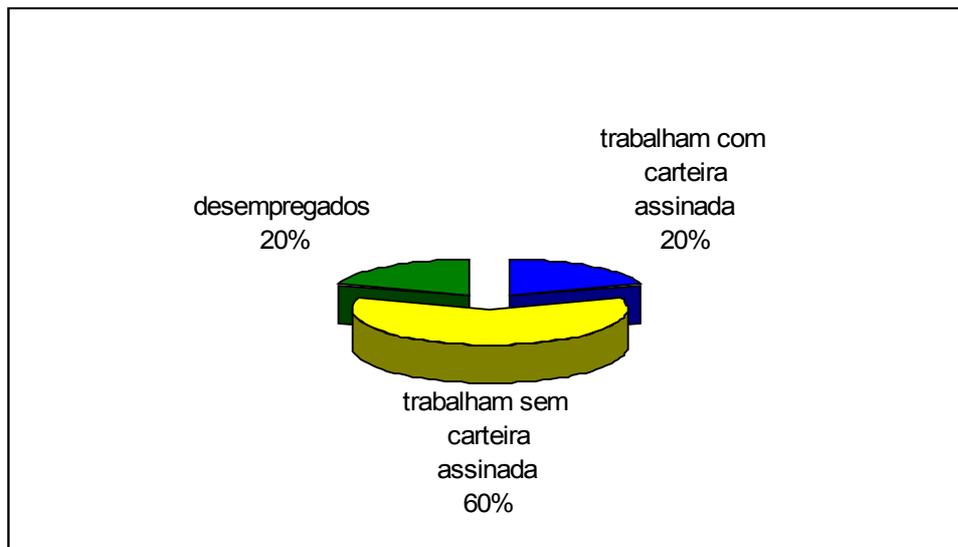


Gráfico 5- Vínculo trabalhista dos moradores
 FONTE: Pesquisa de Campo, 2005

O pequeno percentual de trabalhadores amparados pelas Leis trabalhistas no Cacau Pirêra evidencia a situação de instabilidade das relações de trabalho nos países de capitalismo dependente. O trabalho autônomo, isto é, aquele realizado por conta própria, é a forma mais comum de prover a subsistência em meio à crise do trabalho assalariado, intensificada no Brasil, a partir de 1990, com o movimento de reestruturação produtiva. Conforme Pochmann (2001), na década de 90, o desemprego se generalizou por quase todas as parcelas da população brasileira ativa, enviando um quantitativo considerável de pessoas para o setor de serviços e de comércio, nas condições de terceirizados ou trabalhadores autônomos.

As dificuldades para conseguir emprego no Cacau Pirêra não são poucas, conforme pontua uma das moradoras: “aqui serviço bom de assinar a carteira não tem, é muito difícil conseguir” (Maria Arlete, entrevista/2005). Os trabalhadores autônomos desenvolvem atividades variadas conforme as possibilidades que se apresentam, tais como: pedreiro, pescador, lenhador, ajudante de caminhão, dentre outros, de acordo a oferta de trabalho.

As dificuldades encontradas para a inserção no mercado de trabalho é uma dura realidade na vida dos moradores do Cacau Pirêra. É possível que, por causa dessa realidade, na metade das famílias amostradas apenas o chefe da família (feminino ou masculino) é o

único responsável pelo orçamento familiar. Nas 50% restantes, foi identificada uma ou mais formas de atividade realizada para fins de complementação da renda familiar (tabela 2).

PRINCIPAIS ATIVIDADES PARA COMPLEMENTAÇÃO DA RENDA FAMILIAR	QUANTIDADE DE FAMÍLIAS
Pesca	3
Venda de picolé	1
Venda de galinhas e patos	2
Venda de churrascos	1
Serviços domésticos	2
Benefícios assistenciais	4
TOTAL	13

Tabela 2 – Principais atividades para a complementação de renda familiar
FONTE: Pesquisa de Campo, 2005

O fato das famílias terem que realizar outras atividades com finalidade de complementação da renda dá indícios de que os salários pagos aos moradores do Cacau Pirêra são insuficientes para suprir suas necessidades. A renda familiar dos moradores do Cacau Pirêra é bastante baixa (gráfico 6), até mesmo porque a maioria dos trabalhadores realiza profissões que possuem um modesto *status* social e econômico.

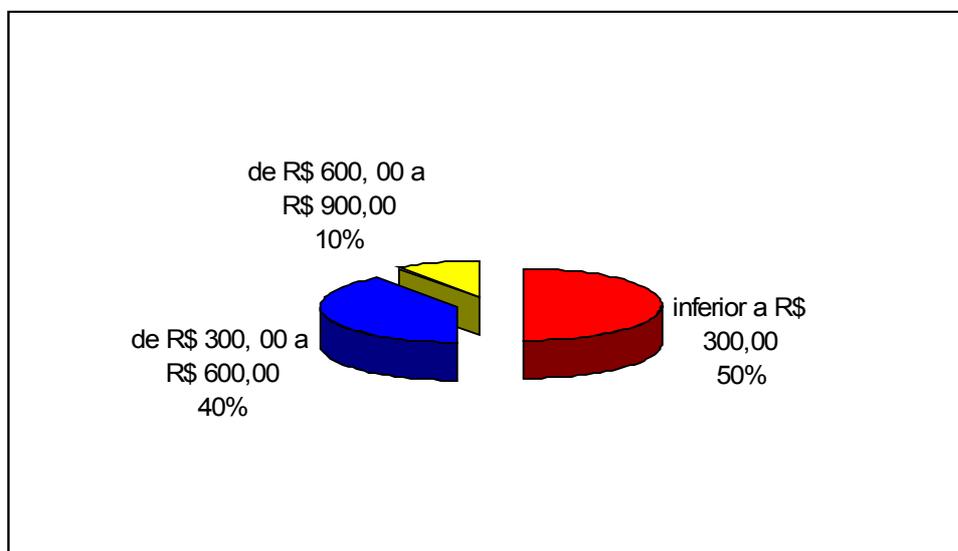


Gráfico 6 - Renda familiar dos moradores
FONTE: Pesquisa de Campo, 2005

O ramo cerâmico-oleiro é o que oferece a maior quantidade de postos de trabalho no Cacau Pirêra. Nestas indústrias há dois tipos de empregados: aqueles que possuem vínculos trabalhistas e previdenciários (mensalistas) e aqueles que não possuem (diaristas).

Os operadores das máquinas e o corpo administrativo das indústrias oleiras são compostos por funcionários regulares que possuem garantias trabalhistas. Já os diaristas são funcionários braçais (figura 37), que dependem mais força física do que o emprego de conhecimento técnico na produção de tijolos. As atividades como corte de lenha,

abastecimento de fornos e ajudante de caminhão são funções desenvolvidas pelos diaristas, que são trabalhadores eventuais e recebem seus pagamentos apenas pelo dia de trabalho.



Figura 37 – Trabalhador puxando carrinho de tijolos
FONTE: Pereira, 2005

Os diaristas são recrutados, assim que o dia amanhece, nas proximidades do porto, pelos motoristas das caçambas e dos caminhões que vão para as olarias fazer carregamento de tijolos. No geral, quase todas as funções desenvolvidas na produção de tijolos são atividades desgastantes em função do próprio ambiente insalubre das olarias (figura 38). As olarias funcionam em galpões com pouca iluminação e pouca circulação de vento, são ambientes

quentes devido às altas temperaturas dos fornos e bastante empoeirados pelo barro e pelo pó de serragem.



Figura 38 - Trabalhadores na produção de tijolos

FONTE: Pereira, 2005

Os baixos salários praticados no Cacau Pirêra têm consequência direta na condição socioeconômica dos trabalhadores, colocando algumas famílias em estado de vulnerabilidade social²⁸, abaixo da linha de pobreza comparados aos países da Costa do Marfim.

²⁸ Sobre vulnerabilidade social verificar Sposati (1999). A vulnerabilidade social consiste no estado de privação de consumo, no qual o sujeito é excluído, discriminado ou apartado de participar ativamente do mercado consumidor e de suprir suas necessidades básicas. A vulnerabilidade inclui ainda a perda da qualidade de vida.

Nesse cenário, o mercado informal, principalmente de vendas, surge como campo de amplas possibilidades para garantir o sustento da família no Cacau Pirêra. São feirantes, vendedores ambulantes de salgados, de frutas, de sucos, de refrigerantes, de balas, enfim uma variedade de produtos. Nas ruas do distrito e principalmente no porto e nas balsas é bastante comum ver adultos, idosos e até crianças buscando a sobrevivência no mercado informal (figura 39).



Figura 39 – Venda de peixe nas ruas
Fonte: Pereira, 2005

O pequeno comércio, segundo Bourdieu (1979), é uma alternativa de provisão de renda mais natural àquelas pessoas sem qualificação:

o pequeno comércio é a única ocupação que não exige capital inicial algum, nem a qualificação profissional ou alguma aptidão especial, nem a instrução, nem o dinheiro, nem o local, nem as proteções. Esse é mesmo o único recurso daqueles

que nada têm e a quem estão interdidas todas as profissões, inclusive, por falta de engajamento, as profissões pesadas e unanimemente desprezadas, ‘a pá e a enxada’ (BOURDIEU, 1979, p 63).

Na visão do autor, longe de ser trabalho, o pequeno comércio configura-se mais especificamente como uma ocupação ou “falso ofício”, visto que a situação de desemprego obriga as pessoas a realizarem qualquer atividade para não se sentirem inúteis e privadas das necessidades de consumo impostas pelo sistema capitalista. A ocupação contém uma carga negativa porque não compensa financeiramente a força física desprendida.

No Cacau Pirêra, muitos chefes de famílias trabalham no pequeno comércio. Esta é uma forma de trabalho que vem ganhando espaço, até pelo fato do distrito posicionar-se num local de passagem para quem vai e vem da capital e de outros municípios. Na fala de uma das moradoras entrevistadas, isso é muito claro: “aqui tudo que você coloca você vende, principalmente quando o rio está cheio, quando a balsa está aqui é um movimento danado” (MARIA MADALENA, entrevista/2005).

Mas há também situações tão graves de extrema exclusão social, que mesmo o pequeno comércio parece uma atividade impossível de ser exercida, pelo fato do alto índice de analfabetismo entre os moradores. Uma moradora do Cacau Pirêra afirma que não tem condições de trabalhar nem no pequeno comércio: “eu não posso montar uma banca para mim por que eu não sei de nada, as pessoas vão é me enganar. Se eu soubesse ler e conhecesse dinheiro aí sim” (MARIA ARLETE, entrevista/2005).

Uma outra alternativa encontrada pelos moradores, principalmente pelas mulheres, para fugir do desemprego é a realização de serviços domésticos. Como no Cacau Pirêra não há tantas famílias que podem pagar por este serviço, muitas mulheres fazem diariamente a travessia do Rio Negro para trabalhar em Manaus:

se você for ver é muita gente que vai daqui para trabalhar em Manaus, principalmente de empregada doméstica, porque aqui não tem muito trabalho para quem não tem uma profissão certa. Na balsa de 7 horas é muita mulher que vai para Manaus trabalhar (MARIA DO SOCORRO entrevista/2005).

Está explícito na fala da entrevistada que as estratégias de sobrevivência das famílias moradoras do entorno do porto de Cacau Pirêra também guardam estreita relação com a cidade. Da amostra selecionada, cerca de 20% dos chefes de família exercem suas atividades de trabalho na cidade de Manaus (gráfico 7).

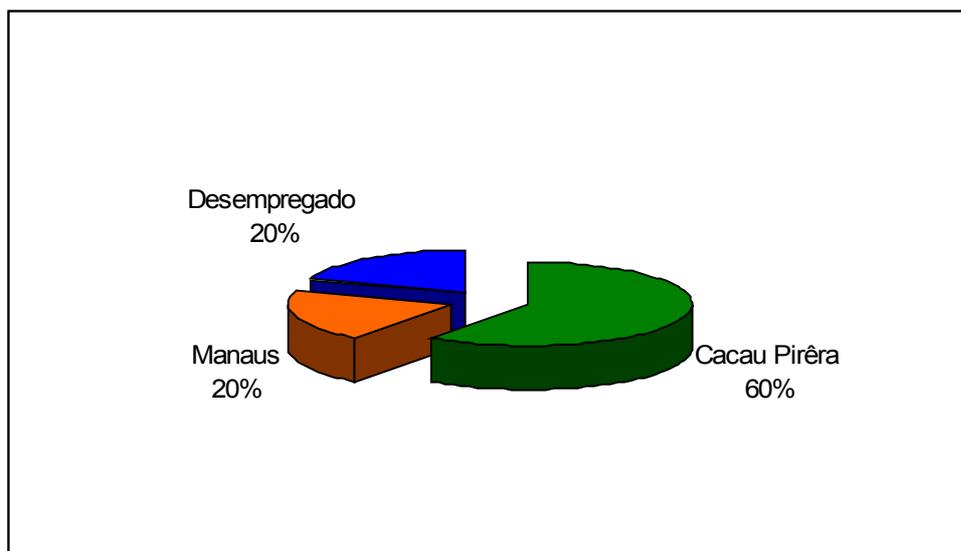


Gráfico 7 - Local de trabalho
FONTE: Pesquisa de Campo, 2005

Oliveira (2000a) considera que, devido à migração para as áreas de fronteira, é comum que a população destas áreas não se identifique com a localidade e busquem a realização profissional e pessoal nas cidades mais próximas. Os trabalhadores que labutam na cidade, apesar de não constituir o maior índice, representam um dado importante para analisarmos as influências do estilo de vida citadino sobre a vida dos moradores do Cacau Pirêra.

O trabalho assalariado constitui-se numa referência que, cada vez mais, entra em ascensão para a população local. Os modos tradicionais de subsistência são vistos como ultrapassados e, por isso, poucas são as famílias que continuam sobrevivendo apenas da agricultura, do extrativismo vegetal e animal e da criação de pequenos animais no Cacau Pirêra, com exceção dos produtores de médio e de grande porte que trabalham com plasticultura (figura 40) na terra firme. A plasticultura é uma técnica para o desenvolvimento da agricultura, que protege as plantações das intempéries, por meio de armações feitas com estacas de madeiras e cobertas com plástico. Esse tipo de prática necessita de irrigações de água e aplicação de fertilizantes constantemente.



Figura 40 – alface em sistema de plasticultura em terra firme
FONTE: Pereira, 2005

Em relação à pesca, 60% das pessoas entrevistadas nos informaram que continuam pescando, mas ninguém afirmou ter a pesca como a atividade principal no sustento da casa. A pesca aparece apenas como complementação da renda ou até como diversão: “sei pescar e

gosto, a pesca é o meu esporte, o meu lazer” (Diário de campo/2005). Das famílias que não praticam mais a pesca, os principais motivos alegados foram a falta de tempo e a falta dos utensílios necessários como canoa, caniço, tarrafa e malhadeira.

Sobre a prática da agricultura, 70% das famílias entrevistadas ainda realizam o cultivo de algumas espécies. Como estão em terras de várzea, algumas plantações são feitas sobre bóias de madeiras que flutuam conforme a subida dos rios (figura 41). As culturas cultivadas não são comercializadas, servindo apenas para o consumo próprio. E entre as principais espécies cultivadas estão: cebola, pimenta de cheiro, tomate, macaxeira, batata, milho, feijão, cebolinha, chicória, couve, manjerição, capim santo, hortelã, babosa, vicky, boldo e cidreira.



Figura 41 – Cultivo sobre boias flutuantes na várzea
FONTE: Pereira, 2005

Os povos tradicionais do Cacau Pirêra encontram-se numa zona fronteira. Não são nem tradicionais nem modernos, nem rurais e nem urbanos, o estilo de vida deles expressa um pouco de tudo isso. Mesmo de forma marginal, esta população busca se inserir na

modernidade: fazer uso da moda, possuir equipamentos tecnológicos e estar atualizado sobre os acontecimentos da cidade.

Em relação à estrutura familiar dos moradores dos flutuantes, foram identificadas famílias de grande e médio porte, visto que das famílias entrevistadas, 10% possuem 10 ou mais pessoas por residência; 50% possuem entre 7 e 9 membros; 30% possuem de 4 a 6 membros e 10% possuem de 1 a 3 membros (gráfico 8).

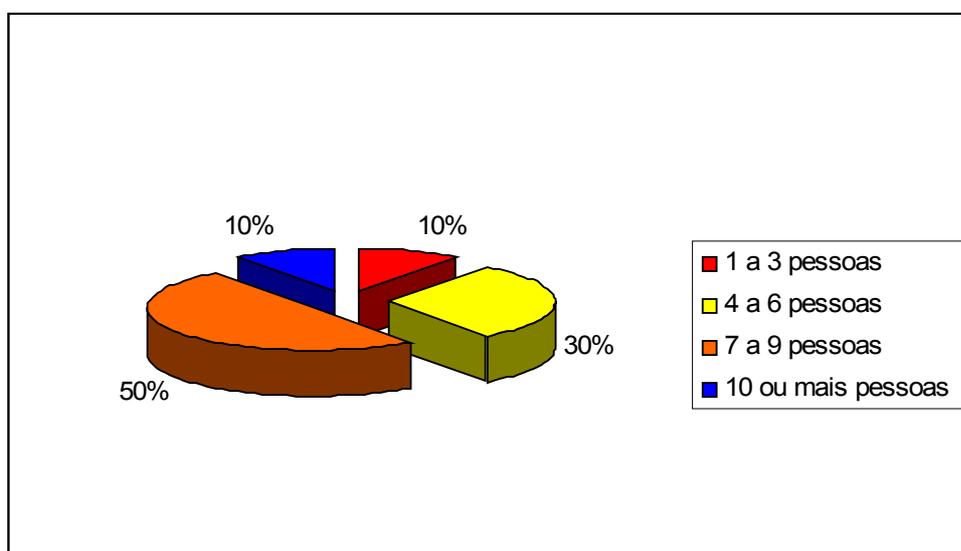


Gráfico 8 - Quantidade de pessoas por residência
FONTE: Pesquisa de Campo, 2005

Nos grupos familiares extensos predomina o tipo de família nuclear composta por pai, mãe e (muitos) filhos, mas também foi possível verificarmos a emergência de outros modelos de composição familiar mais modernos como, por exemplo, as famílias monoparentais chefiadas por mulheres e as famílias reduzidas, composta pelo casal e no máximo dois filhos. Daí, podemos presumir que há vários padrões de famílias na amostra representada na pesquisa.

A família extensa é uma das características dos povos tradicionais amazônicos que está sendo preservada. Apesar das dificuldades enfrentadas no mundo moderno, sobretudo no campo da sobrevivência, ainda prevalece no Cacaú Pirêra a família ampliada.

Por outro lado, aparecem as famílias monoparentais femininas, que conforme Vitale (2002), fazem parte da realidade brasileira e mundial. Um dos chefes de famílias com o qual tivemos oportunidade de conversar era do sexo feminino, fenômeno mais comum na área urbana. Este fato indica que há o surgimento de famílias monoparentais lideradas por mulheres também na zona rural.

Vitale (2002) destaca que, no Brasil, os lares monoparentais femininos começam a ser reconhecidos como família a partir da década de 70, devido ao número cada vez mais expressivo de famílias sem a figura masculina. Nestas famílias as mulheres acumulam vários papéis sociais, sendo as responsáveis pelo sustento da casa, pela educação dos filhos e pela unidade familiar.

Em relação ao estado civil das famílias entrevistadas, verificamos que a união estável é proeminente entre os casais, chegando a 60% dos casos. O casamento civil ocupa o segundo lugar, no entanto com um baixo índice de 20%. É mais comum a união consensual do que o casamento civil (gráfico 9).

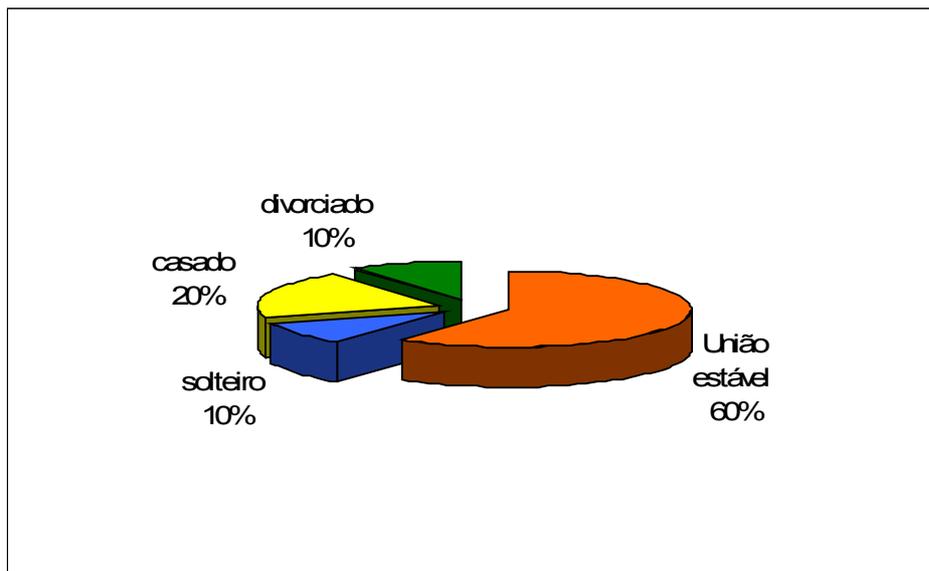


Gráfico 9 - Estado civil das famílias entrevistadas
 FONTE: Pesquisa de Campo, 2005

Na contemporaneidade, surgem outras configurações de união entre homens e mulheres. O código civil brasileiro de 2002, que entrou em vigor em 2003, concebe a união estável como “a convivência duradoura, pública e contínua, de um homem e uma mulher, estabelecida com o objetivo de constituição de família. Estabelece que são direitos e deveres iguais dos conviventes: respeito e consideração mútuos” (PIMENTEL, 2002, p. 30-31), dando a devida legalidade às situações que estavam ocorrendo largamente na sociedade. Na atualidade, a configuração do casamento é outra, sendo resultado dos ‘novos’ papéis sociais que o homem e a mulher assumem na contemporaneidade.

Um dado interessante percebido durante a coleta de dados diz respeito ao fato que, das 10 (dez) famílias visitadas, em apenas 2 (duas) delas fomos recebidos pelos chefes da casa, pois nas demais o sujeito mantenedor encontrava-se no trabalho. Isto mostra claramente esses novos papéis que vem adotando o homem e a mulher na sociedade moderna.

Não obstante isso, a pesquisa mostra que em 80% dos domicílios o único responsável pelo provimento da casa é o homem, ou seja, é preponderante ainda o modelo de família

centrado na figura masculina. A maioria das famílias entrevistadas projeta no homem a responsabilidade pelo zelo da família, tanto do ponto de vista econômico quanto ético-moral. É um modelo patriarcal bem menos rígido, onde o homem assume proeminência. Na visão de Gueiros (2002, p.107), “a partir da segunda metade do século XIX, o processo de modernização e o movimento feminista provocam outras mudanças e o modelo patriarcal, vigente até então, passa a ser questionado”.

Foi possível também perceber que há famílias nas quais as mulheres têm uma participação ativa dentro e fora do ambiente doméstico. Isso é um reflexo do que Gueiros (2002, p. 107) identifica como emergência da família conjugal contemporânea, “na qual o casamento se dá por escolha dos parceiros, com base no amor romântico, tendo como perspectiva a superação da dicotomia ente amor e sexo e novas formulações para os papéis do homem e da mulher no casamento”. Ou seja, tais avanços se devem à valorização e ao respeito da mulher enquanto portadora de direitos iguais aos dos homens.

Em relação à constituição das famílias moradoras do Cacau Pirêra, parece ser este desenho um conjunto complexo de coexistências com características tradicionais e modernas, isto é, que oscila entre o modelo patriarcal e as novas relações de gênero que assumem contornos científicos no Brasil a partir de 1980 (TORRES, 2005).

No Brasil, o reconhecimento legal de igualdade entre os direitos e deveres de homens e mulheres na sociedade conjugal ainda é algo recente. O primeiro passo se deu na Constituição de 1988 e, em 2002, com o código civil também vieram alguns avanços como, por exemplo, eliminação da preponderância paterna do pátrio-poder e do marido na administração dos bens do casal entre outros. A prática da igualdade de gêneros está longe de ser conquista, embora se reconheça que alguns passos foram dados na construção da cidadania feminina.

Sobre a quantidade de filhos, 50% das famílias ouvidas possuem entre 4 e 6 filhos. Em segundo lugar, com 30%, as famílias que têm entre 2 e 4 filhos e, em terceiro lugar, aquelas que apresentam um quantitativo entre 1 e 2 filhos.

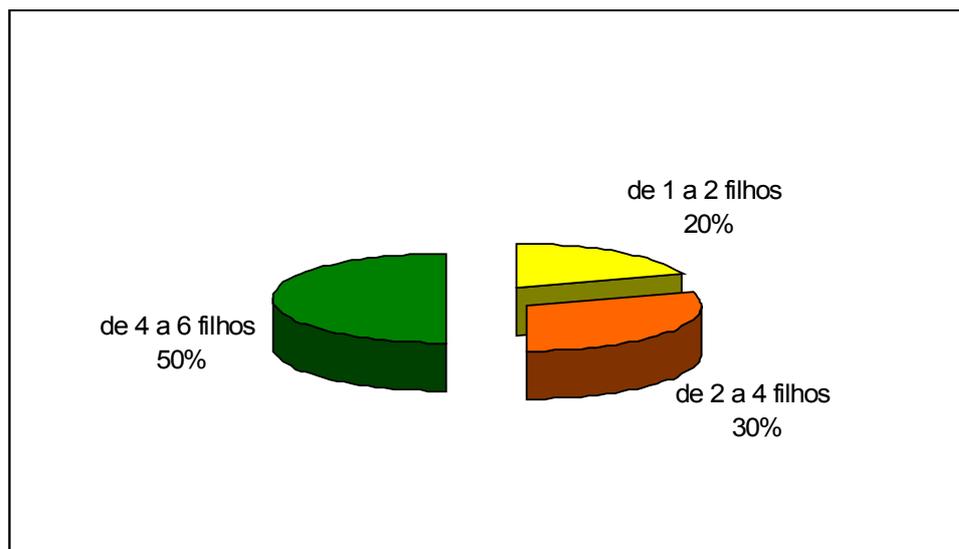


Gráfico10 – Quantidade de filhos por família
 FONTE: Pesquisa de Campo, 2005

A grande quantidade de filhos das famílias moradoras do Cacau Pirêra e a precária condição socioeconômica são fatores que agravam a crise habitacional. Esta crise habitacional é um problema na vida das famílias do entorno do porto do Cacau Pirêra, principalmente quando os filhos crescem e trazem suas famílias para a mesma casa dos pais. No *desencantamento do mundo* Bourdieu (1979) afirma que a crise habitacional também foi uma dificuldade enfrentada pelas famílias extensas argelinas. E que lá a solução encontrada era a coabitação.

Nesta pesquisa constatamos que em 70% dos domicílios há a coabitação, isto é, mais de uma família convivendo juntas na mesma residência. O tamanho das famílias é também um agravante social, uma vez que os flutuantes são habitações improvisadas que fogem dos padrões mínimos de moradia. Os flutuantes são de tamanho reduzido, possuindo não mais que

três compartimentos, composto por sala, cozinha e quarto de dormir. Quase todos os flutuantes têm banheiro externo, alguns de uso comunitário, ou seja, que servem para mais de uma família.

A configuração socioeconômica dos moradores do entorno do porto do Cacau Pirêra revela aspectos que evidenciam a coexistência de elementos tradicionais e modernos, em meio à cultura de fronteira, presentes na vida dos moradores. As formas de trabalho, as organizações familiares entre outros dados, dão provas de que a realidade em Cacau Pirêra está em constante modificação. A cidade introduz novos hábitos, ao mesmo tempo em que são mantidos outros tantos largamente. O tradicional e o moderno fazem parte do mesmo todo na fronteira da vida.

3.2 A imagem da cidade como paradoxo social

Como já afirmamos, a proximidade da cidade de Manaus afeta diretamente a dinâmica da vida dos moradores do Cacau Pirêra. Morar à beira da cidade criou no Cacau Pirêra especificidades dificilmente observadas em povos rurais amazônicos.

A configuração do espaço e da vida no Cacau Pirêra situa-se numa dimensão heterogênea, repleta de múltiplos sentidos e significados, que estão em constante transformação. Para Santos (2004, p.63), “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como quadro único no qual a história se dá” (p.63). Ou seja,

o espaço geográfico é constituído tanto pelo ambiente natural e artificial quanto pelas relações sociais cotidianas.

É no espaço que a vida vai sendo construída, vivida, criada e recriada pelos homens. O espaço é a totalidade em movimento, é a interação entre formas espaciais e conteúdo social, objetos e ações. É isto, conforme Santos (2004), que faz o espaço geográfico tornar-se híbrido, misto.

Como vimos, o estilo de vida dos moradores do Cacau Pirêra é produzido e reproduzido num espaço híbrido, entrelaçado aos elementos tradicionais e modernos. Oliveira (2000a) considera que a produção do espaço em áreas de fronteira constitui-se não só de perdas, mas também de criação e libertação. O espaço é o *locus* privilegiado onde se dão as destruições, as resistências e a reconstrução.

O cotidiano dos moradores do Cacau Pirêra é repleto de contrastes, entre a tradição dos hábitos autóctones e as inovações advindas da modernidade e do âmbito urbano. É a miscelânea do global e do local no mesmo espaço. Oliveira (2000a, p. 77) destaca que,

As transformações ocorridas são parte de um processo social que ao destruir os antigos modos de vida trás implícito as condições de emergência de um novo modo de vida adaptado às novas determinações existentes. Estas não são apenas econômicas. Estendem-se ao social, ao cultural, ao político e são determinações de uma nova estrutura sócio-espacial, implicando em novas formas de reprodução da vida surge como resultado da resistência e da luta que emergem de modo contraditório por meio das novas relações sociais como condição para a produção do espaço.

As formas de trabalho, os costumes, as crendices, a religiosidade, o saber tradicional, enfim, o estilo de vida dos moradores do Cacau Pirêra encontra-se em constante mutação: absorve características citadinas, ao mesmo tempo que preserva algumas características locais. É a domesticação do estilo de vida autóctone pela idéia de urbanidade/modernidade,

pois, conforme Morin (2004, p.29), “as sociedades domesticam os indivíduos por meio de mitos e idéias”.

Segundo este autor, as idéias têm vida e poder e são capazes de levar a humanidade a cometer os atos mais insanos e cruéis, mesmo que sua função precípua seja de orientação. A idéia da modernidade orienta o mundo e domestica diversas sociedades em direção à valorização dos valores ocidentais.

Desde o surgimento do Cacau Pirêra enquanto colônia agrícola, ocorrido em meados do século passado, o estilo de vida dos moradores sofre os impactos da urbanidade. O moderno e o urbano redefinem as formas de pensar, de agir, de falar, de construir as casas, de trabalhar dando outros significados ao espaço e ao tempo.

A cidade de Manaus (figura 42), que pode ser avistada do porto do Cacau Pirêra, ocupa lugar de destaque no imaginário social dos moradores. Imaginário social, empregado aqui nos termos de Le Goff (1994), como algo que vai além da simples representação mental, envolvendo a imagem, o símbolo, o significado e a história. Segundo este autor, o imaginário é coletivo e histórico e revela, com minúcias, os acontecimentos do presente e do passado e as perspectivas para o futuro.



Figura 42 – Imagem da cidade de Manaus vista do porto de Cacau Pirêra
FONTE: Pereira, 2005

O imaginário, enquanto produção para além das representações mentais, envolve a arte, a literatura, a fantasia, o simbólico, o ideológico. Carvalho (1999) considera que a imaginação não é fixa e permite o sonho e o devaneio, ultrapassando a realidade. No Cacau Pirêra, a cidade é símbolo do progresso e do desenvolvimento, é vista como o lugar do sucesso e prosperidade onde muitas pessoas encontram emprego, educação, saúde e habitação. A cidade suscita um conjunto de expectativas aos moradores desta localidade.

Para muitos moradores, principalmente para os mais jovens e aqueles que têm menos tempo de residência no local, o fato de morarem próximo à capital do Estado do Amazonas e poderem se deslocar para a cidade sem grandes dificuldades é umas das principais vantagens de se viver no Cacau Pirêra. A cidade se coloca como referencial de vida para estas pessoas.

Na fala de alguns moradores, Manaus é descrita como extensão territorial do Distrito Cacau Pirêra, sendo mais constantes as idas à cidade do que à sede do município de Iranduba. Observe no discurso de um dos moradores que a referência de cidade é feita a Manaus e não ao Iranduba: “eu me sinto mais perto de Manaus é só pegar a balsa que você já está *aqui em Manaus*. No Iranduba, você pega o ônibus e está lá também, mas eu acho melhor vir para Manaus, eu acho mais próximo” (Diário de campo, 2005).

A proximidade da capital produz no imaginário social de alguns moradores esse sentimento de pertencimento ao meio urbano, o que afeta não só as ações cotidianas como também tudo aquilo que compõe o estilo de vida. Lefebvre (2001, p.69) diz que “a vida urbana penetra na vida camponesa despojando-a de elementos tradicionais”. Isto é, a urbanidade incide forças violentas sobre a tradição.

Na visão de parte dos moradores do Cacau Pirêra, a cidade constitui-se no espaço mais facilitado para ter acesso aos bens e serviços públicos e privados. É na cidade que a vida se realiza plenamente. A imagem da cidade repousa sobre o belo, onde impera a felicidade e a realização. É o que revela um dos sujeitos da pesquisa: “a vida na cidade é melhor por causa da beleza e da facilidade de se conseguir ter as coisas” (Diário de campo, 2005). Nessa mesma linha de pensamento, outro morador considera que “a vida na cidade é melhor do que no interior, pois tem hospital e água encanada. Na cidade é também mais fácil fazer compras porque é mais barato”.(Diário de campo, 2005)

A imagem da cidade na fala dos moradores assemelha-se a uma das cidades imaginárias maravilhosas descritas por *Marco Pólo*, nas viagens diplomáticas feitas a mando do imperador *Kublai Kan*. A obra *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, descreve uma variedade de cidades distintas, umas perfeitas, outras nem tanto. A realidade de cada cidade é repleta de mistérios e descobertas que podem se revelar ou não para os sujeitos de fora, ou melhor, para os estrangeiros que visitam cada uma das cidades.

Daí podemos rematar que a imagem que se faz de um lugar nem sempre corresponde à realidade existente nele, muitas vezes essa realidade depende de quem a vê: “a cidade de quem passa sem entrar é uma; outra para quem é aprisionado e não sai mais dali” (CALVINO, 1990, p.115). A percepção que os moradores têm da cidade está ligada às facilidades do comércio e à infra-estrutura, ou seja, aquilo que não há no Distrito Cacau Pirêra. O imaginário acerca da cidade faz alusões a uma espécie de cidade perfeita, tal como *Marco Polo* contava ao seu rei. O imaginário é permeado pelo real e pelo irreal, podendo conter ilusões e fantasias.

Note-se que a vida no espaço fronteiro também é orientada pelos padrões da urbanidade; o moderno representa o novo ao passo que o tradicional é visto como símbolo do atraso. O estilo de vida autóctone vem tornando-se sinônimo de atraso cultural. As tradições soam como algo ultrapassado, provinciano, que “puxa” para trás. É por esse motivo que

devemos ter cautela no emprego do termo tradicional, para não ser compreendido como sinônimo de atrasado.

Para Lefebvre (1991), o cotidiano moderno sai do plano espontâneo para o semi-planejado, sob forte influência do modo como é organizada a economia capitalista e a sociedade de consumo no contexto urbano. As mudanças ocorridas no Cacau Pirêra se dão em diversas dimensões, um morador antigo lembra com saudades dos tempos passados: “os vizinhos se davam bem, viviam em harmonia. Naquela época era outro modo de viver. Às vezes tinha festa, tinha um barracão que a gente fazia festa uma vez por mês. Vinha a orquestra de Manaus e fazia a festa aí. Ah, tinha também um time de futebol” (ANTONINO MIGUEL, entrevista/2005).

A fala do entrevistado deixa a impressão de que a vida caminhava em outra direção, as relações de amizade e de solidariedade eram mais fortes e a confraternização dessas pessoas era freqüente e menos impessoal do que nos tempos atuais. O cotidiano era mais compartilhado entre os moradores do Cacau Pirêra. Havia mais proximidade entre eles.

A modernidade atua modificando os costumes do passado. Os meios de comunicação são alguns dos canais que a modernidade utiliza para fixar os padrões que devem ser usados, consumidos e adotados pela população. Em todas as casas visitadas no Cacau Pirêra, por exemplo, há algum veículo de comunicação: rádio, televisão ou telefone, sendo isto uma forma de favorecer a domesticação da tradição pela modernidade. Morin (2003) sustenta que o capitalismo é fortalecido por uma fabulosa expansão da informática e da informação que invade todos os setores da vida humana.

Outro fenômeno que contribui bastante para as mudanças socioculturais no distrito é o constante fluxo de pessoas que vêm e que vão diariamente da cidade para a localidade e vice-versa, como evidenciamos no início deste trabalho.

Manaus, símbolo de urbano e de moderno, não desperta só aspirações positivas na população que reside no Cacau Pirêra, parece constituir-se também numa teia confusa, composta de sentimentos diversos: medo, ansiedade, desejo etc. É o que observamos na fala de um dos sujeitos ouvidos: “eu acho a vida na cidade muito perigosa. A cidade é boa por um lado e por outro não. Lá eu estou no meio de estranhos. Aqui os meus vizinhos todos me acompanham” (Diário de campo, 2005). Fica claro nesta fala que o morador, mesmo reconhecendo as potencialidades da cidade de Manaus, prefere residir no distrito em razão de sua ligação afetiva com o local e dos laços de solidariedade com os vizinhos e amigos.

Os moradores do Cacau Pirêra apreciam a cidade de Manaus tendo em mente sua arquitetura moderna constituída por prédios históricos, shoppings centers, equipamentos sociais, acesso aos serviços, mas percebem também o lado ruim da vida na cidade: “Manaus é bonita de longe, mas a gente não pode viver direito. É muito perigoso. O meu esposo teve que parar de estudar porque foi agredido três vezes e, foi por isso, que nós viemos para cá” (Diário de campo, 2005).

Para a grande maioria dos moradores ouvidos, a cidade é o local ideal para se viver, pois nela estão os equipamentos de saúde, educação, comércio, habitação e transporte de qualidade superior aos que existem no Cacau Pirêra. No entanto, uma parte bastante significativa da amostra reconhece que na cidade de Manaus não há mais a tranquilidade que ainda existe no Cacau Pirêra. Quando questionados se gostariam de mudar para a cidade, somente 10% dos entrevistados responderam positivamente, o percentual de 90% prefere continuar vivendo no distrito (gráfico 11).

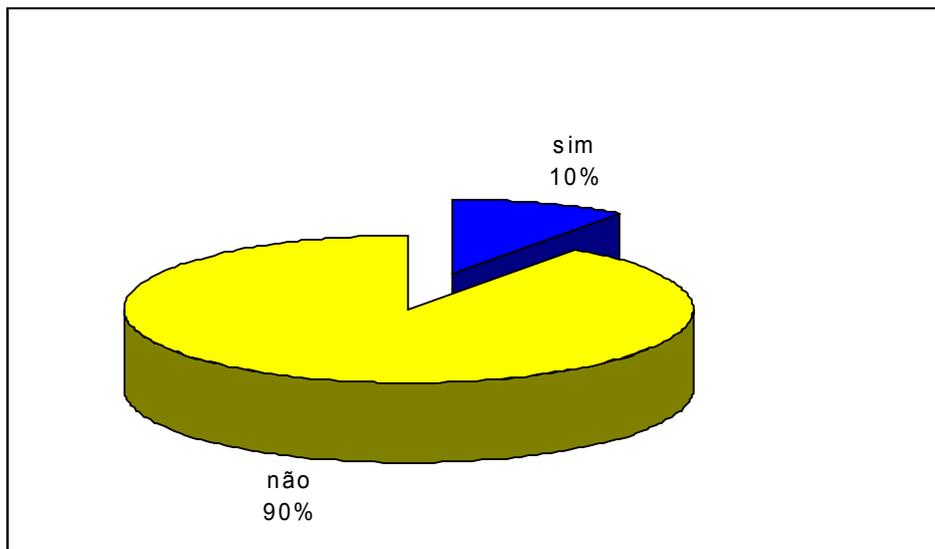


Gráfico 11 – Vontade de mudar para a cidade de Manaus
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

O discurso de um morador revela o apego que possui pelo lugar onde vive e a falta de vontade de mudar-se dali, principalmente para a cidade, tida como espaço onde a criminalidade e a violência se dão abertamente:

Manaus? Deus me livre. Lá tem bandido e tudo que não presta. De primeiro era bom porque não existia o que existe hoje. Lugar bom para gente morar é o interior. Para mim Manaus é o lugar que a gente não pode andar sossegado, lá a gente anda assustado com medo de ladrão e a gente só anda correndo. Não tem condições até para dormir a gente dorme assustado. Aqui não eu posso dormir é de janela aberta e graças a Deus não acontece nada (NÓE LIMA, entrevista/2005).

Durante a pesquisa de campo ficou explícita a visão conflituosa que os moradores do Cacau Pirêra têm em relação à cidade de Manaus. É possível observar este dado na fala de vários moradores como vimos até aqui.

Além da criminalidade, há também no argumento de um dos moradores a preocupação com a questão do emprego e da obtenção de renda em dinheiro no âmbito urbano. O morador

afirma que, “além da agitação e da violência, a cidade também é ruim pela falta de oportunidade, tudo que você precisa para sobreviver depende do dinheiro. Aqui não, a gente pesca, faz um bico e vive” (Diário de campo, 2005).

Confirma-se aqui a idéia de Bourdieu (1979, p. 54) sobre um dos principais aspectos da transição da economia tradicional para a economia do mundo moderno, que é o aparecimento da necessidade absoluta e universal de uma renda em dinheiro como condição *sine qua non* para a vida. É por isso que o trabalho ocupa posição central no mundo moderno, relegando ao segundo plano as outras realizações da vida.

Da amostra selecionada, 70% responderam que a vida na cidade é ruim devido à violência, à agitação e à falta de oportunidades de emprego e renda e apenas 30% afirmaram que a vida na cidade é boa (gráfico 12).

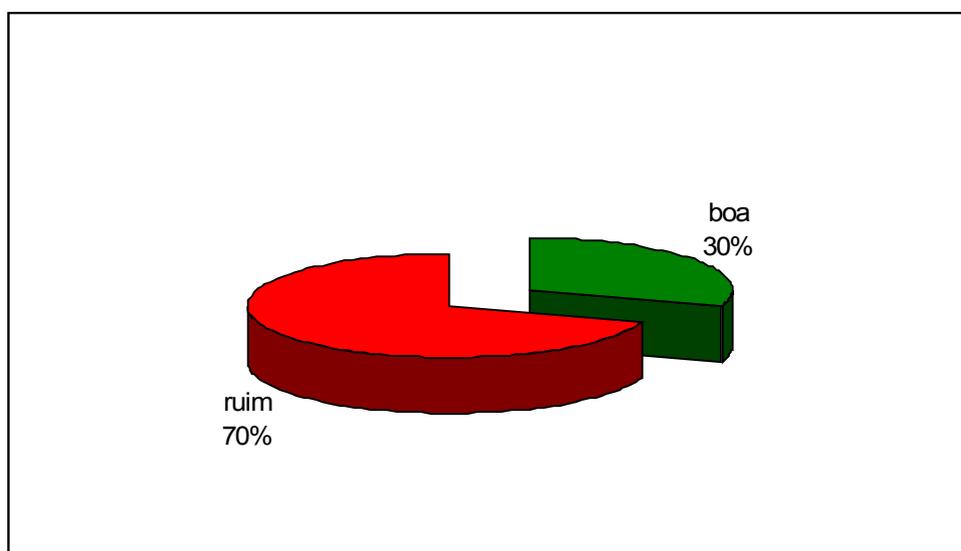


Gráfico 12 – O que acham da vida na cidade
Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

Para estes 70%, mesmo com todas as dificuldades, a vida no Cacau Pirêra é melhor do que a vida na cidade. Este mesmo grupo, apesar de tudo, não abre mão das visitas regulares à

capital do Estado do Amazonas: 50% dos sujeitos disseram que o objetivo dessas visitas é fazer compras, 20% informaram que vão à cidade para trabalhar, 20% vão visitar parentes e 10% buscam assistência médica (gráfico 13). Ressalte-se que 100% da amostra viaja freqüentemente para a capital.

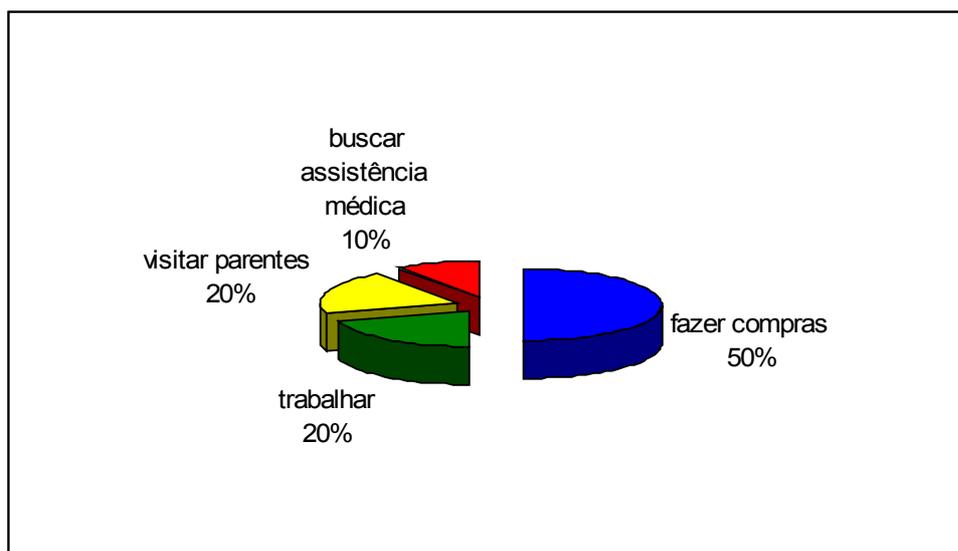


Gráfico 13 – Motivos de deslocamento para Manaus
Fonte: Pesquisa de Campo, 2005

O comércio é o maior atrativo da cidade de Manaus. Os moradores do Cacau Pirêra buscam na cidade aquilo que lhes falta no seu local de moradia. A variedade de lojas, de mercadorias e as facilidades de compra e pagamento atraem uma boa quantidade de pessoas que vêm à capital regularmente para fazer compras. Este fato reforça a idéia defendida por Carlos (1997) de que as mercadorias permeiam todas as relações sociais na modernidade e fazem desta o seu reino.

Para Carlos (1997), a vida nas cidades e, principalmente nas grandes metrópoles, é marcada pela supremacia do objeto sobre as relações humanas. Para essa autora, a cidade moderna não deixa de ser uma grande vitrina de mercadorias, aonde as pessoas vêm e vão

sem deixar rastros de amizade e solidariedade. Neste meio, o homem tem seu potencial criativo reduzido drasticamente e passa a ser visto como consumidor de mercadorias, as quais cada vez mais têm um tempo de uso menor. É para esta situação que a autora emprega o termo “nova urbanidade”.

Para a autora, as mercadorias ou objetos intermedeiam as relações entre as pessoas e reforçam ainda mais o individualismo. A tecnologia e a informação acabam por criar um abismo entre as pessoas, comprometendo cada vez mais as relações humanas. O emudecer das pessoas diante da televisão é o maior exemplo disso. E a maior contradição está justamente no fato de que a tecnologia deveria aproximar as pessoas e não afastá-las.

O reino dos objetos cria necessidades a todo instante e reforça cada vez uma sociedade de consumo. O mundo moderno é movido pelas mercadorias. É o mundo do ter e não do ser, onde “o poder social é mais do que nunca mediado pelo poder sobre as coisas que são dotadas de prestígio e poder, o que produz uma hierarquia de objetos paralelamente ou imbricada à hierarquia social” (Carlos, 1997, p.208). Ou seja, o poder sobre os objetos determina as relações sociais.

Segundo Carlos (1997), a cidade é o local dos conflitos. É o palco da vida moderna, lugar que encanta e que deslumbra, mas ao mesmo tempo desencanta e frustra. A contradição se dá em diversos níveis, seja na economia, na política, na sociedade ou na cultura.

Na fala dos sujeitos da pesquisa, a cidade é revelada sob a ótica da contradição, pois ao mesmo tempo em que é idealizada como o local para viver com conforto e praticidade, também são apontados os aspectos negativos da violência e do risco de vida presentes no meio urbano. A cidade comporta um emaranhado de relações complexas, podendo se concluir que a cidade constitui-se no espaço por excelência dos conflitos, crises e superações.

De acordo com Oliveira (2000a), a cidade não é apenas aquilo que se mostra nas aparências, é o espaço do vivido, que contém vida e história construídas no cotidiano, a partir

de uma dimensão de espaço e tempo. É no cotidiano que os homens constroem os espaços urbanos e estruturam a vida. A vida é a história em movimento, movimento de ir e vir, de imitar e de criar, de resistir e de ceder, enfim, de encantar e de desencantar.

Os encantos da vida no Cacau Pirêra podem passar despercebidos, principalmente para os que são de fora, mas para os moradores locais o sentido de viver no distrito está na simplicidade da vida, na amizade com os vizinhos, na modéstia e na tranqüilidade que ainda há. Tudo isso pode parecer irrelevante para os que já foram domesticados pela lógica da modernidade, mas ainda tem muito valor para os demais, ou mesmo para aqueles que estão na fronteira do tradicional e do moderno, como é o caso dos habitantes do Cacau Pirêra.

Rubens Pimentel, um dos moradores mais antigos do distrito, que chegou na década de 1950, ainda nos tempos de colônia agrícola federal, afirma que o Cacau Pirêra é o melhor lugar do mundo para se viver e que não trocaria a localidade nem mesmo pela sua terra natal. Nascido no Espírito Santo, Rubens diz que não possui nenhuma intenção de retornar para sua terra e declara seu amor pelo Cacau Pirêra: “o Estado do Amazonas é a terra mais querida do mundo, mas o melhor lugar daqui chama-se Cacau Pirêra. O Amazonas é lindo e o Cacau Pirêra completou a minha existência” (entrevista/2005).

A vinculação com o lugar é decorrente de muitos anos de experiências de vida no espaço amazônico, estabelecendo relações com o trabalho na terra, na água e na floresta. A vida dura nas áreas rurais da Amazônia exige muita determinação para sobreviver a cada dia. Rubens primeiro trabalhou como funcionário do INCRA e depois, como agricultor, radicou-se no Cacau Pirêra desde muito jovem, formando sua família e criando seus filhos neste lugar. Hoje, nos altos dos 61 anos, fala dos filhos e de sua história com orgulho de um guerreiro: “eu cheguei aqui solteiro com menos de 20 anos. Aqui tudo para mim foi bom. Aqui eu arrumei esposa e filhos. Todos eles vivem trabalhando comigo, todos os meus filhos têm o segundo grau, mas acharam que deviam continuar puxando enxada comigo”.

Rubens Pimentel é um exemplo de vida, história e memória do Distrito Cacau Pirêra. Apaixonado pelo local onde vive, Rubens expõe as impressões negativas que tem da cidade, deixando claro que não se sente bem quando precisa se deslocar até Manaus:

Já tem dois anos que eu não vou a Manaus. Eu não gosto de movimento, de barulho. Eu acordo e durmo cedo. Eu não tenho nada para fazer em Manaus, se eu for lá eu perco meu dia. Eu não agüento aquele barulho, aquele mormaço, aquela fedentina de diesel (RUBENS PIMENTEL, entrevista/2005).

A imagem que o informante faz da cidade salienta apenas os aspectos ruins da capital, o que se deve ao nível de afeto que nutre pelo local onde vive. A vida simples do interior amazônico é sinônimo de realização para os povos tradicionais. A energia que dá vigor à vida vem da relação com a terra, com a água e com a floresta. Nessa inter-relação entre *homem-terra-água-floresta* a vida é vivida, produzida e reproduzida com sentido e encantamento.

O encanto pela vida concentra-se na plenitude em que se vive. A vida é vivida intensamente com sabedoria e imenso respeito à natureza. O homem amazônico traz, de experiências secularmente aprendidas, o desapego à matéria e a tudo mais que dilacera sua integridade e desvirtua seu encanto pela vida.

Nas comunidades tradicionais o bem-estar coletivo se sobrepõe ao individual dando provas que ao invés de atraso cultural, vive-se em “avanço cultural” em relação à sociedade capitalista. A essência da vida é eivada por idéias de apontam para o bem-estar da coletividade.

3.3 O desejo de mudança no Cacau Pirêra: cotidiano, sonhos e utopias dos moradores

A vida na Amazônia tem particularidades que jamais podem ser compreendidas apenas sob a lógica moderna de pensamento. As variedades étnicas, culturais e a biodiversidade fazem da Amazônia um lugar único que atrai interesses internos e externos. A vida no Cacau Pirêra é uma pequena amostra dessa imensa realidade amazônica.

Povo guerreiro que não desanima diante das dificuldades encontradas nos caminhos, os moradores do Cacau Pirêra se distinguem por uma esperança desmedida de dias melhores, mesmo quando o cotidiano parece duro e perverso. Os sonhos e as utopias dos moradores alimentam um futuro repleto de coisas boas para a vida individual e coletiva e para o distrito enquanto espaço geográfico, político e econômico.

Para compreendermos o significado e a importância do sonho e da utopia na vida dos moradores do Cacau Pirêra, recorreremos a Cioran (1994), que considera a utopia como uma espécie de sonho que divaga entre a ingenuidade e a loucura, e que se caracteriza pela imaginação da felicidade plena. A utopia nutre a alma de esperanças pela vida. É o alimento da vida. “A vida sem utopia se torna irrespirável, para a multidão pelo menos, sob pena de petrificar-se. O mundo necessita de um delírio novo” (CIORAN, 1994, p.22).

É a partir das relações humanas construídas no espaço e no tempo que a vida assume significado. Tempo e espaço são categorias importantes para a compreensão do cotidiano porque delimitam as condições sociais, econômicas, políticas e culturais do mesmo. O

cotidiano não é só o lugar da rotina e do repetitivo; é também o lugar do novo. É o local privilegiado para colocar em prática os sonhos e as utopias.

O cotidiano, em Lefebvre (1991, p.31), é a seqüência de vida prática que envolve os acontecimentos reais, “o cotidiano é o humilde e o sólido, aquilo que vai por si mesmo, aquilo cujas partes e fragmentos se encadeiam num emprego de tempo”.

No cotidiano a vida se realiza em suas múltiplas dimensões. As lutas, as resistências e as inovações se movimentam nesse espaço, dando sentido e expressão à vida. Segundo Lefebvre (1991), o cotidiano abarca a sobrevivência e a não-sobrevivência, ou seja, a vida e a morte, a dor e a alegria, a esperança e o desespero. É um espaço plural e de muitas contradições.

O cotidiano é composto pelos fragmentos da vida vivida que juntos formam a história. Tempo, espaço e homens são responsáveis pela dinâmica da vida em qualquer lugar do mundo. E a vida só é construída nesta dinâmica dos acontecimentos cotidianos. Heller (2004), trava uma discussão acerca da estrutura da vida cotidiana, apontando que a vida cotidiana é o centro da história e que a inserção do homem nela independe de sua posição social, econômica, política ou ideológica. Todos os homens estão sujeitos à vida cotidiana e se imiscuem nela ativamente com toda a energia da vida desde o momento em que nascem. É na vida cotidiana que o homem aprende a conviver com suas particularidades e com a generalidade do mundo.

O cotidiano contém os processos que dão origem à configuração do espaço, seja ele urbano ou não. Oliveira (2003) considera que o cotidiano está no vivido delimitado no espaço e no tempo histórico. E nesse cotidiano está a possibilidade de transformação da realidade, ou seja, de realização dos sonhos e utopias.

O cotidiano é vida em movimento e essa movimentação é densa de transformações. Segundo um dos entrevistados,

O cotidiano da gente era diferente desse de hoje, primeiro porque não tinha condição de transporte e a gente vivia isolado. Aqui era só mato, cada um vivia no seu canto. Só nos falávamos dia de sábado, que era o dia de fazer rancho. Nós iam no caminhão do INCRA, que vinha do porto nos pegar aqui na estrada. Era uma confusão. Todo mundo pisava por cima das compras da gente, era aquela coisa. Hoje está uma maravilha, está o céu em vista do que era. Não tinha nada, era varadouro (NÓE LIMA, entrevista/2005).

A sociedade se metamorfoseia e com ela o cotidiano simultaneamente. Lefebvre (1991) destaca que o cotidiano não é cumulativo, mas sempre resguarda algo do passado ou mesmo as conseqüências deste.

É consenso na opinião dos moradores que o cotidiano se modificou bastante ao longo dos anos, mas é possível verificar resquícios de hábitos e costumes dos tempos passados presentes ainda hoje na vida dos moradores de Cacau Pirêra. No caso do Sr. Noé Lima, a forma como atua na prática da agricultura é uma maneira de manter laços com o passado. Mesmo utilizando adubos, agrotóxicos e outras técnicas modernas de cultivo, o cotidiano do informante é permeado por contribuições de épocas passadas. O conhecimento do solo, das espécies mais cultiváveis e do clima mais apropriado para a plantação são alguns dos saberes tradicionais tão presentes nos tempos atuais na vida dos povos tradicionais amazônicos.

Há no cotidiano e na configuração do espaço inúmeras evidências da tensão entre o tradicional e o moderno. Observe, na figura 43, que o casarão em alvenaria foi construído sobre palafitas de concreto armado. Este é apenas um dos inúmeros indicativos de que os estilos de vida dos moradores do Cacau Pirêra estão sendo amplamente influenciados pelos costumes e padrões urbanos.



Figura 43 – Casa construída em alvenaria sobre Palafitas

FONTE: Pereira, 2005

Em relação aos meios de transporte é comum o uso de canoas para realizar o deslocamento, mesmo tendo transporte coletivo que realiza o mesmo percurso. Um exemplo claro dessa situação pode ser constatado na vazante e na seca, quando as balsas ancoram na Ponta do Brito. Nestes períodos, a população local prefere a utilização de canoas (figura 44) e de voadeiras para se deslocarem até o porto, em virtude do transporte coletivo ser mais oneroso.



Figura 44 – Família fazendo a travessia de canoa

Fonte: Pereira, 2005

A continuidade do uso das canoas para locomoção é um sinal de resistência e preservação dos hábitos tradicionais amazônicos. A domesticação dos estilos de vida tradicionais no Cacau Pirêra não se dá por completo, pois as tradições são fortes e insistem em aparecer onde e quando se menos espera.

Apesar desse apego às tradições, a maior parte dos moradores com os quais tivemos contato durante a pesquisa de campo nos falam que gostariam de ver o Cacau Pirêra mais urbanizado e mais moderno. Uma das moradoras entrevistadas reconhece que as mudanças ocorridas foram intensas, mas que elas precisam continuar ocorrendo para o bem do distrito: “muita coisa ainda precisa mudar, precisamos refazer o Cacau. Precisa vir o asfalto, a água de qualidade, um porto fixo e possivelmente a ponte que ligue a gente a Manaus” (MARIA MADALENA, entrevista/2005).

A vontade de mudança está relacionada à superação das dificuldades pelas quais passa a população do distrito. As ruas improvisadas e precárias, a falta d'água constante e a mobilidade obrigatória do porto durante a vazante e a seca são apenas alguns dos problemas enfrentados coletivamente pelos moradores.

Há mudança na mentalidade dos moradores, que ao se depararem com situações tipicamente urbanas, percebem-se como cidadãos com direito não só à cidade, mas à cidadania no sentido lato.

A politização é um processo lento, que se dá articulado às condições de vida e de organização da população. A tomada de consciência e a resistência não ocorrem por acaso, são determinadas pela realidade socioeconômica, política e cultural das pessoas. Como bem afirma Oliveira (2000a, p.31) “a resistência não é uma dádiva, pressupõe de um lado que as pessoas tenham condições de sobrevivência, e de outro, que se contraponham ao que lhe é imposto sem perder a capacidade de indignação e de revolta”.

A indignação e o descontentamento são elementos presentes na fala dos habitantes do Cacau Pirêra: “eu acho que os governantes, os vereadores e os prefeitos, deveriam olhar mais para o Cacau porque nós somos meio esquecidos por eles. Eles ficam lá para o Iranduba e esquecem da gente aqui” (MARIA ESPERANÇA, entrevista/2005).

Há entre a maioria dos habitantes uma insatisfação pelo fato do Cacau Pirêra ainda estar ligado ao município de Iranduba. A população se queixa da falta de atenção ao distrito e, alguns, ainda, acreditam que se distrito passasse a ser um município, isto daria melhores condições de vida aos seus moradores. Uma moradora aponta para esses horizontes: “esperamos e temos fé em Deus que um dia nós passaremos a município, porque hoje nós já temos como engatinhar como município. Além do Cacau Pirêra ser perto de Manaus, nós temos tudo” (MARIA MADALENA, entrevista/2005).

O sonho de tornar o Cacau Pirêra um município já existe individualmente em muitos moradores. O que ainda não há é a consciência coletiva caminhando nesse sentido. Talvez daqui a algum tempo isso se torne realidade porque o sonho e a utopia são os alimentos da vida como afirmamos anteriormente. O sonho de hoje pode tornar o amanhã diferente.

Nas fronteiras da vida, os homens amazônicos sonham um futuro melhor sem tantas adversidades. No Cacau Pirêra, esse sonho está atrelado a melhores condições de vida e de trabalho, longe da violência, da marginalidade e da miséria. O futuro ideal para os moradores dessa fronteira amazônica é uma mistura entre as vantagens advindas com a modernidade e a manutenção de hábitos tradicionais, que fazem da vida um espetáculo de realizações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Todo conhecimento comporta o risco do erro e da
ilusão*

(Edgar Morin)

Finalizar é sempre algo difícil, principalmente porque a dinâmica social é incessante e todo o conhecimento sobre ela é apenas um fragmento da realidade, sujeito a erros e desacertos. Os estudos sobre a Amazônia são sempre desafiadores, uma vez que, descrita sob o olhar do estrangeiro, certas versões da Amazônia são marcadas pelo etnocentrismo, dando vazão a uma série de histórias fantásticas. Hoje, podemos perceber claramente algumas das invenções criadas em torno da Amazônia e os efeitos que elas produziram.

A Amazônia é constituída por um emaranhado de grupos étnicos, saberes múltiplos e uma infinidade de riquezas naturais. Compreender essa complexidade e dinamicidade é tarefa incessante para nós que nos aproximamos deste tema recentemente e que pretendemos dar continuidade numa pesquisa avançada.

A história oficial dificilmente reproduz com fidedignidade os acontecimentos ocorridos durante o processo de colonização. O europeu geralmente é apresentado como herói, alguém que veio salvar as culturas indígenas do ócio e da preguiça, fazendo o nativo crescer economicamente e culturalmente. O atraso e a inferioridade das culturas foram durante muito tempo divulgados como verdade, chegando até mesmo à formulação de estudos científicos para provar esta condição de subalternidade.

Desde a chegada dos europeus ao Novo Mundo, circunda por estas terras uma onda de ocidentalização, que se metamorfoseia na atualidade sob a égide do moderno e do urbano. O

encontro de culturas diferenciadas não ocorreu passivamente, foi cruel e sangrento, sobretudo em relação aos ameríndios. Os indígenas resistiram com bravura, mas a luta nem sempre contou com igualdade de forças e de armas. Os arcos e as flechas não puderam fazer frente às armas mais avançadas.

Formou-se na Amazônia um mosaico de culturas, que conjuga aspectos tanto das culturas indígenas como das culturas européias, que participaram do processo colonial. Não obstante isto, é inegável a prevalência dos hábitos e costumes indígenas no estilo de vida dos povos tradicionais da Amazônia.

A adaptabilidade e o respeito do homem amazônico ao meio natural é a característica mais marcante das culturas indígenas. A vida nos interiores da Amazônia é regulada pelos ciclos dos rios. Conhecedor da terra, da água e da floresta, o caboclo produz e reproduz sua existência a partir da interação que possui com estes elementos.

Os conhecimentos tradicionais são os canais que possibilitam a perpetuação das etnias nesse imenso vale. A religiosidade, a construção das habitações, a conservação dos alimentos, o artesanato, a fabricação dos utensílios domésticos, das canoas e dos instrumentos de pesca são saberes transmitidos de geração a geração no cotidiano desses povos.

O foco de análise desta pesquisa centrou-se nas transformações socioculturais que estão ocorrendo no Distrito Cacau Pirêra/Iranduba. O marco dessas transformações pode ser atribuído à implantação da Zona Franca de Manaus e ao desenvolvimento da capital do Estado do Amazonas, fatores que atraíram a população tanto para a capital quanto para as áreas mais próximas.

Esta pesquisa revela que, nos últimos anos, o Cacau Pirêra passou por significativas transformações. O distrito não só cresceu no quantitativo populacional como também em área ocupada e construída. O estilo de vida dos moradores do Cacau Pirêra está se modificando amplamente. A maneira de perceber o mundo e de viver a vida neste local vem sendo objeto

de modificações expressivas. De um modo muito claro, as mudanças vêm se processando nas diversas esferas da vida, especialmente sobre as formas de trabalho.

É fato constatado que os povos tradicionais do Cacau Pirêra desenvolvem atividades de trabalho modernas e praticam cada vez menos atividades tradicionais. A agricultura, o extrativismo vegetal e animal e a criação de animais são deixados para segundo plano, sendo praticados apenas em situações extremas, ou seja, na falta de trabalho assalariado. As estratégias tradicionais de subsistência são encaradas como atraso cultural diante das profissões surgidas com a modernidade.

É quase unanimidade entre os moradores o desejo de ter um emprego assalariado e contar com as garantias trabalhistas previstas em lei. No entanto, a nossa pesquisa mostra que a inserção desses trabalhadores no mercado de trabalho se dá majoritariamente de modo marginal, pois a grande maioria está inserida no mercado informal.

As transformações extrapolam o âmbito do trabalho atingindo, fundamentalmente, o estilo de vida. As formas de pensar, de falar, de vestir, de consumir, de construir as casas, de educar os filhos, de cuidar da saúde, enfim, de viver são fortemente atingidas.

No que se refere às culturas locais, a pesquisa revela que os povos tradicionais do Cacau Pirêra preservam alguns aspectos do estilo de vida dos seus ancestrais. Várias famílias têm criação de animais nos quintais das casas, cultivam hortaliças e plantas medicinais em canteiros suspensos, fazem a farinha para a alimentação, utilizam canoas para a locomoção, crêem em seres sobrenaturais e em bichos visagentos. Isto é, mantêm vivo os hábitos tradicionais.

O modo de vida moderno também está presente de forma naturalizada nesta sociedade tradicional e isto não representa nenhuma negatividade, são transmutações de valores próprias do movimento da história. Vestir as roupas da moda, usar telefone celular, assistir ao jornal

nacional, às novelas e ao futebol na televisão constituem rotinas dos moradores do Cacau Pirêra.

A vida é tomada por uma cadência mais acelerada, que leva as pessoas da casa para o trabalho e do trabalho para a casa sem deixar muito tempo livre para se dedicarem às suas famílias. Desvanece, também, os hábitos de se banhar nos igarapés, de conversar à noitinha com os vizinhos nas portas das casas e de confraternizar-se com o outro.

A vida pacata do interior é atingida por problemas sociais próprios dos centros urbanos como a violência, a prostituição, a marginalidade, a criminalidade, dentre outros. O sossego dos moradores é comprometido pela ação dos grupos de “galera” compostos por jovens adolescentes, somados às festas realizadas pelos clubes noturnos que utilizam som em alto volume e comercializam bebidas alcoólicas até altas horas da madrugada, expondo a população a certos riscos que inexistiam até pouco tempo atrás.

A configuração do espaço foi outro aspecto que se modificou. O Distrito Cacau Pirêra vem passando por processos de implantação de infra-estrutura acelerado. Ruas asfaltadas, poços artesianos, escolas, centros de saúde, quadra esportiva, correios, são alguns dos equipamentos sociais recebidos nos últimos tempos.

O processo de transformação que está ocorrendo no Cacau Pirêra, sem sombra de dúvidas, deve se assemelhar ao que vem ocorrendo em várias fronteiras amazônicas. O global entrelaçado ao local se coloca com força de impacto gigantesca sobre as vidas dos povos tradicionais. A fronteira, tida como zona intermediária, acolhe os contrários numa luta velada, onde persiste o híbrido.

Toda mudança causa impactos positivos e negativos. Não queremos aqui censurar as mudanças ocorridas no distrito ou fazer apologia ao tradicionalismo. A pesquisa buscou apontar algumas das conseqüências socioculturais que atingem a sociedade local, esperando

contribuir na fundamentação de possíveis políticas públicas que garantam os direitos deste povo.

Durante os dois anos de pesquisa, período em que estivemos efetivamente presentes no Cacau Pirêra, pudemos perceber que a transição para o mundo moderno/urbano é uma realidade irreversível. Nessa transição, homens e mulheres apostam num futuro melhor para si e para os seus filhos. A esperança de dias melhores é o que alimenta as almas e os corações dessa gente, que luta incansavelmente pela sobrevivência.

É da esperança que vem a energia que supera as dificuldades encontradas na vida. Após conhecermos a condição de desigualdade em que vivem os povos tradicionais do Amazonas, ficamos convictos de que a esperança nunca acaba. Ao presenciarmos situações de pobreza absoluta, víamos também, um sorriso no rosto e um brilho no olhar de quem já poderia ter perdido as esperanças.

Por fim, deve-se reconhecer que se aventurar no estudo da fronteira não constitui tarefa fácil. Exigiu-me muita leitura para compreender o tema amazônico assaz distante dos estudos que realizei na academia até então. Não foram tempos desperdiçados, aprendi muito, e esse aprendizado me fez crescer como pesquisadora. Cresci também como pessoa, aprendendo com os sujeitos da pesquisa a conhecer a Amazônia como ela é e não como dizem ser.

REFERÊNCIAS

AGASSIZ, Luiz; AGASSIZ, Elizabeth Cary. Viagem ao Brasil: 1865-1866. Traduzido por João Etienne Filho. Apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

ALBUQUERQUE, Bernardino Cláudio de; CÓVAS, Jaime de Araújo. O sistema de Saúde no Estado do Amazonas. In: Espaço e doenças: um olhar sobre o Amazonas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; SHIRAIISHI NETO, Joaquim; MARTINS, Cynthia Carvalho. Guerra ecológica nos babaçuais: o processo de devastação das palmeiras, a elevação do preço de *commodities* e aquecimento do mercado de terras na Amazônia. São Luís: Lithograf, 2005.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras de quilombo, terras indígenas, ‘babaçus livres’ ‘castanhais do povo’, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSCA-UFAM, 2006.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Complexidade, do casulo à borboleta. In: Ensaios de Complexidade. 3ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti; MOARES, Suely, Oliveira. Guia de normalização de teses e dissertações. Manaus:UFAM, 2005.

BELTRÃO, Otto; BELTRÃO, FRANCISCO. Enciclopédia da Amazônia brasileira. Amazonas: realidade do Amazonas. Vol.1. s/l., s/d.

BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: formação social e cultural. Manaus: Editora Valer/ Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. (coleção os grandes cientistas sociais).

_____. O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. Traduzido por Diogo Mainardi. São Paulo: companhia das letras, 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A construção de uma nova urbanidade. In: A cidade e o Urbano: temas para debates. Fortaleza: EUFC, 1997.

CARVALHO, Edgard de Assis. Estrangeiras Imagens. In: Ensaio de Complexidade. 3ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

CARVALHO, Edgard de Assis. A complexidade do Imaginário. Leituras da Amazônia: revista internacional de arte e cultura / publicação do Instituto de Ciências Humanas e Letras: Mestrado de Letras e Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas e Universidade Stendhal-Grenoble 3 – CRELIT. Ano 1, nº1 (abril, 1988 / fevereiro, 1999). Manaus: Editora Valer, 1999.

CHAVES, Maria do Céu Câmara. Iranduba: ribeirinhos na travessia produzida – análise de um projeto de Estado para populações rurais no Estado do Amazonas. Dissertação (mestrado)-Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1990.

CIORAN, Emile. M. História e utopia. Traduzido por José Thomas Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CONCEIÇÃO, Maria de Fátima C.; MANESCHY, Maria Cristina A. Tradição e mudança em meio às populações tradicionais da Amazônia. In: Caminhos Sociológicos na Amazônia. Belém: editora universitária – EDUFPA, 2002.

DERRUAN, Max. Geografia Humana I. Traduzido por Helena de Araújo Lopes e Carlos D'Almeida Sampaio. Vol. 1. Lisboa: Editora Presença; São Paulo: Martins Fontes, s.d.

DIAS, Ednéia Mascarenhas. A ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920. Manaus: Editora Valer, 1999.

GALVÃO, Eduardo. Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Ita – Amazonas. São Paulo: companhia editora nacional, 1976.

GUEIROS, Dalva Azevedo. Família e proteção social: questões atuais e limites da solidariedade familiar. Revista Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Editora Cortez, nº 71, ano XXIII, Setembro, 2002.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. Traduzido por Carlos Nelson Coutinho. 7ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

IANNI, Octávio. A ditadura do Grande Capital. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1981.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. Traduzido por Rubens Eduardo Frias. 4º ed. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. A vida cotidiana no mundo moderno. Traduzido por Alcides João de Barros. São Paulo: Editora Ática, 1991).

LE GOFF, Jacques. O imaginário medieval. 2ªed. Portugal: editora Estampa, 1994.

LIMA, Araújo. Amazônia: a terra e o homem: com uma introdução à antropogeografia. Prefácio de Tristão de Athayde. 4ª ed. São Paulo: editora nacional; Brasília: INL, 1975.

LINS, José dos Santos. Estrada Manacapuru-Cacau Pirêra (AM-03). Manaus, 1965.

LOUREIRO, Violeta Refkalesfsky. Pressupostos do modelo de integração da Amazônia brasileira aos mercados nacional e internacional em vigência nas últimas décadas: a modernização às avessas. In: COSTA, Maria José Jackson (org). Sociologia na Amazônia: debates teóricos e experiências de pesquisa, Belém: editora universitária – EDUFPA, 2001.

MAIA, Álvaro. Banco de canoas: cenas de rios e seringais do Amazonas. 2ª ed. Manaus: editora da Universidade do Amazonas, 1997.

MARTINS, José de Souza (org.) Introdução crítica à sociologia rural. 2ª ed. São Paulo: editora Hucitec, 1986.

MORIN, Edgar. O método 4: as idéias – habitat, vida, costumes, organização. Traduzido por Juremir Machado da Silva. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. Cultura de massa no século XX: necrose. Traduzido por Agenor Soares Santos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003.

_____. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 9ªed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2004.

_____. In: Ensaio de Complexidade. 3ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

OLIVEIRA, José Aldemir de. Cidades na Selva. Manaus: editora Valer, 2000 a.

_____. Urbanização da Amazônia: novas integrações e velhas exclusões. In: OLIVEIRA e GUIDITTI (org). A igreja arma sua tenda na Amazônia. Manaus: editora da Universidade do Amazonas, 2000 b.

_____. Manaus de 1920 a 1967: a cidade doce e dura em excesso. Manaus: editora Valer/Governo do Estado do Amazonas/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

PIMENTEL, Silvia. Perspectivas jurídicas da família: o novo código civil e a violência familiar. Revista Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Editora Cortez, nº 71, ano XXIII, Setembro, 2002.

PINHEIRO Maria Luiza Ugarte. A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899 – 1925) 2ª ed. Manaus: edições governo do Estado do Amazonas/ Secretaria do Estado de Cultura/ Editora da Universidade Federal do Amazonas/ Universidade do Estado do Amazonas, 2003.

PINTO, Renan Freitas. Geografia do exótico. Leituras da Amazônia: revista internacional de arte e cultura / publicação do Instituto de Ciências Humanas e Letras: Mestrado de Letras e Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas e Universidade Stendhal-Grenoble 3 – CRELIT. Ano 1, nº1 (abril, 1988 / fevereiro, 1999). Manaus: Editora Valer, 1999.

POCHMANN, Marcio. A metrópole do trabalho. São Paulo: Brasiliense, 2001.

REIS, Arthur César Ferreira. O seringal e o Seringueiro. 2ª ed. Manaus: editora Universidade do Amazonas, 1977.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. 5ªed. São Paulo: Cortez, 2005 a.

_____. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2005 b.

SANTOS, Francisco Jorge dos. Além da conquista: guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SCHWEICKARDT, Júlio César. Magia e religião na modernidade: os rezadores em Manaus. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.

SPOSATI, Aldaíza. Assistência Social: Desafios para uma Política Pública de Seguridade Social. In: Cadernos da Abong. São Paulo: Abong, 1995.

STERNBERG, Hilgard O'Reilly. A água e o homem na várzea do Careiro. 2ed. Belém: Museu paraense Emílio Goeldi, 1998.

SZYMANSKI, Heloisa. Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. Revista Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Editora Cortez, nº 71, ano XXIII, Setembro, 2002.

THOMPSON, E. P.A. A Formação da Classe Operária Inglesa II. Tradução de Renato Busatto Neto e Claudia Rocha de Almeida. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P.A. O termo ausente: experiência. In: Miséria da Teoria: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TOCANTINS, Leandro. O rio comanda a vida. Uma interpretação da Amazônia. Rio de Janeiro, Biblioteca do exército, 1973.

TORRES, Iraildes C. Processos sociais e culturais das populações indígenas na Amazônia. In: Revista da Associação dos Pós-Graduandos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (APG/PUC-SP), São Paulo: a Associação, v.1, nº 28, ano XX, 2002.

_____. Reconstruindo a imagem da mulher amazônica. (Tese de doutorado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

_____.As novas amazônidas. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005a.

_____. Noção de trabalho e trabalhadores na Amazônia. In: Somanlu: revista de estudos amazônicos do Programa de Pós Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 4, nº 2, Jul/dez 2004 .Manaus: Edua, (publicado em 2005b).

VIANNA, Oliveira. Populações Meridionais do Brasil: história, organização, psicologia. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia/Editora da Universidade Federal Fluminense, 1987. v.1. (Coleção Reconquista do Brasil)

VITALE, Maria Amalia Faller, Famílias monoparentais: indagações. Revista Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Editora Cortez, nº 71, ano XXIII, Setembro, 2002.

WAGLEY, Charles. Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos. 3ªed. Belo Horizonte, Itatiaia: São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1988.

WITKOSKI, Antonio Carlos. Terra, floresta e água: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: Edua, 2006. (Série: Amazônia: A terra e o homem).

DOCUMENTOS CONSULTADOS

IBGE. Censo Demográfico 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

IBGE. @cidades. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 16 de janeiro 2005.

INCRA. Relatório do PIC- Bela Vista. Manaus, 1977.

IPAAM. Mapas e imagens da cidade de Manaus e do município do Iranduba, 2006.

PETROBRÁS. Instituto de Geodésia. Mapa da Amazonas, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRANDUBA. Secretaria Municipal de Assistência Social. Plano Plurianual de Assistência Social, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRANDUBA. Estudos de diagnóstico do município de Iranduba com diretrizes de desenvolvimento sustentável. Vol1. Manaus, 2002.

SUFRAMA. Superintendência da Zona Franca de Manaus. A SUFRAMA e o pólo industrial de Manaus. Manaus, 2000.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu _____

concordo em participar, por minha livre e espontânea vontade, da pesquisa **“FRONTEIRAS DA VIDA: O TRADICIONAL E O MODERNO NO CACAU PIRÊRA/ IRANDUBA”** que está sendo realizada por Hamida Assunção Pereira, Assistente Social e mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas.

Esta pesquisa torna-se importante para a análise das influenciadas que o processo de modernização/urbanização da cidade da Manaus exerce sobre os estilos de vida das populações tradicionais amazônicas e principalmente sobre suas formas de trabalho e estratégias de sobrevivências. A pesquisa tem por objetivos:

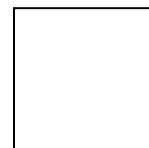
- ✓ Apontar as mudanças que vêm ocorrendo nas formas de trabalho da população residente no Cacau Pirêra, município de Iranduba;
- ✓ Estabelecer o perfil etnográfico da localidade.
- ✓ Perceber as possíveis mudanças dos modos de vida e de trabalho dos moradores do Cacau Pirêra, ocasionadas pela proximidade da cidade de Manaus;

Estando ciente dos objetivos da pesquisa, a pesquisadora me informou que serei indagado sobre questões referentes aos meus modos de vida, de trabalho e acerca de minha comunidade. Fui informado também que tenho pleno direito de não responder a qualquer uma das perguntas se não me sentir à vontade e que em qualquer momento da pesquisa posso fazer a opção de não participar mais. Sei ainda que posso me comunicar a qualquer momento com a pesquisadora responsável para tirar dúvidas, pelos telefones (92)9152 6088/3236 0321, e que meu nome será mantido em sigilo a não ser que eu permita a divulgação.

Tenho ciência de que esta pesquisa pertence à área das Ciências Sociais Aplicadas, não constituindo qualquer risco à minha vida, à minha saúde ou à saúde de outros participantes ou pessoas próximas.

Data:

Assinatura do Participante _____



Assinatura da Pesquisadora _____

(1ª) via – participante da pesquisa

(2ª) via – pesquisadora

1.7 O senhor reside com?

- Esposa (o) e filhos amigos
 Mãe e pai sozinho
 Filhos outros: _____
 Pais e filhos

1.8 O (a) senhor (a) trabalha?

- Não. Por que?

Sim. O que o senhor faz? E onde trabalha? _____

1.9 Quantos maiores de 18 anos trabalham e em que?

2.0 Quantos menores de 18 anos trabalham e em que?

2.1 O (a) senhor (a) e seus familiares trabalham aqui mesmo no Iranduba ou tem alguém que trabalha em Manaus?

2.2 O (a) senhor (a) ou alguém de sua família exerce alguma outra atividade ou recebe algum auxílio (aposentadoria, Benefício de Prestação Continuada, Bolsa-família, etc) que complemente a renda familiar?

2.3 Você ou algum de seus familiares está trabalhando de carteira assinada?

- Sim. Quantas pessoas? _____
 Não

2.4 A renda familiar fica em torno de quantos Reais?

- Menos de um salário mínimo (inferior a R\$ 300)
- Um salário mínimo (R\$ 300)
- De dois a três salários mínimos (R\$ 600 a 900)
- De três a cinco salários mínimos (R\$ 900 a 1500)
- De cinco a sete salários mínimos (R\$ 1500 a 2100)
- Sete ou mais salários mínimos (acima de R\$ 2100)

EXPERIÊNCIA DE TRABALHO

2.5 O (a) senhor (a) pesca?

- Sim. Onde? E o que o senhor faz com o pescado? _____

- Não. Por que? _____

2.6 Tem incentivo do governo para o pescado?

- Sim. Qual: _____

Não

2.7 Que instrumentos são utilizados na atividade de pesca?

2.8 As mulheres participam das atividades de pesca?

- Sim. O que elas fazem? _____

- Não. Por que? _____

2.9 Que trabalho faz os homens na atividade de pesca? Comente.

3.0 O (a) senhor (a) tem alguma plantação no quintal ou em outro lugar (sítio, terreno etc)?

() Sim. Onde? E o que faz com os produtos (vende, troca ou consome)? _____

() Não. Porque? _____

3.1 Quantas famílias vivem da agricultura no Cacau Pirêra?

3.2 Existe alguma organização de agricultores aqui?

() Não () Sim. Você participa? _____

3.3 De onde vem os alimentos consumidos na sua casa?

() Cacau Pirêra

() Centro do Iranduba

() Manaus

() Outro lugar. Qual: _____

3.4 Quais as principais atividades econômicas (trabalho) realizadas pelos moradores do Cacau Pirêra?

3.5 O que os moradores fazem de trabalho durante a seca?

3.6 O que os moradores fazem de trabalho durante a cheia?

3.7 Quais as maiores dificuldades que você enfrenta para realizar o seu trabalho?

3.8 É mais fácil conseguir trabalho aqui no Cacau Pirêra, no centro de Iranduba ou em Manaus?

SONDAGEM ESPECÍFICA

3.9 Quando o (a) senhor (a) precisa comprar alguma coisa que não tem aqui no Cacau Pirêra o senhor vai ao centro do Iranduba ou a Manaus? Por quê?

4.0 Quando alguém adoecer em casa o que vocês fazem? Aonde recorrem primeiramente? (plantas medicinais, benzedeira, posto de saúde do local ou de Manaus).

4.1 O (a) senhor (a) costuma ir a Manaus?

() Sim. Com que frequência e para fazer o que? _____

() Não. Por que? _____

4.2 Como é a vida social aqui? (pode marcar mais de uma opção)

() Reúne à noite para conversar com parentes, amigos e vizinhos

() Não conversa com vizinhos, amigos e conhecidos

() Joga bola

() Vai a Igreja

() Conversa com vizinhos, amigos e conhecidos frequentemente

() Participa de festa religiosas (de santo, arraial ou quermesse)

() Atua em movimentos sociais (forró, bregas etc)

() Vai a festas noturnas

() Outros: _____

4.3 O que o (a) senhor (a) acha da vida aqui no Cacau Pirêra? Como é a vida aqui?

4.4 Se o (a) senhor (a) pudesse escolher onde moraria em Manaus, no Iranduba ou aqui (Cacau Pirêra)? Comente.

4.5 O que o (a) senhor (a) acha da vida na cidade?

4.6 Para o (a) senhor (a) a cidade é?

4.7 O (a) senhor (a) tem vontade de morar em Manaus? Por que?

4.8 O (a) senhor (a) mora entre Manaus e o Iranduba, de qual dos dois municípios você se sente mais próximo?

4.9 O (a) senhor (a) se identifica como habitante da cidade ou do interior? Comente.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM PESSOAS-FONTES

**PESQUISA: FRONTEIRAS DA VIDA: O TRADICIONAL E O MODERNO NO CACAU
 PIRÊRA/IRANDUBA**

Informante - Sexo () masculino ()Feminino Idade _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____ Estado civil: _____

Local onde nasceu: _____ Descendência: _____

- 1) Quantas pessoas residem na sua casa? Quem são?
- 2) Quem é o provedor principal da casa?
- 3) Quantos trabalham na casa? Quem são e onde trabalham?
- 4) Antes de morar no Cacau Pirêra em que a família trabalhava? Quais eram as formas de trabalho?
- 5) Há quanto tempo o (a) senhor (a) mora aqui no Cacau Pirêra? Porque veio para esta localidade?
- 6) Quando o (a) senhor (a) veio para cá já havia muitas famílias morando aqui? Quantas?
- 7) O (a) senhor (a) lembra como era a prática cotidiana dos moradores naquela época?
- 8) Na época em que o (a) senhor (a) chegou aqui as pessoas trabalhavam com o que?
- 9) Como era a vida em comunidade naquela época? (relações de vizinhança, festas, atividades de lazer)
- 10) As famílias que aqui moravam na época em que o (a) senhor (a) veio para cá ainda residem aqui? Em caso negativo, para onde elas foram?
- 11) Como era realizada a atividade de pesca naquela época? E agora como está a pesca?
- 12) Quais são as principais formas de trabalho existentes hoje no Cacau Pirêra?
- 13) O que significa olaria na vida dos moradores do Cacau Pirêra? Qual a importância das olarias para a vida dos moradores dessa localidade?
- 14) Qual é a forma de trabalho predominante: rural ou urbano?
- 15) O (a) senhor (a) costuma pescar? Onde? Em caso negativo, por que não pesca?
- 16) O (a) senhor (a) tem alguma plantação? O que significa plantação para o (a) senhor (a)?
- 17) O (a) senhor (a) cria patos, galinha, porco ou outro animal? Comente.

- 18) A cheia e a seca modificam em que a sua vida? O (a) senhor (a) realiza atividades de trabalho diferenciadas de acordo a subida e a descida do rio? Comente.
- 19) O que o (a) senhor (a) faz quando não está trabalhando? (horas vagas)
- 20) O (a) senhor (a) gosta de viver aqui no Cacau Pirêra? Como é a vida em comunidade nos dias atuais?
- 21) Quais as principais dificuldades de se viver aqui no Cacau Pirêra?
- 22) Quais as vantagens em morar no Cacau Pirêra?
- 23) O (a) senhor (a) tem vontade de se mudar daqui? Para onde?
- 24) Na sua opinião o que leva alguns moradores a procura a cidade de Manaus? Quais as vantagens de morar em Manaus?
- 25) Se pudesse moraria em Manaus? Por que? É melhor aqui ou lá?
- 26) Quando o (a) senhor (a) vai a Manaus o que costuma fazer lá?
- 27) O que o (a) senhor (a) pensa da vida na cidade? O que é viver na cidade?
- 28) Qual é a diferença, na sua opinião, entre morar na cidade e no interior?
- 29) O (a) senhor (a) mora numa área situada entre os municípios de Iranduba e de Manaus, de qual dos dois você se sente mais próximo? Em qual deles o (a) senhor (a) vai com maior frequência?
- 30) A cidade de Manaus diz alguma coisa para o (a) senhor (a), lembra algo ou aponta expectativa? Comente.
- 31) O que mudou no Cacau Pirêra nos últimos dez anos?
- 32) O que ainda precisa mudar?
- 33) O senhor gostaria de falar mais alguma coisa sobre a sua vida (trabalho, perspectivas futuras, diversões etc) que não tratamos ainda?